

The background of the cover is a soft, painterly illustration. It depicts a couple sitting on a grassy bank, looking across a body of water at a distant city skyline. A large tree with green leaves is on the right, and a street lamp is on the left. The title 'a menina da saia ROSA' is written in a mix of black and pink fonts, with 'ROSA' being the most prominent. The author's name 'ELILENE ARAÚJO' is written in pink below the title. A pink dotted line loops around the title and author's name. A small pink dragon logo is at the bottom center.

a
menina
da saia
ROSA

ELILENE ARAÚJO





A Menina da Saia Rosa

Por
Elilene Araújo

Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mirella Santana

Revisão
Susana Silva

Diagramação
Layon Rodrigues

Editor
Josué Matos

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773

869.93 Araújo, Elilene
A663 A menina da saia rosa / Elilene Araújo. _ Rio de Janeiro: Pendragon, 2017.

ISBN

1. Literatura brasileira 2. Romance I. Título.

CDD: 869.93

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa.
Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil

Agradecimentos

Primeiro, quero agradecer a Deus, por essa conquista em minha vida.

“A menina da saia rosa”, é um romance apaixonante, envolvente, não poderia ter sido escrito sem o apoio da minha família, que tanto me ajudou nessa caminhada. Minha mãe Maria que tanto se preocupava por eu não dormir à noite para escrever, mas que no final valeu a pena passar aquelas noites em claro, e minhas inigualáveis irmãs: Eleuda, Eolete (Helena ao qual leva o nome da minha personagem). Meus irmãos: Pedro, Evanildo que tanto se orgulham de mim. E aos meus sobrinhos, em especial Simone que vivia na expectativa de ver esse livro sendo publicado.

Também quero agradecer ao Josué Matos, meu editor ao qual tenho minha eterna gratidão, uma pessoa incrível e que me ajudou muito. À editora pendragon que pôde fazer desse sonho possível. Susana Silva que fez um excelente trabalho ao revisar meu livro, só tenho que agradecer, essa pessoa maravilhosa e muito competente.

Às minhas lindas amigas Laysa Karoline, Raquel e Thaynan, que tanto torceram por mim, e sonharam junto comigo. E ao meu eterno amigo Wilton que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

Capítulo I

Na noite de 15 de Maio de 2010, Helena encontrava-se no interior de um teatro, mais precisamente no camarim, sentada em uma cadeira, de frente para o espelho dando o último retoque na maquiagem. Ela passava o batom delicadamente em seus lábios e olhava fixamente para seu reflexo no espelho. Helena achava-se bastante elegante e usava um belíssimo vestido longo preto, seus cabelos soltos, presos apenas de um lado com uma fivela cheia de pedras brilhantes, faziam com que mantivesse seu estilo pessoal. Preparava-se para uma grande apresentação e estava deveras ansiosa. Foi interrompida com o barulho das batidas na porta. Levantou-se para verificar do que se tratava. Quando abriu, deparou-se com seu pai, que a olhou dos pés à cabeça, admirado pela sua dedicação.

— Faltam alguns segundos para começar a apresentação, querida. Tudo bem?

— Sorriu para ela.

— Sim. — Retribuiu o sorriso, mas encabulada.

— Ótimo! — continuou ele com um sorriso no rosto, admirado com a beleza da filha.

Carlos vestia-se formalmente e também se encontrava satisfeito com a presença da filha ali ao seu lado. Não estava nem um pouco ansioso já que tinha costume de fazer aquelas apresentações, pois sua vida fora sempre assim. Já para Helena, aquilo não era nada fácil, não conseguia ficar tranquila como seu pai, sabia que todas aquelas pessoas permaneciam ali para vê-la e sabia que, quando subissem naquele palco, todos os olhares estariam voltados para ela. Naquela noite seria apresentada como a filha do concertista Carlos Vasconcelos. Falar da técnica e da musicalidade de seu pai era extraordinário,

visto que ele tocava piano com sentimento, emoção, entusiasmo, isso era perceptível assim que ele subia ao palco para se apresentar. Via-se nele a dedicação e o amor pela música, por isso tinha uma carreira brilhante, assim sendo havia nele uma qualidade especial de ser que acabava transmitindo para as pessoas.

Helena levantou da cadeira e contou até dez, respirando fundo. Abriu a porta do camarim e com um largo sorriso no rosto foi em direção ao palco, puxou um pouco a cortina para que ninguém a visse. Constatou nesse momento que o teatro encontrava-se lotado. Sentiu suas mãos trêmulas e frias, mas mesmo estando nervosa sentia-se confiante, porque já tinha por costume fazer apresentações em palco. Aquela sensação era passageira, e por ela ter ensaiado como ensaiou, tudo sucederia às mil maravilhas. O problema é que começava a ficar com um friozinho na barriga, mas também era uma responsabilidade grande tocar piano ao lado do seu pai. Fechou o cortinado voltando imediatamente para o camarim. Quando entrou viu que Paulo se encontrava sentado com as pernas cruzadas lendo o roteiro das músicas. Ela puxou a cadeira e sentou-se de frente para ele, segurando sua mão.

Estou começando a ficar nervosa. — E fez uma careta.

— É normal, Helena. Quando você ouvir todos aqueles aplausos pra você, esse nervosismo vai embora e teu pai vai sentir ainda mais orgulho de você do que ele já tem. — Encorajou-a piscando o olho.

— Acho que não, Paulo. — Franziu as sobrancelhas sentindo-se duvidosa.

— Você está elegante, agora vai lá e arrase — disse ele beijando sua mão e apertando.

Helena levantou-se da cadeira e deu-lhe um abraço. Paulo era o melhor amigo e também “meio que empresário” do seu pai Carlos, que se preparava

para bater na porta do camarim, quando Helena a abriu, dando de cara com ele. Carlos deu um beijo no rosto dela, segurou sua mão e foram caminhando de mãos dadas até ao palco.

Os dois sentaram-se ao piano, ele piscou o olho direito para ela que sorriu com a atitude brincalhona do pai. Então começaram a tocar as composições que foram bem escolhidas por ele, Carlos sabia a música que o público gostava de ouvir e sempre vibrava quando ele começava. Tocaram as melhores de Beethoven: "Sonata ao Luar", "Sinfonia Pastoral" e "Ode à alegria", "Mozart: Sinfonia n. 36", "Linz, Sinfonia n. 39, K. 543" "Sinfonias n. 40", e "Chopin: Noturno op. 9 n 2", a "Valsa op. 81 n1". Helena ensaiou bastante, conhecia cada nota devidamente, seu pai não conseguia esconder seu orgulho e não parava de olhar para ela e sorrir. Helena sentiu seu coração bater acelerado, era uma emoção que não cabia no peito. Estar ali sentada ao lado de seu pai tocando piano para todas aquelas pessoas, era algo fascinante que não sabia explicar.

Nessa noite, Helena tocou piano como nunca havia tocado na vida, sentia-se como se estivesse flutuando, só se sentiu nervosa porque iria tocar justamente ao lado de seu pai, e era a primeira vez que tocavam juntos em um concerto para tantas pessoas. Helena ficou muito emocionada, pois Carlos apoiou-a. Com certeza, se não fosse por ele, não estaria ali naquele palco e tocando com tanta dedicação e amor.

Quando terminou a apresentação todas as pessoas aplaudiram de pé. Carlos levantou do banco aplaudindo a filha, em seguida abraçou-a dando um beijo em seu rosto.

Esses aplausos são pra você, minha vida — falou quase sussurrando ao seu ouvido.

Pra mim? Acho que não papai, o senhor foi maravilhoso como sempre — disse beijando seu rosto.

E você também, meu amor. — Virou para olhá-la e sorriu.

Helena virou e abraçou-o bem forte.

Muito obrigada por fazer dos meus sonhos realidade, você sabe do que estou falando. — Segurou sua mão olhando-o com sinceridade.

Obrigado você por fazer parte da minha vida, agora vamos lá cumprimentar as pessoas que vieram aqui nos prestigiar. — Beijou seu rosto.

Eles desceram do palco. Carlos não saía do lado da filha, que foi muito prestigiada e elogiada pelas pessoas que se aproximavam para cumprimentá-la. O teatro estava lotado, e todos os amigos de Helena da universidade foram parabenizá-la. Ela agradeceu a todos por estarem ali compartilhando daquele sonho com ela. “Foi ótimo”, pensava enquanto caminhava em direção dos seus amigos, e achou engraçado como eles faziam fila para a felicitar.

Helena colocou as mãos no rosto e começou a sorrir.

Mas por que vocês estão em fila? — perguntou encabulada.

Luiza correu para abraçá-la.

Você ainda pergunta? Estamos de frente para uma artista, isso é normal. — E virou de frente para olhá-la.

Obrigada Luiza, estou me sentindo uma verdadeira artista. Olha só, estou sendo parabenizada por pessoas que nunca vi. Ganhei até flores! — E mostrou-lhe um buquê de rosas.

E como você se sentiu estando lá no palco ao lado do teu pai? — falou Luiza

entusiasmada com o nível de habilidade da amiga.

Foi lindo, parecia que eu estava num conto de fadas. — E deu uma risada.

Carlos aproximou-se cumprimentando seus amigos, depois virou o rosto para olhá-la.

Estou imensamente orgulhoso de você. — Tocou em seu ombro.

E eu de você, papai. — Segurou a mão dele e beijou.

De repente, sua mãe ficou em pé à sua frente com os braços abertos.

Eu posso dar um abraço na minha pianista preferida? — Virou a cabeça olhando-a de lado.

Mãe! — gritou Helena correndo para abraçá-la. Estou tão emocionada — disse colocando os braços em volta de Leticia.

Que bom, meu amor, você merece. Então, vamos sair pra jantar? — Passou a mão em seu rosto.

Claro que sim! — Helena virou-se para se despedir abraçando cada um dos seus amigos, em seguida saiu com sua família. Os cinco andavam lado a lado, Carlos pegou o carro. A mãe de Helena sentou-se ao lado do condutor, Helena ficou entre os irmãos apoiando a cabeça no ombro de Heitor. Ela fechou os olhos lembrando-se de cada detalhe daquela noite maravilhosa.

A noite estava fria e úmida, o céu cinzento e nublado, mas não chovia, apenas podiam sentir o vento frio tocar seus rostos. Mesmo aquela frieza e o céu carregado de nuvens cinzentas não atrapalharam os planos daquela família que se sentia extremamente aprazível. Eles foram para um restaurante bem

confortável. Helena sentia-se radiante e sorria cheia de vida. O seu riso era algo tão contagiante que chamava a atenção de quem estava presente. Ela não parou de agradecer seu pai por tamanho amor, carinho e sempre lutar para fazê-los felizes.

Leticia olhou para o marido e sorriu sentindo-se também agradecida por ele cuidar, proteger e amá-los tanto. Carlos pegou uma taça de champanhe para brindar por aquela noite espetacular ao lado de sua família, todos levantaram suas taças e tocaram umas nas outras.

Hélton balançou a cabeça, insatisfeito pelo pai não o ter deixado beber champanhe. Ao invés disso, colocou água na sua taça. Todos se riram dele por fazer um gesto estranho com a boca. Hélton só tinha quatorze anos, e para Carlos continuava sendo uma criancinha, mas naquela noite não iria questionar a atitude de seu pai, pois sabia que de certo modo ele não estava errado.

Quando retornaram para casa, Helena foi direto para seu quarto, só queria descansar. Estava exausta, mas acima de tudo, realizada e feliz por ter conseguido apresentar-se deslumbrantemente naquele teatro e encher seu pai de orgulho. Tirou a roupa e entrou no banheiro. Quando saiu do banho, enrolou-se na toalha e foi até ao quarto, onde colocou um pijama deitando-se na cama e apagando a luz do abajur. Assim que sua cabeça pousou no travesseiro, seus olhos fecharam-se e ela adormeceu.

Capítulo II

Helena era uma garota de dezessete anos de idade, tinha paixão pelo que fazia, um dos seus sonhos para o futuro era ser uma pianista reconhecida pelo mundo. Desde cedo, seu pai mostrou-lhe que ela tinha que fazer o que gostava, não importando sua profissão. Qualquer que escolhesse para si, o importante para Carlos, era que fizesse com amor e que se sentisse feliz. Como Helena desde tenra idade gostava de tocar piano, quando cresceu decidiu que seria pianista. Por isso Carlos empenhou-se em ajudá-la no que fosse preciso. A música era algo fascinante para ela e sabia que além de ter talento era preciso ter amor, inspiração e muita emoção, por isso fazia de tudo para materializar esse sonho que trazia com ela desde a sua infância.

Helena adorava ficar em casa, sabia selecionar bem seus programas para serem feitos na companhia de seus irmãos, era mais prazeroso do que estar em qualquer outro lugar. Leticia às vezes reclamava com a filha dizendo que tinha que aproveitar a vida saindo mais de casa e divertindo-se com os seus amigos, mas Helena sempre preferia aquele bom livro para ler, ou um programa televisivo, ou simplesmente ficar sozinha curtindo as coisas que a satisfaziam, como por exemplo, sentar ao piano e cantar para sua família que era sua plateia preferida. Gostava de ficar no seu quarto ouvindo músicas, suas preferidas eram MPB. Divertia-se muito assistindo filmes e conversando com os seus irmãos.

Há um ano Helena conheceu um rapaz chamado Rafael, era pianista igual ela, no aniversário de dezoito anos de Luiza. De cara, os dois perceberam que tinham muitas coisas em comum, trocaram telefone, e sempre conversavam, até que Rafael a pediu em namoro. Helena gostava dele e admirava-o bastante por ser tão esforçado e dedicado, apesar de não ter uma vida tão

fácil, uma vez que morava sozinho com o pai que era professor de violão e dava suas aulas em casa mesmo, visto que não tinha emprego. Foi muito triste saber que Rafael e o pai haviam sido abandonados pela mãe dele, mesmo isso tendo acontecido quando ele ainda era uma criança, não fez com que crescesse e se tornasse uma pessoa amargurada ou rancorosa, muito pelo contrário, Rafael estudava, e cada dificuldade que encontrava em seu caminho era um desafio a ser superado. Ele fazia Helena se sentir bem, conversar com ele era algo fácil, pois as palavras fluíam. Antes de Rafael conhecer Helena, havia se inscrito para concorrer a uma bolsa de estudos. Passados alguns meses foi o escolhido e ganhou a bolsa de estudos para ir morar nos Estados Unidos. Assim que soube, Helena ficou extremamente feliz por Rafael ter conseguido algo que ele próprio achava quase impossível de acontecer.

Quando ele partiu, logo nos primeiros meses sempre achava um jeito de ligar e conversar com Helena. Os dois falavam-se todos os dias. No início era bom, ela encantava-se com as histórias que Rafael contava e emocionava-se com o entusiasmo dele. Só que depois de alguns meses os assuntos não faziam mais sentido e Helena percebeu que eles não conversavam mais com tanta empolgação, pouco a pouco estavam se distanciando.

Helena vivia tão ocupada, fazendo trabalho da universidade, treinando ao piano, ou ensaiando para alguma peça, que quando Rafael ligava, ela estava atarefada. A mesma coisa acontecia quando ela resolvia comunicar com ele, e mal respondia às perguntas que ela fazia. Então os dois resolveram terminar o namoro e virarem ótimos amigos. Prometeram contar um ao outro quando conhecessem alguém especial.

Em uma manhã de domingo, Helena estava deitada no sofá de sua sala, lendo um livro, quando o telefone tocou, ela levantou estendendo o braço para

pegá-lo.

Alô! — Coçou os olhos.

Oi, é o Rafael.

Oi Rafael, tudo bom? — E sentou-se passando a mão nos cabelos.

Sim, não posso demorar muito, liguei só pra te contar uma novidade.

Hum, que novidade? — Deu um sorriso.

Rafael sorriu.

Fala Rafael, agora fiquei curiosa. E fez uma pausa.

Helena, arrumei uma namorada, ela é uma brasileira e veio fazer intercâmbio aqui nos Estados Unidos. Eu e Karine nos conhecemos no alojamento da escola, foi engraçado o modo que nos encontramos, eu estava tentando ler um comunicado na parede, mas o meu inglês é péssimo, então percebi alguém sorrindo de mim. Ela se aproximou, leu o aviso e virou para mim com a mão estendida, nos apresentamos, naquele momento me senti feliz por não estar tão sozinho e perdido. Estar em um lugar tão diferente do seu fez eu me sentir assim, agradei pela gentileza dela e foi isso, depois disso passamos a sair, conversar e por fim acabamos namorando disse enfim.

Por um instante Helena não soube o que dizer ficando em silêncio.

Alô! Tem alguém aí? — Brincou Rafael percebendo o desconforto dela.

Sim — falou com a voz embargada.

Tudo bem, Helena?

Claro, desculpa, foi uma notícia inesperada, mas que bom! Fico feliz por você.

Muito obrigado, Helena. Desejo tudo de bom pra você, agora tenho que desligar.

Tchau Rafael, um abraço.

Outro.

Helena ficou em choque após aquela chamada, pois Rafael confessou com tanta naturalidade que estava namorando, que era impossível não ter ficado atônita. Aquela notícia deixou-a boquiaberta, por isso levou um susto e sentiu seu coração bater acelerado. Achou estranho, uma vez que no fundo do seu coração sabia que uma coisa dessas acabaria acontecendo, então por que ficara daquela maneira? Se eles decidiram ser amigos. No entanto, ela não esperava que acontecesse rapidamente, por isso fingiu agir com espontaneidade. “Espero que ele não tenha percebido meu constrangimento, mas tudo bem, sem ressentimento”, pensava ela deitada no sofá com o livro aberto em seu peito.

Depois daquela informação, Helena não conseguia concentrar-se na leitura, precisava conversar com sua mãe. Quando levantou do sofá foi até à cozinha contar a novidade para Leticia, mas não sabia como o fazer, ficou em pé na porta esperando que sua mãe virasse o rosto para olhá-la.

Você quer alguma coisa, querida? — E puxou uma cadeira sentando-se.

Helena suspirou olhando para o teto.

A senhora acredita que o Rafael já arrumou uma namorada? — disse de uma vez, caminhando e sentando-se ao lado da mãe.

Sério? — disse Leticia incrédula olhando-a.

Seríssimo, ele acabou de me telefonar, ligou apenas para me dar essa

novidade. — E fez uma cara sem graça.

E como você reagiu?

Bem, apesar de ter sido pega repentinamente, acho que o Rafael não era o grande amor da minha vida. O meu grande amor deve estar por aí em algum lugar. — E sorriu.

Não duvida, minha filha, acho até que ele está à sua procura.

Leticia levantou da cadeira dando um beijo no topo da cabeça da filha e virou o rosto sorrindo da conversa dela.

Helena voltou para o sofá deitando-se, colocou o livro aberto em seu peito e pôs-se a pensar, dado que sempre ouviu as amigas falarem de quando haviam se apaixonado pela primeira vez, que sentiram seu coração bater mais forte e que dava um friozinho na barriga. Ao mesmo tempo em que suas mãos ficavam geladas você sentia seu rosto ficar quente. Estranho tudo isso, por que nunca havia se sentindo assim por Rafael, seria de fato apaixonada por ele? Ou apenas o achava bonito, inteligente e também por dividirem dos mesmos sonhos? Não, não era amor o que sentia por Rafael e sim uma profunda admiração. Ela pegou o livro e pôs-se a ler. Depois que conversou com a mãe sentia-se mais aliviada.

Capítulo III

Dois meses depois, Carlos estava em um concerto no teatro Municipal. Quando terminou a apresentação foi falar com os convidados, mas de repente foi surpreendido por um homem muito educado e bem vestido, de aparência jovem. Era um pouco alto, de pele clara e cabelos escuros, ele aproximou-se estendendo a mão e apresentando-se.

— Oi, prazer em conhecê-lo, me chamo Mauro, sou diretor de teatro.

— Olá, sou o Carlos.

— Você é um excelente pianista, estive no seu concerto quando tocou com sua filha, foi maravilhoso.

Obrigado pela gentileza.

Fiquei sabendo que a sua filha além de pianista canta muito bem e também é atriz — indagou Mauro.

Carlos olhou para Mauro com um largo sorriso no rosto.

— É verdade, minha filha sem dúvida é maravilhosa, mas eu sou suspeito pra falar. — E sorriu.

Então, o diretor explicou para Carlos o que de fato queria e pôs a mão em seu ombro puxando-o para mais perto.

— Olha Carlos, eu não vim aqui à toa, gostaria de conversar com você, pois estou montando uma peça de teatro, um musical na verdade. Estou precisando de uma atriz que, além de atuar saiba cantar, porque quero que ela seja a atriz principal dessa peça, por isso vim essa noite até aqui. Gostaria de convidar sua filha para participar desse musical, tem como você levá-la amanhã aqui nesse endereço? Se ela tiver interesse, é claro.

Mauro deu seu cartão para Carlos que olhou e sorriu animado.

— Sim claro, com todo o prazer. Eu a levarei amanhã, pode ter certeza — confirmou, pegando em seu ombro.

Estarei aguardando, tenha uma boa noite — disse Mauro estendendo a mão novamente para Carlos.

Você também — Sorriu amigavelmente.

Quando Carlos chegou a sua casa, deixou o carro na garagem e abriu a porta entrando devagar. Helena encontrava-se sozinha na sala deitada no sofá, já passava das 23h00min e todos tinham ido dormir. Ela, como sempre ficava esperando pelo pai, pegou um livro para ler enquanto o aguardava. Quando Carlos entrou na sala foi até perto de Helena e disse:

Oi, minha vida. Já lhe disse que não precisa me esperar acordada. — Sentou-se ao seu lado.

— Não tem problema, papai, queria ver você chegar. Fico mais tranquila. Se eu for dormir, não vou conseguir, por isso fico aqui lhe esperando. Como foi o concerto? — Ela sentou-se.

— Tá certo então, não sei por que me surpreendo, pois sei que vou te encontrar acordada mesmo. O concerto foi ótimo — disse sorrindo.

— Por que o senhor está sorrindo? Aconteceu alguma coisa? — Ela olhou para ele, curiosa.

Aconteceu sim, tenho uma novidade pra te contar.

— Fala então. — Virou-se para ficar de frente para ele.

— Hoje, no final da apresentação conheci um homem que veio conversar comigo muito entusiasmado, se apresentou como diretor de teatro. Ele se chama Mauro, também me disse que está montando um musical e vai precisar de uma atriz que saiba cantar divinamente. Adivinha quem foi que ele convidou pra ser a atriz principal dessa peça?

— Quem? Diz, papai! — E tocou em seu braço.

Carlos sorriu ao ver a curiosidade estampada no rosto da filha e deu uma gargalhada.

— Você, minha querida — contou enfim acabando com o suspense.

— Eu? — Gaguejou tapando a boca com a mão.

— Sim, você, e amanhã ele quer que você compareça ao teatro. — Carlos segurou sua mão beijando.

— Nossa! Que emoção, que notícia maravilhosa. — E pôs a mão no coração, olhando-o com carinho. — O Senhor vai comigo? — Fechou as duas mãos pedindo-lhe.

— Sim. Minha filha linda, aonde você for eu irei, para te apoiar e te dar força, sempre estarei ao teu lado. — Deu um beijo em sua testa.

Helena deu um abraço e um beijo em Carlos.

— Você quer comer alguma coisa? — sugeriu levantado do sofá, deu-lhe a mão e apertou-a.

— Não, pode ir dormir. Amanhã o dia vai ser cheio. Boa noite, minha querida.

— Boa noite, papai. — Levantou do sofá e os dois subiram para seus quartos

de mãos dadas.

Helena entrou no quarto e nessa noite demorou a dormir, estava ansiosa pensando como seria o dia seguinte, sentia-se satisfeita e devia aquela felicidade ao seu pai, mas é claro que aceitaria o convite para participar do musical, sempre quis participar de um e agora estava tendo essa chance, não a podia desperdiçar. Depois de muito pensar apagou a luz e adormeceu.

O inverno havia chegado à cidade de São Paulo, nesta manhã o céu estava cinzento e nublado, não demoraria a chover. Helena acordou cedo cheia de disposição, foi tomar banho, e quando voltou para o quarto colocou uma calça jeans, uma camisa de manga e um casaquinho estampado, calçou uma sapatilha, visto que queria causar uma boa impressão, e como seus cabelos eram compridos, fez um penteado prendendo-o e colocando para o lado. Estava se sentindo bem e confortável. Foi até à cozinha tomar café da manhã.

Helena achava-se alegre como sempre. Sua mãe permanecia sentada à mesa, junto com seus irmãos e o seu pai. Helena era muitas vezes a última a chegar à cozinha para as refeições, pois além de demorar no banho gostava de se arrumar e maquiar-se. Só andava bem vestida, aonde chegava sempre causava boa impressão. Além de ter uma beleza sem igual, era bastante simpática, gostava de fazer as pessoas se sentirem bem ao seu lado.

Helena aproximou-se da mesa dando um beijo no rosto de seus pais, sorriu para seus irmãos, deu bom dia a todos, sentou à mesa e tomou uma xícara de café bem quentinho com uma fatia de bolo de fubá. Ela adorava quando sua mãe fazia aquele bolo, só esta sabia fazer daquela maneira, tinha definitivamente as mãos de uma fada.

Quando terminou de tomar o café, voltou para o quarto, para terminar de se arrumar, perfumou-se, fez uma maquiagem simples e passou um pouco de gloss. Deu mais uma olhadinha no espelho se certificando que estava apresentável, sentia-se bem e confiante. Em seguida desceu as escadas correndo, não queria deixar seu pai esperando, visto que carregava um rótulo posto por seus irmãos, por ser sempre a última a sair de casa. Seu pai já lhe esperava no lado de fora da casa impaciente, Carlos ia se preparar para chamá-la quando ela apareceu na porta sorrindo.

— Nossa! Pensei que não vinha mais. — Caçoou ele colocando a mão dentro do bolso da calça.

Helena sorriu e deu-lhe um beijo no rosto.

Pronto, já estou aqui. Podemos ir agora — resmungou enquanto entrava no carro colocando o cinto de segurança.

Os dois seguiram em direção ao teatro. Carlos parou o carro em frente, Helena desceu e ele foi para o estacionamento. Ela ficou em pé na porta esperando pelo pai, quando retornou entraram juntos no teatro. Carlos sentou-se bem na frente, queria ficar por dentro do assunto. Helena criou coragem e subiu os três degraus que davam para o palco.

Capítulo IV

Quando Helena chegou já se encontravam reunidos os oitos atores que iriam participar do musical e o diretor, todos sentados em círculos. Quando se aproximou, observou que havia duas cadeiras vazias. Mauro chamou-a pedindo que sentasse ao lado de uma menina magra, de pele morena e cabelos cacheados. Deu bom dia e sentou-se. Mauro sugeriu que todos se apresentassem e que cada um falasse seus nomes.

— Oi, me chamo Bruno — disse um rapaz estendendo a mão para ela e sorrindo.

Era bem simpático, magro, de pele clara, e cabelos pretos, lisos e curtos.

— Olá, me chamo Felipe. — O rapaz esticou o braço para segurar sua mão.

Esse rapaz era mais sério e bonito, alto, magro, cabelos pretos lisos e curtos, e pele morena.

— Eu me chamo Eduardo, mas pode me chamar de Edu — anunciou um rapaz aproximando-se dela, abraçou-a e deu-lhe um beijo no rosto.

Eduardo era bastante engraçado, sorridente, extrovertido, alto, com o corpo atlético, pele clara, cabelo castanho e liso, e muito convencido também. Helena sentiu-se encabulada quando o abraçou, dando um sorriso tímido.

— Eu me chamo Isabeli. — A próxima a apresentar-se foi uma bela jovem que apenas acenou para ela de longe. Tinha a pele bem clarinha e parecia ser tranquila. O cabelo dela era comprido e encaracolado. Isabeli era muito bonita, alta e magérrima, possuía características de uma modelo.

— E eu me chamo Cinde — apresentou-se uma garota com um sorriso nos

lábios, virou-se e abraçou Helena.

Cinde era uma morena de cabelos cacheados, Helena havia se sentado ao lado dela, era bastante sorridente e solícita.

— E eu sou a Isadora — falou uma garota abraçando-a e continuou , você pode me chamar de Isa, porque é assim que me chamam por aqui.

Ela era muito bonita e dona de uma belíssima voz, tinha a pele clara e cabelos cacheados até aos ombros.

— Oi gente, é um enorme prazer conhecer todos vocês — disse Helena com um sorriso acolhedor.

Helena foi bem recebida por todos, inclusivé pelo diretor que se levantou e falou:

— Oi Helena, eu me chamo Mauro, eu que estive conversando ontem à noite com o seu pai. — E estendeu a mão para ela.

— Muito prazer, Mauro — respondeu sorrindo.

Bom, em primeiro lugar quero dizer que já conhecia você. Há tempos venho acompanhando teu trabalho como pianista e já vi algumas peças suas. Gostei do que vi e por isso resolvi convidá-la para participar deste musical.

— Fico lisonjeada com suas palavras e obrigada pelo convite, de verdade. — E apertou a mão dele.

Bem, então vou lhe explicar do que se trata nossa peça. Vai ser um musical romântico, a história contará a luta de uma bela jovem, aonde o amor de sua vida é convocado para a guerra, ficando machucado e debilitado, impedido de voltar para casa. Então, a jovem sai à procura dele. Vamos cantar algumas músicas já selecionadas. Tudo bem? — explicou ele.

Helena consentiu e Mauro continuou, comentando que os ensaios seriam à tarde. Ela concordou, como estava cursando música na universidade e era pela manhã, conseguiria desta forma, conciliar as duas coisas.

Pois bem, coloquei os ensaios para a tarde porque fica melhor pra todos. O ator que vai fazer par com você deu uma saidinha mas já, já está de volta, ele cursa na universidade artes cênicas e estuda pela manhã. — Ele deu uma pausa.

— Espera só um minuto, que eu vou chamá-lo. William, você pode vir aqui?
— gritou.

— Já estou indo. — Uma voz ecoou por detrás da cortina.

Helena ficou procurando olhando para os lados, não demorou um segundo para o jovem aparecer saindo por detrás do cortinado, era um rapaz, alto, loiro, de olhos azuis, tinha aproximadamente uns vinte anos de idade, corpo atlético e um sorriso perfeito. Helena ficou tão encantada por ele, nunca tinha visto alguém com uma beleza igual àquela. Quando o jovem se aproximou dela deu-lhe um belíssimo sorriso, mas não disse uma palavra, ela retribuiu com outro, meio sem graça e virou o rosto olhando para Mauro.

— Helena, você vai fazer par romântico com o William, eu gostaria de vê-la cantando juntamente com ele. Você começa uma música depois ele completa, pode ser qualquer uma é só pra eu ver a entonação da voz de vocês dois cantando juntos — explicou Mauro ficando de pé e olhando para eles.

— Você sabe alguma música do grupo “Roupa Nova”?

— Sim — disse ele, levantando e ficando em pé ao seu lado.

— Posso escolher qualquer uma? — disse William olhando fixamente em seus olhos.

— Tudo bem! — Deu um sorriso acanhado.

Helena começou a cantar e William continuou, eles estavam cantando a música “A força do amor”. Ela ficou pasma, pois aquela era a sua música preferida. Sua e do seu pai. Quando Helena era criança, sempre que sentava ao piano para tocar, seu pai começava a cantar essa canção. Desde então ela passou a amar aquela composição e ficou ainda mais admirada por William saber cantar perfeitamente.

Mauro bateu palmas sentando outra vez na cadeira.

Amei! Achei uma combinação perfeita.

Então está combinado, recapitulando: os ensaios serão à tarde, três vezes por semana e vamos estar ensaiando quatro horas por dia, por isso não vamos só cantar e encenar, eu dividi essas quatro horas em: aquecimento da voz, repertório, coloquei um intervalo mais ou menos de 15 minutos só pra dar uma relaxada, depois voltamos novamente para o repertório, não esquecendo os ensaios que terão início às 15h00min. Entendido?

Sim. — Todos disseram.

Quando terminou a reunião, William aproximou-se de Helena e coçou a nuca sorrindo com doçura.

— Oi! Prazer em conhecê-la, já ouvi falar muito bem de você e estou bastante feliz em trabalhar com você. William olhava-a diretamente sem desviar seus olhos dos dela.

Helena estava atônita, passou a mão pelo cabelo como se estivesse nervosa.

— Oi! Eu também fico feliz em trabalhar com você.

William afastou-se e Helena não parou de olhar para ele. Quando percebeu

isso, ele sorriu disfarçadamente.

— Então eu já estou indo, tchau! Foi bom conhecê-los e será um grande prazer trabalhar com todos — disse descendo os degraus.

— Tchau Helena, será um prazer trabalhar com você também — responderam todos.

Helena saiu do teatro e entrou no carro do seu pai que já estava lá fora à sua espera. Como a reunião aconteceu no sábado pela manhã os ensaios ficaram marcados para segunda, quarta e sexta. Quando chegou a casa, foi para seu quarto estudar um pouco, pois teria prova na segunda feira, Helena tirou uma apostila da bolsa e sentou-se na cama para ler, mas não conseguia se concentrar. Colocou os papéis de lado e se viu pensando no William, não parava de pensar naquele sorriso. Ela levantou, foi em direção ao banheiro, encostou-se na pia e molhou o rosto, em seguida voltou a estudar.

À noite, Helena e a sua família saíram para jantar. Ela estava imensamente satisfeita, pois adorava estar em companhia das pessoas que mais amava no mundo. Adorava ver sua mãe sorrir e admirava o jeito carinhoso que seu pai a tratava. Helena não tinha dúvidas que ele a amava mais do que tudo. Quando retornaram para casa, Helena foi tomar banho, em seguida deitou na cama e pegou um livro para ler, mas não conseguia concentrar-se, resolveu fechá-lo e apagou a luz, alguns minutos depois já estava dormindo.

Capítulo V

Na manhã seguinte Helena passou boa parte do tempo dentro do quarto, saindo apenas para tomar café da manhã e mais tarde para o almoço, logo voltando para o quarto, estava estudando tanto que nem viu o dia terminar, quando se deu conta já era noite, esgotada, foi para cama cedo.

Na segunda-feira ela foi para a universidade, junto com seu irmão Heitor. Havia estudado muito para a prova que teria nesse dia que nem teve dificuldade em responder às questões. Às 12h00min sua mãe foi buscar Hélon na escola e passou para pegá-la na universidade.

Quando chegou a sua casa, correu para o banheiro e tomou um demorado banho. Depois foi almoçar e em seguida deitou na cama para descansar um pouco antes de ir ao teatro para o seu primeiro dia de ensaio. Às 14h00min já estava saindo de casa com seu pai.

Carlos foi deixar Helena no teatro, assim que entrou notou que apenas William se encontrava lá. Ela foi caminhando devagarinho sentando-se em uma cadeira bem na frente, William encontrava-se sentado no chão do palco, ela deu boa tarde para ele que exibiu um sorriso adorável fixando seu olhar no dela. Helena sentiu-se desconfiada, baixou a cabeça e passou uma perna sobre a outra, pondo-se a balançar, William desceu do palco e aproximou-se dela.

— Posso? — Mostrou a cadeira que estava ao seu lado.

— Claro, fique à vontade! — disse olhando-o.

William sentou-se bem próximo. Ela podia sentir seu cheiro leve e suave.

— Nós podemos começar o ensaio, se você quiser — falou sem encará-lo.

— Não, não se preocupe, eu sempre chego cedo por morar próximo daqui, está tudo bem, o resto do pessoal não vai demorar a chegar explicou ele cruzando os braços e olhando para ela.

— Tudo bem, então. — Deu um sorriso tímido com o canto da boca.

— Você se importa em ficar sozinha por um minuto? Eu tenho que ir lá dentro terminar de arrumar umas coisas. — E levantou-se da cadeira.

— Não, pode ficar à vontade. — Olhou para ele confirmando.

— Então tá, qualquer coisa pode me chamar. — Ele colocou a mão no bolso.

— Tudo bem! — disse ela sorrindo.

William levantou e saiu, sumindo por detrás das cortinas, fazendo com que Helena respirasse fundo por ele se afastar dela. Minutos depois, Isabeli, Cinde e Isadora, entraram. Seguidas por Bruno, Eduardo e Felipe. Quando a viram sentada foram cumprimentá-la com um beijo no rosto. Eduardo foi direto onde William se encontrava, entrou e ficou em pé à sua frente com um sorriso zombeteiro no rosto.

Por que você está sorrindo, Eduardo? — Virou-se de costas para empilhar umas cadeiras.

E aí, você falou com ela? — perguntou com um sorriso malicioso no rosto.

Claro que sim, não sou mal educado. — William sorriu e virou o rosto.

Não quis dizer isso, você sabe, pensa que eu não percebi o jeito que olhou pra

ela? — Eduardo enconstou-se à parede.

Pode parar, Eduardo! — William ergueu uma das sobrancelhas.

Tudo bem, vamos ensaiar então?

Vamos lá.

William colocou a mão no ombro dele e saíram. Depois todos subiram no palco para dar início ao ensaio.

No primeiro dia de ensaio, Helena ficou ansiosa. Como os dois cantavam boa parte das músicas, o ensaio deles era mais puxado do que o dos outros. Faziam sempre exercícios para aquecer a voz e deixar a musculatura relaxada. Helena estava sempre animada e William não tirava os olhos dela. Quando cantavam uma música que erravam, os dois riam bastante juntos.

Ele encantava-se com o sorriso contagiante dela.

Quando Helena percebia que ele a observava, baixava a vista com vergonha.

Na maioria das vezes, William errava a música e os dois tinham que começar tudo novamente. Helena não achava nem um pouco ruim, pois adorava ouvir sua voz suave.

William era um rapaz gentil e educado, sempre que terminava os ensaios acompanhava-a até ao carro do pai, e Helena, antes de entrar, dava-lhe um beijo no rosto.

Os dois estavam passando tempo demais juntos. William estava se apaixonando por Helena e ela sentia-se atraída por ele, mesmo os dois estando próximos só conversavam sobre a peça, mas todos ali já tinham percebido o modo que eles se olhavam, e William também havia notado a forma que ela olhava para ele.

Só o olhar dela não era o bastante para ele ter certeza dos sentimentos dela, que tratava todos da mesma forma, sorrindo, abraçando e era sempre gentil com todos, não podia se enganar até porque não sabia nada da vida de Helena, apenas tinha certeza que era bonita, inteligente, divertida e charmosa, talvez até tivesse namorado e ele estava se iludindo à toa.

Todas as vezes que eles estavam ensaiando, William gostava de pedir-lhe para repassarem novamente as músicas só para ter a chance de ficar mais tempo perto dela. Helena também adorava quando aquilo acontecia, pois era a única forma de passar mais tempo ao lado de William, que sem dúvida fazia ela se sentir bem e feliz.

Capítulo VI

Uma tarde eles estavam cantando, parecia que um estava se declarando para o outro. No final da música, William aproximou seu rosto tão perto do dela que por pouco não a beijou. Helena se afastou sentindo-se corada e sorriu sem graça. Ele também ficou meio encabulado e passou a mão sobre os cabelos, sinal de que estava nervoso com aquela situação.

— Acho que por hoje é só — comentou ela cruzando os braços.

— É verdade, hoje o dia foi puxado, mas eu adorei — disse ele esboçando um sorriso e colocando as mãos nos bolsos da calça.

Enquanto William e Helena conversavam sobre como a peça tinha uma história fascinante, Mauro já estava há um bom tempo observando os dois, escondido por detrás da cortina, assim que saiu aproximou-se deles batendo palmas.

— Isso sim, é um casal perfeito. Vocês dois têm sintonia. Os olhares de vocês quando estão cantando fazem qualquer um pensar que estão apaixonados, esplêndido, meus parabéns — disse Mauro abraçando os dois, um de cada vez.

Helena sorriu colocando a mão sobre o ombro de William.

— Está vendo só, já temos um fã.

William sorriu balançando a cabeça e gostando da aproximação dela.

Devo tudo isso a Helena, ela tem sido incrível comigo — disse William sem tirar os olhos dela.

Helena virou-se rapidamente para contestar o que William acabara de dizer.

Não diga isso, William! Você é ótimo, nós dois estamos fazendo esse lindo trabalho, um ajudando o outro.

Ele sorriu.

Obrigado, Helena, mas sem dúvida que estou aprendendo bastante com você.

E eu com você — retrucou ela.

Não tenho dúvidas, vocês estão trocando experiências, fico contente por estarem se dando bem. Muito legal o que vocês estão fazendo, ajudando um ao outro. Parabéns mais uma vez, agora tenho que ir — disse Mauro afastando-se deles.

Helena pegou sua bolsa e William acompanhou-a como sempre até à saída. Ela abraçou-o e deu-lhe um beijo no rosto. Por um segundo os dois ficaram se olhando. O pai de Helena teve que buzinar e acenar para ela, que virou o rosto rapidamente. Helena entrou no carro de Carlos, mas William continuou lá, vendo Helena distanciar-se dele e pensando em como se sentia apaixonado por aquela garota linda. Ele não imaginava que um sentimento desses iria acontecer naquele momento em sua vida.

Passados alguns dias, William estava na porta do teatro com Edu, Bruno e Felipe, conversando sobre futebol, de repente Helena chegou e William não parou de olhar para ela até que entrasse no teatro. Edu que era o mais gaiato da turma teve que colocar a mão no queixo de William para que este fechasse a boca.

— Você está babando, cara. Aceita um lenço? — ironizou Edu, sorrindo.

Acho que sim, você tem um aí? — brincou William.

Eduardo sorriu.

Meu caro amigo, você pensa que me engana.

Todos riram deles, William deu um leve empurrão em Edu e entraram no teatro para ensaiar.

Todos os dias que Helena tinha que ir ao teatro para ensaiar, ela passava horas contando os minutos para chegar a hora de ir, tudo isso porque estava encantada por William. Muitas das vezes, durante o ensaio, ela tinha que cantar e tocar no rosto dele ao mesmo tempo. Helena ficava sem reação, não entendia porque aquilo estava acontecendo com ela. Era profissional e já havia feito outras peças antes, com rapazes bonitos também, mas ele era diferente, mexia com ela. Não conseguia parar de pensar nos olhos dele.

Capítulo VII

Quando Helena chegou a sua casa, foi até à cozinha, onde sua mãe se encontrava preparando o jantar. Pegou uma maçã que estava na fruteira em cima da mesa, lavou e puxou uma cadeira sentando-se. Enquanto a mordia, começou a contar as novidades para sua mãe, entusiasmadíssima:

— Nossa mamãe, o rapaz que vai contracenar comigo é bastante bonito, tem cara até de príncipe, a senhora precisa ver, meu Deus! Estou encantada com tanta beleza.

— E como se chama esse príncipe?

Sua mãe virou-se para olhá-la.

— William — disse com um sorriso no rosto.

— Calma, minha filha. Não se anime assim, você nem o conhece direito e pode se decepcionar.

— Não se preocupe, mãe, só o acho lindo, gentil, educado, mas de certo modo ele mexe comigo e estou ficando preocupada porque não sei se tem namorada, embora ele olhe diferente pra mim e eu gosto.

— Mesmo assim, filha, vá com calma, olhar não quer dizer nada.

Ela a olhou e entregou-lhe uma tigela com salada.

— Eu sei — disse colocando a salada sobre a mesa e ficando de pé.

Agora vou tomar banho e descansar um pouco, na hora do jantar a senhora me chama.

— Tudo bem, pode ir.

Helena colocou o caroço da maçã no lixo e virou caminhando em direção da

escada, subindo para o seu quarto.

Leticia olhou para a filha como se tivesse tentando examiná-la.

Assim que chegou ao destino foi tomar banho. “Tenho certeza que estou gostando de William, mas e ele o que acha de mim? Como é bom estar ao seu lado.”, pensava enquanto a água caía no seu rosto.

Quando saiu do banho vestiu um vestido e sentou-se na poltrona penteando seus longos cabelos negros. Ao fechar os olhos via o rosto de William em sua mente, balançou a cabeça para parar de pensar nele. Não podia iludir-se, nem o conhecia direito, sua mãe tinha razão podia ser que se decepcionasse. Aquele sentimento era forte demais, ela não conseguiria fugir por muito tempo. “Meu Deus, acho que estou apaixonada.”, pensou e deu um leve sorriso, não se sentindo nem um pouco confortável com aquela situação.

Depois deitou na cama e ficou abraçada ao travesseiro, pensando que quando namorava Rafael não sentia aquele aperto no coração e vontade de estar sempre ao lado dele. Aquele sentimento era novo, algo que nunca sentira na vida. Tinha desejo de estar perto do William, sentia falta de ouvir sua voz, de sentir seu cheiro, de ver aquele sorriso lindo. Adorava ver o modo dele encabulado a olhar para ela e quando se sentia envergonhado, colocava as mãos no bolso.

De repente, Helena foi surpreendida por sua mãe batendo na porta do quarto e chamando-a para jantar.

A sua família mantinha o hábito de sentar-se à mesa para as refeições. Carlos apreciava esses momentos de união, pois via uma oportunidade de estar junto da família para dialogar, rir. Esses momentos envolviam muito mais que uma

rotina, Carlos via uma oportunidade de passar mais tempo com sua família e assim poder conversar um pouco mais de assuntos importantes que aconteciam no dia a dia dos seus filhos. Seu pai fora criado assim, sua família mantinha essa tradição, e ele gostaria de continuar seguindo esse hábito, mesmo sendo um tanto difícil, devido à correria do dia-a-dia. A falta de tempo, o trânsito e os horários que não batiam um com o outro faziam com que esse costume pouco a pouco deixasse de existir. Morar em uma grande cidade como São Paulo, tornava tudo ainda mais complicado, por isso fazia tanta questão de preservar e manter essa tradição.

* * *

Quando Helena desceu sentou-se à mesa.

— Querida, está tudo bem? — perguntou seu pai achando-a calada e séria.

Ela ergueu os olhos, surpresa.

Por quê, papai?

— Porque estou te achando séria e você não costuma ser assim.

Ele olhou para Leticia e sorriu.

Helena sorriu acanhada. E sua mãe piscou o olho para seu pai.

— E como está o ensaio? — disse seu pai com um sorriso malicioso no rosto.

— Ótimo! Estou adorando trabalhar com o Mauro.

Ela tomou um gole de suco enquanto falava.

— E o William? — comentou Carlos enquanto cortava o bife.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— O que tem ele?

— Ele é talentoso mesmo ou é só um rostinho bonito? — ironizou ele.

Helena sorriu e Heitor também quis entrar no joguinho do seu pai para encabular a irmã.

— É, papai, eu acho que deve ser só um rostinho bonito mesmo. — Olhou para seu pai e sorriu.

Helena olhou para o irmão com cara feia.

— Por que você está falando isso? — Juntou as sobrancelhas, franzindo a testa.

— Porque você ficou vermelha quando o papai tocou no nome do William — zombou o irmão.

Leticia viu o desconforto da filha e resolveu ajudá-la.

— Chega dessa conversa! — Deu uma leve batida na mesa e continuou. É claro que o rapaz deve ser talentoso, se não, não estaria participando desse musical. Parem de falar isso — repreendeu, mas não deixou de dar um sorriso de canto de boca.

— Aposto que sou mais bonito do que ele — comentou Hélton passando as mãos sobre seus cabelos.

— Mas o que é isso, um complô contra mim? — disse Helena em voz alta levantando as sobrancelhas. — A peça conta com mais três atores e vocês só falam do William, por quê isso? — falou séria com os olhos arregalados.

— Não nos leve a mal, filha. Estamos falando no William porque ele tem maior participação na peça, é normal que estejamos curiosos — acrescentou seu pai, virando para pegar sua mão.

Helena fechou os olhos balançando a cabeça, reprovando a atitude dele.

Depois do jantar, Helena ajudou Leticia a retirar os pratos da mesa e levou para a cozinha colocando na pia, em seguida foi sentar-se na varanda com seus irmãos. Hélton sentou-se no chão e Heitor ao lado de Helena no banco de madeira.

— Eu tenho uma namorada. — Caçoou Hélton dos irmãos mais velhos.

Helena olhou ligeiramente para Heitor e os dois começaram a rir.

— O que foi, por que vocês estão sorrindo? — resmungou ele.

— Nada, é só porque você é o mais novo e já tem namorada.

Helena inclinou-se para frente para bagunçar os cabelos dele.

— É logico, o que eu posso fazer se as meninas não resistem a mim? — contestou Hélton.

Helena deu uma gargalhada, enquanto que Heitor empurrava as costas do irmão.

— E você, Heitor, não se defende? — zombou Helena dele.

— As meninas também não resistem ao meu charme e nem ao meu jeito intelectual de ser, mas como sei que relacionamentos são complicados e até encontrarmos a pessoa certa pode demorar um tempinho, por enquanto fico dando só uns beijinhos, porque não sou de ferro. — Levantou-se de onde estava sentado, deu uma volta, abrindo os braços para mostrar que não era tão mau assim e completou. Olha pra mim, sou ou não sou um gato?

Ele deu um sorriso sarcástico.

Helena colocou as duas mãos no rosto tentando abafar um sorriso.

Meu Deus, tenho dois irmãos galanteadores, eu realmente mereço.

— E você, Helena? — disse Heitor cruzando os braços no peito.

— Eu? Deixem-me de fora dessa, eu hein! — E virou o rosto, surpresa.

— Não sei não, eu acho que você está escondendo alguma coisa. — Heitor colocou a mão sobre a dela.

— Por que você está falando isso, Heitor? — perguntou e puxou a mão rapidamente.

— Porque você está estranha, há dias eu venho percebendo o teu jeito, você não me engana.

— Não está acontecendo nada, viu Heitor! — Helena olhou-o séria, levantou-se do banco ficando em pé, à sua frente alisando os cabelos. Agora vamos entrar que está ficando frio.

Sei! Frio que nada, você tá é fugindo do assunto — disse Hêlton esfregando os olhos.

Não estou fugindo de nada, rapazinho, está ficando frio sim. — Ela contestou colocando as mãos na cintura.

O céu aos poucos foi ficando nublado, os três entraram e sentaram-se no sofá onde seus pais se encontravam assistindo um programa na TV. Hêlton sentou-se ao lado de Carlos colocando a cabeça no ombro de seu pai. Helena e Heitor sentaram juntos no outro sofá de canto.

— Pai, o senhor sabia que o Hêlton está namorando? — falou Helena

sorrindo e olhando para o irmão

Carlos virou-se para olhar para o filho.

— O meu garoto já está namorando? E os estudos como ficam?

— Acalme-se pai, não é nada sério, não fique preocupado, o senhor está olhando para um futuro arquiteto — prometeu Héltton, colocando a mão sobre o peito e fazendo sinal de juramento.

— Tenho certeza que sim, meu filho, você é inteligente, bonitão. Não tenho dúvidas que deva fazer um maior sucesso com as garotas, eu fico imaginando o que teria sido da minha vida se vocês não fizessem parte dela, vocês três só me dão orgulho. Sou tão feliz por ter três filhos maravilhosos — falou olhando para os filhos com ternura.

— Eu te amo, pai — sussurrou Héltton ao ouvido dele.

Heitor levantou-se do sofá, beijou o rosto de sua mãe e depois seu pai.

— Não tenha a menor dúvida que nós te amamos, pai. O senhor que foi a melhor coisa que aconteceu nas nossas vidas.

Helena levantou do sofá e caminhou em direção a eles.

— Bom, agora vou para o meu quarto, boa noite. — Beijou no rosto dos dois, e os três subiram para seus quartos.

Helena virou-se para olhar para trás e viu sua mãe colocar a cabeça no ombro de seu pai.

— Muito obrigada — falou Leticia aconchegando-se nos braços dele.

— Pelo quê? — Ele virou-se para olhá-la.

— Por nos amar — sussurrou ao seu ouvido.

— Obrigado você, por me deixar fazer parte da sua vida, e por deixar eu te amar. Te amo, Leticia. — E beijou seu rosto.

— Eu também te amo, meu amor e sou muito feliz por viver ao seu lado.

Helena entrou no quarto, vestiu seu pijama e deitou-se na cama pensando no que William poderia estar fazendo naquele momento. Será que estaria pensando nela, como ela pensava nele? Ou estaria com alguém? Imediatamente fechou os olhos tirando o pensamento dele, então virou-se na cama e veio em sua mente a imagem dos seus pais abraçados. Pensou em como sua vida mudara e o que teve que passar pra chegar até ali. A vida deles nem sempre foi assim, cheia de alegria, amor, conforto, ela abraçou o travesseiro e todas aquelas lembranças voltaram com toda força no seu pensamento.

Quando Helena nasceu morava em Brasília com seu pai biológico Elvis, sua mãe e Heitor. Seu pai, por muito tempo se entregara ao vício do álcool, por isso tornara-se alcoólatra e viu tudo se perder, a aparência, a dignidade, a família, emprego, os bens, não tinha mais equilíbrio emocional, nem domínio nas decisões que fazia. Elvis e sua família foram morar em Santos, litoral do estado de São Paulo. Três anos depois, Leticia engravidou de um menino. Elvis conseguiu um trabalho de empacotador em um supermercado, mas durante o dia ele sempre arrumava um jeito de tomar uma cerveja. Os funcionários começaram a perceber, pois Elvis passou a ir para o serviço bêbado, e faltava muitas vezes. Não demorou a ser demitido, ele não se controlava mais, estava tolerante ao álcool e por isso não conseguia manter-se em nenhum emprego. Por mais que dissesse que ia parar não conseguia.

O tempo não foi generoso com Leticia que viu a cada dia seu casamento desmoronar, e quando se deu conta já haviam se passado sete anos morando naquela casa. Elvis e Leticia em tão pouco tempo haviam se tornado bastante carentes, e tiveram que ir morar em um cortiço. A casa era simples, mesmo sendo modesta, não impediu de Leticia arrumar um terraço na frente da casa onde os filhos gostavam de brincar. Havia um banco onde ela sentava para vê-los a divertir-se. Na frente da casa havia uns jarros de plantas, Leticia adorava cuidar delas isso a fazia sentir-se melhor, e por alguns segundos esquecer-se da vida sofrida que tinha. Na casa não havia conforto algum, Helena juntamente com seus irmãos dormiam em colchões que Leticia arrumava no chão. Helena adorava cantar, e todas as noites antes de dormirem, seus irmãos pediam que a menina cantasse, afinal de contas ela era dona de uma voz belíssima. Ela juntava os três colchões e deitava entre eles para começar a cantar, não demorava nada e eles adormeciam juntos. Leticia ficava a observá-los e pensando em como os amava. Sem dúvida os três eram sua vida.

A cada dia, tudo piorava, Elvis nunca mais pôde arrumar um emprego, porque nunca estava sóbrio. Vivia tão amargurado que não tinha um pequeno carinho para os filhos nem para a mulher, não tinha a menor preocupação em não ter dinheiro para as despesas, mas para a bebida dava sempre um jeito, sentia-se o dono do mundo, e deixava Leticia apavorada. Helena, sua filha do meio, nunca perdera a esperança de ter uma vida melhor. Era uma criança esperta, sonhadora, feliz, apesar da vida sofrida que levava sempre procurava um jeito para fazer sua mãe sorrir, sempre dizia algo para alegrá-la, acreditava que ainda teria uma vida divertida ao lado da mãe e dos irmãos. Leticia criava forças para ficar bem, não queria demonstrar para os filhos que estava cansada, amargurada e fazia de tudo para vê-los sorrindo, adorava ouvir as histórias e os sonhos de Helena. Sempre achou que esta era uma

criança especial, dado que mesmo vivendo naquele sofrimento, conseguia sonhar e acreditar que ainda teriam uma vida alegre, prazerosa, longe de todo aquele tormento e tristeza que pairava ao redor deles.

Helena era uma criança que vivia cercada de medo, nunca ouvira uma palavra de carinho do seu pai, sempre que chegava a sua casa era bêbado e a única coisa que ouvia eram gritos, brigas, aterrorizava-se ao vê-lo agredir sua mãe. Mesmo com aquele terror, a todo o momento imaginava um amanhã melhor, onde o sol e as estrelas nunca paravam de brilhar.

Helena tinha oito anos de idade, morena de cabelos compridos e olhos brilhantes, tinha dois irmãos, Heitor de dez anos e Héltton de cinco anos de idade. Apesar das dificuldades que passava era muito unida com seus irmãos e mantinha um amor enorme pela sua mãe. Quando não havia nada para comer, porque às vezes Elvis jogava a comida fora e outras vezes ele não comprava, os três iam para a feira ajudar os vendedores. A casa onde moravam ficava bem próxima de lá, por isso conheciam toda a história daquela família sofrida e davam alimentos. Eles chegavam a casa com a sacola cheia de comida, Leticia começava a chorar e abraçava e beijava os filhos. Apesar do carinho e do cuidado que a mãe lhes dava, eles morriam de medo do pai, pois ele quebrava as poucas coisas que tinham e ainda batia em Leticia, as crianças ficavam assustadas, espantadas. Elvis ficava como louco dentro de casa e Leticia corria para consolar e tranquilizar as crianças, depois que ela acalentava os filhos e os colocava para dormir, ia sentar-se na cozinha chorando escondida para eles não saberem.

Muitas das vezes, à noite, quando Elvis chegava bêbado a casa e jogava os utensílios da cozinha no chão procurando comida, as crianças acordavam assustadas, Leticia levava-as para fora de casa ficando sentada com eles no quintal. Passada a agitação de Elvis, Leticia abraçava-os e pedia para

confiarem nela, em seguida eles entravam um segurando na mão do outro, ela sentava-os nas cadeiras e dizia que estava tudo bem. As crianças ficavam com um olhar triste e perdido no meio de toda aquela confusão.

Quando amanhecia o dia, Leticia levava-os para a escola e ia trabalhar. Havia encontrado um serviço de lavadeira de roupa para poder ajudar na despesa de casa. Alguns dias depois, andava por ali pelo cortiço, um assistente social que visitava as casas das pessoas procurando crianças para matricular em um projeto social. Esse projeto era para incentivar as crianças a saírem das ruas, lá eles iriam aprender artesanato, música, dança, esportes e todos os dias era oferecido lanche para cada uma das crianças. Leticia gostou da ideia e foi uma das primeiras a matricular os filhos.

Quando chegou o tão esperado dia, Helena e seus irmãos ficaram entusiasmados em saber que iam estudar nesse projeto, eles arrumaram-se como podiam, mal tinham umas roupinhas velhas que as patroas de Leticia doavam para ela, mas a roupa preferida de Helena era uma saia rosa. Nossa! Como ela adorava essa saia e ficava bonita, jeitosa.

Apesar de serem desprovidas de roupas, as crianças andavam sempre limpas, cabelos lavados e penteados.

Então as aulas começaram e toda tarde eles iam para o projeto estudar, Helena em sua maravilhosa saia rosa, logo as professoras começaram a prestar atenção na garotinha. “A menina da saia rosa”, comentou a professora com as outras.

Leticia estava satisfeita pelos filhos estarem estudando pela manhã na escola e à tarde no projeto. Helena era interessada e observava tudo que a professora Vanda ensinava, aprendendo rapidamente. A sala de aula era grande, havia umas trinta crianças. Eles chegavam e a professora colocava-os para sentar.

Mas nem todas as crianças sentavam, às vezes a professora ficava correndo de um lado para o outro feito louca. Helena sorria do modo engraçado da professora correr.

— Meninos, se comportem. Vamos sentar — gritava a professora.

Mas os garotos sempre respondiam berrando mais alto que a professora e correndo na sala de aula.

— Não professora, não vamos sentar, só viemos pra cá pra poder brincar e também comer, não queremos aprender nada.

A professora ficava triste ao ouvir aquelas palavras e sabia que eles estavam falando a verdade, porque o bairro era bastante necessitado e a maioria das crianças realmente não tinha nada para comer, mas ela alegrava-se ao ver Helena sempre comportada, dedicada, sua professora a admirava, além do mais era bastante prestativa e inteligente. Todo final de aula antes de ir embora, Helena corria para abraçar e beijar sua professora Vanda, que logo percebeu que a menina adorava cantar, então decidiu dar uma forcinha à garota. Toda festinha que as professoras organizavam no projeto, Helena encontrava-se presente para cantar, a professora tinha uma simpatia por ela e ficava penalizada por ser pequena e ter uma vida sofrida.

No projeto, uma vez por mês havia reunião para ser falado sobre o que poderia melhorar, e poder ajudar de alguma forma os pais daquelas crianças. Assim, cada uma das professoras dava uma ideia, a professora Vanda sugeriu que elas doassem cestas básicas para os pais dos alunos mais necessitados, a diretora achou uma ideia ótima e assim elas fizeram e conseguiram algumas cestas básicas, então pesquisaram e doaram as mesmas para as famílias mais carentes, Leticia foi a primeira a receber.

Passado uns dias, Leticia percebeu que Elvis estava pegando os alimentos e

trocando por bebida alcoólica, ela sentiu-se obrigada a não receber mais a cesta básica e foi conversar com a diretora do projeto. Quando chegou não sabia como iria falar de um assunto tão delicado e que a deixava envergonhada, mas mesmo assim criou coragem e foi. Ao chegar à sala da diretora Carmim, bateu à porta, esta veio abri-la e gentilmente pediu que Leticia entrasse em sua sala.

— Pois não, em que posso lhe ajudar?

Leticia sentou-se de frente para ela baixando a cabeça, não parava de apertar as mãos, olhava para a diretora sentindo-se envergonhada e não sabia como explicar a sua ida até ali. Fitou o teto e novamente a diretora, passou a mão pelo rosto, apreensiva e falou com a voz embargada:

— Todos os meses eu recebo uma cesta básica doada por vocês, e fico extremante feliz pela vossa generosidade. Por isso eu vim até aqui pedir que vocês doassem essa cesta para outra família que precise, não que eu não precise, preciso muito. — E respirou fundo. Meu esposo é alcoólatra, não trabalha, não consegue mais se controlar, e precisa beber todos os dias, então ele troca os alimentos por bebida alcoólica e eu não acho justo o que ele está fazendo.

A diretora ficou triste ao ouvir as palavras de Leticia e inclinou-se para segurar sua mão.

Eu sinto muito por você e pelos seus filhos, se eu puder fazer alguma coisa por vocês, por favor, me procure.

Leticia ficou calada com os olhos cheios de lágrimas e cobriu a mão da diretora com a sua.

Me desculpa.

Não precisa se desculpar, a culpa não é sua e, por favor, me avise caso precise de alguma coisa, estou aqui para ajudar — falou olhando-a com ternura.

Muito obrigada — falou Leticia levantando-se e saindo de cabeça baixa.

O tempo passou e Helena já estava há dois anos estudando no projeto. Ela tinha aprendido a tocar violão, mas o seu maior sonho era aprender piano. Um dia, sem perceber, a professora chamou-lhe de “a menina da saia rosa”, e Helena ouviu e gostou tanto que disse:

— Olha professora, eu tenho uma saia rosa, vou ser a menina da saia rosa, ela não é linda? — Segurava a saia girando.

— Sim, combina com você querida. — Vanda ajoelhou-se para ficar da altura da garota e abraçou-a.

Helena saiu com seus irmãos para ir para casa, ela ia alegre e satisfeita, o projeto ficava próximo da casa deles, era só seguir na mesma rua, depois dobrar à direita e já lá estava. Leticia não se preocupava, pois todos ali os conheciam. Assim que chegou a sua casa, Elvis estava deitado em uma rede. Helena ficou parada vê-lo a balançar-se, depois aproximou-se dele devagarinho. Quando a viu ele chamou-a.

— O que foi?

— Você não tem nada pra fazer? — berrou sentando-se na rede.

Helena ficou olhando-o, encostada na parede.

— Pai, por que o senhor não gosta da gente?

— Quem disse isso, menina chata?

— Ninguém, é porque o senhor nunca fala com a gente — falou afastando-se dele.

Elvis lavantou-se da rede, enfurecido e empurrou-a mandando que saísse de perto dele.

— Não tenho tempo para manha de menina chata. Sai daqui, vai procurar o que fazer. Sai! – Ele gritava com a garota.

Helena saiu a correr e escondeu-se no quarto, como seus irmãos estavam brincando no terraço e sua mãe na cozinha, ela chorou sem que eles soubessem o que tinha acontecido, depois enxugou os olhos e foi olhar seus irmãos brincar.

Na manhã seguinte, Helena foi para o projeto, e teve uma grande surpresa, sua professora convidou-a para cantar no aniversário da cidade, a menina ficou contente com o pedido dela e mal podia esperar para contar para sua mãe. No final do dia Helena encontrava-se sentada no colo de sua professora à espera de sua mãe. Como Leticia sairia cedo do trabalho naquele dia prometeu aos seus filhos ir buscá-los, ela apareceu segurando uma bolsa na mão, procurando pelos filhos. De longe avistou Héltton e Heitor jogando bola, assim que Helena a viu, saltou do colo da professora correndo em sua direção.

Mãe gritou a menina abraçando suas pernas , me leve pra cantar no aniversário da cidade. — falava quase perdendo o fôlego.

Nesse momento a professora aproximou-se explicando tudo para Leticia.

Vamos, mãe. — Ela suplicou.

— Acalma-se filha vamos ver, Você sabe que vou fazer o impossível para vê-los bem, então

se o teu pai sair nós vamos, sabe como ele é, pode não gostar e eu não quero ver ele brigar com vocês.

Mas eu queria cantar mãe, por favor.

Tudo bem, filha. — E fez um cafuné em sua cabeça.

Oba! — A menina pulava balançando os braços.

No dia seguinte, como de costume, Elvis saiu cedo de casa para beber, Leticia aproveitou e saiu com os seus três filhos para a festa. A mesma ocorreu em uma praça no centro da cidade, lá tinha um palco enorme e pessoas por todos os lados com inúmeras barraquinhas de comida, Helena ficou encantada com toda aquela movimentação. Assim que a professora a viu, chamou-a ao palco para cantar. Ela iria representar o projeto social, como o prefeito era um dos benfeitores do mesmo, Helena fora escolhida para cantar e homenagear a cidade. Cantou tão divinamente bem que o prefeito ficou emocionado. Quando a apresentação terminou, ele chamou-a e deu um beijo no seu rosto, entregando uma linda boneca, a garota desceu do palco alegre e sorridente.

Leticia segurou sua mão e foram embora. Quando se afastaram um pouco do palco, Elvis estava de longe observando-os, Leticia andava rapidamente com os filhos, pois com todo aquele movimento ela deduziu que Elvis poderia está por ali, e sentiu um nó no seu estômago, tinha que tirar seus filhos o mais rápido possível dali, sabia como ele era arrogante e podia tratá-la mal ali mesmo, quando sem esperar Leticia sentiu alguém puxar seu braço, assim que virou para olhar viu que se tratava de Elvis. As crianças estavam nervosas e começaram a chorar.

— Por que você saiu? — Jogou a cadeira no chão. — Eu mandei colocar essa menina pra cantar, perdeu o juízo? — gritou ele.

Quando soltou o braço de Leticia foi em direção de Helena.

— E você, está pensando o quê? — Ele ralhou com a menina ficando em pé à sua frente e pondo as duas mãos na cintura.

A menina ficou desesperada e imediatamente ajoelhou-se no chão na frente dele.

— Não, papaizinho. Me perdoa, não faço mais isso, por favor, não me bate.

— Ela suplicou com as mãos no rosto.

Elvis puxou a boneca da sua mão e quebrou, depois saiu batendo a porta com força, deixando a garota no chão a catar os pedaços da boneca.

Quando a mãe a encontrou naquele estado, não se conteve e chorou ao ver o sofrimento da filha. Leticia estava morrendo por dentro e não tinha coragem de fazer nada, como poderia ser tão covarde e deixar que aquele homem a maltratasse e aos seus filhos? De repente, os quatros abraçaram-se chorando.

No dia seguinte Helena estava em uma tristeza sem fim, o coração de sua mãe partia ao vê-la daquele jeito. Leticia estava lavando louça e a menina sentou-se no banco.

— Mamãe, por que a gente não foge daqui? Vamos embora, vamos morar em outro lugar longe do papai, um lugar bem distante pra ele nunca descobrir aonde estamos.

— Oh! Filha, tenha calma, um dia nós vamos embora daqui, eu prometo. Você acredita na mamãe?

— Sim. Eu acredito e nós vamos ser muito felizes, nós quatro, né mamãe?

— Sim, minha filha, eu vou fazer o que for preciso pra ver você e seus irmãos muito, mas muito felizes.

Leticia abraçou a filha beijando seu rosto, deixando a garota conformada com o que ela havia falado. Aquelas palavras encheram seu coração de esperança. Poder viver bem longe do seu pai, era um sonho.

Quando anoiteceu, Elvis chegou a sua casa bastante enfurecido, caminhou em direção de Leticia para lhe bater, mas ela assustada, correu para o quarto das crianças, pegou nos filhos e foram esconder-se perto da casa de uma vizinha. Chovia e fazia frio, Leticia não sabia o que fazer até que apareceu uma moradora e colocou-os dentro de sua casa.

— Vocês podem ficar aqui essa noite. — Dona Fabiana virou-se para Leticia e continuou — Não se preocupe, ele não vai achar vocês aqui.

Obrigada. — Agradeceu Leticia, e pôs os filhos para dormir.

— Por que você não vai embora daqui? Você ainda é jovem, pode muito bem reconstruir sua vida em outro lugar. Procure sua felicidade, seus filhos estão crescendo, dê um futuro diferente para eles — aconselhou a mulher segurando sua mão.

— Como posso eu sair daqui?

Sentou-se no sofá ao lado dela passando a mão em sua cabeça.

— Vá agora sem que ninguém saiba. — Encorajou-a.

— Mas eu não tenho dinheiro, até minhas roupas ficaram lá em casa e não tenho parente algum que possa me ajudar — disse e baixou a cabeça chorando.

A vida de Leticia não havia sido fácil, pois não tinha parente algum que pudesse ajudá-la, era filha única e seus pais haviam morrido em um acidente de carro. Fora criada por uma madrinha que a maltratava, por isso resolveu

casar, sendo ainda tão jovem, pois não aguentava mais ser humilhada. E o pior de tudo foi ver Elvis tornar-se um alcoólatra irresponsável, por isso seus pais lhe viraram as costas, não queriam mais saber dele, Elvis ainda se fez de vítima indo embora, sem que seus pais ficassem sabendo e fez questão de não ter notícia deles e nem que seus pais sobessem onde estavam morando.

— Olha, você fica aqui escondida, amanhã quando Elvis sair, vamos a sua casa pegar suas coisas. Pedimos ajuda lá no projeto, eu vou ligar para minha tia Ana, que mora na capital para receber você e seus filhos em sua casa por enquanto, pois já é idosa e mora sozinha, vai gostar de receber vocês em sua casa, agora vai dormir e amanhã nós resolvemos tudo.

Muito obrigada, dona Fabiana, não sei como agradecer sua bondade comigo e meus filhos.

Não precisa me agradecer, apenas quero que fique bem, há muito tempo venho acompanhando teu sofrimento junto com essas crianças, e vejo o quanto você se esforça para mudar essa situação.

Leticia abraçou-a e depois deitou-se em um colchão ali mesmo na sala. Sabia que a noite seria longa, pois não conseguiria dormir pensando no que fazer. Naquele momento, a única coisa que queria era ter a chance de mudar de vida.

No dia seguinte, de manhã cedo, dona Fabiana foi até o projeto para pedir ajuda à diretora, contou toda a situação de Leticia para ela, que no dia anterior Elvis havia chegado a sua casa bastante agressivo, e dessa vez Leticia ficara com medo e temia pelos filhos, por isso havia decidido ir embora, mas precisava de dinheiro. Dona Fabiana perguntou se ela poderia doar essa quantia para Leticia ir embora com os filhos.

Quando chegou à tarde, Elvis saiu sem perceber que Leticia havia dormido

fora de casa, pensava que ela havia saído cedo para trabalhar e que as crianças estivessem na escola, nem se importou com a ausência dela, saiu e foi para o bar conversar com os amigos. Leticia e dona Fabiana aproveitaram a ausência dele e entraram em casa, Leticia pegou suas roupas e das crianças, pôs dentro de uma mala e pegou todos os documentos que iria precisar.

Quando anoiteceu, Elvis vinha para casa, tonto e a cambalear, empurrou a porta que abriu de supetão. Foi para o quarto e deitou-se no colchão adormecendo.

Na mesma madrugada, Leticia foi embora com os filhos. Dona Fabiana foi deixá-la na rodoviária e abraçou bem forte cada uma das crianças desejando sorte e felicidade para eles. O dia estava quase amanhecendo quando chegaram a São Paulo, Leticia pegou um taxi e deu o endereço para o taxista. Quando chegaram a casa de dona Ana foram bem recebidos por ela, era uma senhora alegre, bem vestida, cabelo penteado e amarrado, de uma gentileza sem igual. A casa era confortável, a sala espaçosa com dois sofás, um rack com televisão, as paredes pintadas na cor creme, era tudo arrumado e limpo, a cozinha tinha geladeira, fogão, armário, mesa. As crianças ganharam um quarto com três camas, banheiro com chuveiro, eles adoraram tomar banho de chuveiro, na casa antiga não tinha e Leticia enchia baldes com água para tomarem banho, sempre de água fria.

Dona Ana deu um abraço em Leticia e nas crianças levando-os para conhecer seu quarto. Após deixar os meninos à vontade foi até à cozinha com Leticia preparar um lanche. Leticia apertou a mão de dona Ana olhando-a com sinceridade.

Muito obrigada por receber a gente aqui na sua casa, a senhora nem nos conhece e nos cedeu abrigo, obrigada mesmo. — Seus olhos encheram de lágrimas.

Por nada, não se preocupe, sei que que você é uma boa pessoa, fico feliz em tê-la aqui. Como deve ter visto, sou sozinha e vou gostar da companhia de vocês. — Ela sorriu com afeto.

Eu também vou gostar da sua companhia, sinto falta desse aconchego de lar, há muito tempo perdi.

Dona Ana abraçou-a fortemente. Nesse momento, Helena entrou correndo dando um beijo no rosto de dona Ana.

Eu posso lhe chamar de vovó, Ana?

Mas é claro que pode, vou adorar ter uma neta tão linda quanto você. — Ela abraçou a menina.

Leticia emocionou-se, e naquele momento soube que seria bastante feliz ali, ao lado de seus filhos. Faria de tudo para vê-los sorrir e esquecer aqueles tormentos que passaram junto do pai. Em seguida, os garotos vieram sentar-se à mesa para saborear um lanche delicioso feito por dona Ana.

A primeira coisa que dona Ana fez foi ajudar Leticia a procurar escola para as crianças. Helena estava tão contente, seus olhos brilhavam. Na escola que ela e seus irmãos foram estudar havia aula de teatro e ela adorou a ideia de participar. Todos os anos havia um projeto de leitura, no final as professoras montavam uma peça infantil, e dessa vez a peça seria sobre “a primavera da lagarta” da autora Ruth Rocha. Em todo o projeto de leitura a professora trabalhou com os alunos as principais obras da autora, o que fascinou Helena.

Quando Leticia foi buscá-la na escola, a garota correu em direção da mesma, com os braços abertos.

— Mamãe, vou participar de uma peça teatral — gritava Helena empolgada.

A professora aproximou-se de Leticia e estendeu a mão para ela.

— Oi dona Leticia, me deixa explicar. Todos os anos aqui na escola é feito um projeto de leitura e no final montamos uma peça teatral, a Helena juntamente com outras onze crianças vai participar da peça, mas não se preocupe com os gastos, porque todas as roupas serão aqui da escola. Vai ser daqui a um mês, tudo bem?

— Sim, está ótimo.

As duas saíram com Leticia a segurar a mão da filha.

E no dia seguinte começaram os ensaios para o projeto de leitura, todos os dias no final das aulas, Helena permanecia para ensaiar, nunca faltou um dia, e por isso não teve dificuldade em aprender a música.

Passado algumas semanas, chegou o grande dia da peça teatral, o auditório estava todo decorado com cortinas verdes, réplicas de árvores, inúmeras flores, sol, nuvens, tudo para dar impressão que estavam em uma floresta. A peça contava com doze crianças vestidas com suas fantasias, pois cada criança interpretaria um animalzinho, tinha a formiga, a lagarta, o camaleão, o gafanhoto, a joaninha, a aranha, o louva-a-deus, o caracol, a lagartixa, a libélula e a cigarra. Mas quem estava interpretando a borboleta era Helena e encontrava-se radiante, a menina aprendeu todas as falas. No final todos cantaram uma música.

A peça foi tão bem feita que as crianças ficaram todas emocionadas, Leticia nem imaginava que a filha tinha aquele talento todo. Quando Helena começou a interpretar, seu sorriso iluminava todo aquele lugar. A mãe dela emocionou-se quando a viu feliz. Foi um espetáculo e Helena só recebia elogios juntamente com as outras crianças, assim que a menina desceu do palco, Leticia correu para abraçá-la e ficou orgulhosa da postura dela frente

às outras pessoas.

Na mesma semana, Leticia foi atrás de emprego e, após andar bastante, finalmente conseguiu arrumar em um restaurante. Estava satisfeita com a nova vida que levava, quem não se encontrava nada contente era Elvis que ficou como um louco procurando sua mulher, mas não descobriu onde estava e nem seus filhos. Cada vez bebia mais.

Quando Leticia saía para trabalhar, as crianças ficavam em companhia de dona Ana que adorava estar com os garotos, pois vivia sempre só e a presença deles fazia sentir-se melhor. Toda a noite, dona Ana pedia que os meninos sentassem ao sofá para eles ouvirem histórias narradas por ela, cada noite era um conto diferente, Helena viajava naquele mundo de imaginação. Leticia chegava do restaurante e os filhos já estavam dormindo, mas ela entrava no quarto, dava um beijo no rosto de cada um deles e suspirava tranquilizada ao vê-los dormindo bem e seguros.

Em uma de suas aulas a professora convidou um professor de música para narrar uma história cantada, todas as crianças sentaram em círculo para ouvir, cantaram, participaram, entreteram-se com aquela novidade. Assim que o professor terminou sua aula, Helena aproximou-se dele e fez-lhe perguntas, a professora Leila começou a prestar atenção na garota e percebeu todo o seu entusiasmo e familiaridade com o violão do professor. No final da aula Leila permaneceu na sala arrumando seus materiais no armário, quando terminou sentou-se em uma cadeira, exausta. Helena sentou-se ao colo da professora e Leila olhou para ela com carinho.

Você gosta de violão?

Sim disse a menina passando a mão no rosto da professora.

— Você gostaria de ter aula de violão?

— Eu já sei tocar violão, professora — disse entusiasmada.

— Sabe? — falou com surpresa.

— Que coisa boa, e onde você aprendeu?

— Lá onde eu morava, estudava num projeto que tinha aula de violão. Aí aprendi, mas o que quero mesmo é aprender a tocar piano.

— Sêrio? — admirou-se a professora segurando a mão da menina. Eu conheço um lugar que eles oferecem aulas de piano.

— De graça? É que eu não posso pagar. — Ela balançou a cabeça negativamente.

A professora começou a sorrir.

— É de graça sim, mas primeiro você tem que fazer um teste, nessa escola eles só aceitam cinco crianças. Você aceita tentar?

— Sim, vou aprender a tocar piano — gritou a menina, dando uma risada.

Helena não parou de abraçar e beijar a professora que ficou emocionada ao ver os olhos da menina brilharem.

Quando Leticia foi buscá-la na escola a professora chamou-a para conversar e as duas sentaram em uma sala de aula que se encontrava vazia. Leticia ficou um pouco apreensiva, pois não entendia o motivo da professora querer falar com ela.

— Obrigada por me ouvir. Hoje conversei com a sua filha e ofereci uma vaga de aula de violão para ela, mas Helena me disse que já sabe tocar.

Leticia suspirou aliviada.

— Sim professora, ela aprendeu num projeto social lá na cidade que nós

morávamos. Helena gosta dessas coisas, não sei a quem puxou. Gosta de cantar, tocar piano, está entusiasmada com essas aulas de teatro, mas eu gosto dessa animação dela, passamos por momentos difíceis e ao vê-la assim me sinto satisfeita.

— Por isso, eu lhe chamei aqui, porque tem uma escola particular que eles oferecem vagas para aulas de piano todos os meses, cinco vagas para crianças que os pais não têm condições de pagar. Eu perguntei se ela gostaria de fazer o teste e ela adorou a ideia, então eu gostaria de saber se a senhora tem interesse de levá-la para fazer a avaliação, vai ser na segunda-feira.

— Sim, claro! Vou levá-la, é um sonho da minha filha, só me diz onde fica.

A professora tirou um bloco e uma caneta de dentro da bolsa e escreveu, depois deu o papel para Leticia, que a abraçou fortemente.

Obrigada, professora Leila, por sua bondade com minha filha.

Por nada, dona Leticia, é um prazer ajudar, ainda mais quando percebemos interesse da pessoa, vou torcer para que a Helena passe nesse teste.

Tchau, tenha um ótimo dia disse Leticia saindo.

Leticia foi todo o caminho para casa calada, queria fazer uma surpresa para a filha, ia levá-la para fazer o teste, mas a garota estava inquieta e virava-se para olhar a mãe, intrigada por ela ter ido conversar com a professora.

Quando chegaram a casa, Leticia sentou-se no sofá e Helena foi direto para o quarto guardar sua bolsa, e voltando em seguida, sentou-se ao lado da mãe, ansiosa para saber o que ela havia conversado com sua professora.

Ah mãe, o que a professora queria falar com a senhora?

Você não imagina, querida?

Não sei, hoje ela me falou sobre um curso de piano e perguntou se eu gostaria de fazer.

Foi justamente por isso que ela me chamou, perguntou se eu estava de acordo em levar você para fazer um teste.

E a senhora aceitou?

Mas é claro que sim, meu amor e não tenho a menor dúvida que você se sairá bem.

Leticia estava satisfeita por ver suas vidas tomarem um caminho diferente, agora sim tudo estava indo bem, nada de medo, de tristeza, Leticia abraçou a filha bem forte aconchegando-a em seus braços.

Obrigada mamãe.

Leticia apenas sorriu, sem dizer uma palavra e abraçada a ela.

Na segunda-feira, Leticia levou Helena para fazer o teste, que como sempre vestiu sua extraordinária saia rosa. Leticia ainda não tinha condições para comprar roupas novas para os filhos e a roupa mais espetacular que Helena tinha era aquela saia rosa, então as duas saíram cedo de casa para não se atrasarem para o teste.

Quando chegaram à escola, foram direcionadas para uma sala onde o professor já se encontrava. Sentaram-se em umas cadeiras de plástico e uma mulher bastante simpática apareceu com uma ficha na mão chamando os nomes de cada criança.

É só pra confirmar se todas estão aqui dizia a senhora andando de um lado para o outro.

De repente apareceu o professor na porta chamando pelo nome das crianças,

ele levou uma a uma para a sala, gentilmente pedia para a criança sentar ao piano e ensinava-lhe o que deveria fazer. Cada nome chamado fazia Helena olhar para sua mãe assustada, por um momento sentiu medo de não conseguir. Quando finalmente chegou sua vez a garota olhou e sorriu para a mãe que lhe deu um beijo no rosto, dando-lhe coragem. Helena sentou-se ao lado do professor, ele ensinou os nomes das notas clave de sol, depois ensinou a posição básica das mãos que era com os cinco dedos, mostrou-lhe como se posiciona o polegar direito no Dó central, o indicador no Ré, médio no Mi, o anelar no Fá e o mindinho no Sol, e como posicionar adequadamente as mãos. Quando terminou de lhe ensinar algumas técnicas, pediu que ela fizesse sozinha, e para a surpresa dele, Helena fez direitinho. Na sala havia umas 15 crianças e Helena conseguiu ficar entre as primeiras cinco, o professor agradeceu a presença e o esforço de todos e parabenizou os cinco alunos pelo esforço e dedicação de cada um.

Dois dias depois, Helena foi para tão sonhada aula de piano, estava entusiasmadíssima, não faltava uma aula, era bastante dedicada, e por isso não teve dificuldade em aprender, sentia uma alegria quando conseguia tocar alguma coisa. O pianista e também professor chamava-se Carlos, era alto, pele clara, magro, cabelo liso e escuro, muito bonito e tinha aproximadamente uns 40 anos de idade. Ele que doava as bolsas para as crianças carentes, mas na hora da aula eram todas tratadas de igual modo. No dia do teste ele não pôde comparecer e pediu para um colega se encarregar de fazê-lo.

No primeiro dia que Helena chegou à aula, ficou quietinha. O professor pediu que cada criança falasse seu nome e dissesse por que estavam fazendo aula de piano. Quando chegou a vez de Helena, o professor gostou do tom da sua voz e admirou-se do gosto dela pelo piano. A maioria das crianças que entravam

ali para estudar, eram incentivadas pelos pais, ele nunca conhecera uma que falasse com tanto amor de um piano, Carlos percebeu que Helena realmente gostava, percebia nela a curiosidade de saber o nome de cada tecla. Carlos passou a prestar atenção em Helena, com o passar dos dias o experiente professor foi vendo a sua habilidade e a maciez com que tocava as teclas do piano. Ficou encantado com a sua desenvoltura. A menina muito alegre e divertida logo fizera amizade com as outras crianças, Carlos gostava de brincar com ela e sempre puxava assunto, um dia aproximou-se dela, abaixou-se ficando da sua altura e disse, tocando na ponta de seu nariz:

— Você tem certeza que não sabia tocar piano?

— Tenho sim, professor. Estou aprendendo aqui. — E sacudiu as pernas, nervosa com a aproximação dele.

— Olha, se você continuar assim vai tomar o meu lugar — começou a fazer-lhe cócegas.

Sempre que Leticia ia deixar a filha na aula de piano, cumprimentava o professor Carlos, que não demorou a interessar-se por aquela mulher formosa de aparência. Ele dizia-lhe como Helena estava se saindo nas aulas e Leticia logo percebeu o modo dele a olhar e falar com ela, o que a fazia ficar sem jeito.

Um dia, Carlos convidou-a para sair, mas Leticia não aceitou, pois sentia-se chateada com a irreverência dele. Entrou no quarto jogando a bolsa sobre a cama e saiu indo em direção da cozinha onde se encontrava a dona Ana.

A senhora acredita que o professor de piano da Helena me convidou para sair? — falou quase sussurrando para as crianças não ouvirem.

— Por que você não aceitou? Deveria ir para se distrair um pouco —

aconselhou a senhora enquanto colocava café na xícara e dava para ela.

— Não, dona Ana, eu ainda sou casada. Só tenho que pensar nos meus filhos a partir de agora e também não tenho nada para oferecer para esse homem — falou tomando um gole de café.

— Você só vai saber que não tem nada para oferecer, se você for — sugeriu olhando-a fixamente. Leticia ficou calada e pensativa.

Todos os dias, na aula de piano, Carlos falava com Helena, que ficava sem jeito e constrangida. Naquele dia, Helena entrou na sala e sentou-se na primeira cadeira, Carlos aproximou-se da menina, olhou em sua direção e perguntou:

— Você gosta de mim?

— Claro que sim, professor! Você é maravilhoso e muito bonito também. E fechou os olhos sentindo vergonha com o que acabara de dizer. Carlos começou a sorrir.

— Cadê o teu pai? — Assim que ele questionou, ela ficou um tempo calada.

— Ele mora em outro lugar — falou bem baixinho, quase cochichando ao seu ouvido.

— Ele vem sempre aqui?

— Não, de jeito nenhum, ele nem sabe que a gente mora aqui. — Ela gaguejou e baixou a cabeça.

Carlos percebeu a tristeza no olhar da garota, e afastou-se dando início à aula.

Quando Leticia chegou para buscar a menina, ela correu para abraçar a mãe.

Carlos, mesmo na frente de Helena, arriscou convidar Leticia outra vez para

sair, aproximou-se ficando ao seu lado.

— Gostaria de conversar com você. Tenho uma pergunta para fazer, aceita jantar comigo? — E deu um sorriso de canto de boca.

— Aceita mamãe, aceita. — Helena disse, olhando para a mãe, e balançando seu braço, fazendo-a ficar inquieta. Leticia não sabia para onde olhar.

— Filha, pare já com isso! — disse a mãe, e com uma fisionomia séria olhou para Helena.

Carlos insistiu tanto, que com a ajuda de Helena, Leticia acabou aceitando. Helena encontrava-se mais empolgada que a mãe, esta nunca havia saído com outro homem sem ser Elvis e sentia-se culpada por estar fazendo aquilo, mas dona Ana e Helena davam forças para ela ir.

Leticia colocou uma roupa bem simples, um vestido sem detalhes, justo ao corpo, na cor preta e calçou uma sandália. Dona Ana prendeu seus cabelos e passou um batom.

Quando chegou na hora exata que havia combinado com ela, Carlos foi buscá-la na casa de dona Ana. Bateu à porta, e assim que a senhora abriu, ele apresentou-se gentilmente. Leticia saiu dando um sorriso sem graça para dona Ana, que sacudiu a cabeça com aquela atitude. Quando entrou no carro sentia-se tensa.

— Não me leve a mal, mas eu sou casada e tenho três filhos, não sei nem o que estou fazendo aqui com você, não posso lhe oferecer nada se não a minha amizade — falou aflita.

Carlos quis sorrir, porém conteve-se e disse:

— Acalme-se, não estou lhe pedindo nada, vamos apenas conversar, certo?

— Certo! — respondeu apertando uma mão na outra.

Quando chegaram ao restaurante, sentaram à mesa e ele fez os pedidos, depois virou o rosto para olhá-la.

— Você me disse que é casada, e em todo esse tempo a vejo sozinha, onde está seu marido?

Carlos sabia que havia alguma coisa de errado com o esposo de Leticia, pois Helena já havia relatado que o pai morava em outro lugar. Então, decidiu mencionar isso só para ver a reação dela, mas ao invés de conversar sobre o assunto, ela irritou-se.

— Olha, me desculpa, eu mal te conheço. Não vou expondo minha vida pessoal, eu te falei que não queria sair com você, o problema não é você, pois parece ser uma boa pessoa, gosta de ajudar as crianças e isso é legal, só que eu não deveria nem estar aqui. Foi um erro ter aceitado sair com você, não entendo o que viu em mim, sou tão simples, nem sei me arrumar, não sei falar bem. Você está cercado de belas mulheres pode ter a que quiser — esbravejou ela.

— Eu sei, mas não quero nem uma dessas mulheres. No primeiro dia que a vi entrar na escola junto com a Helena, senti algo diferente por você, nunca senti isso antes por alguém. Me dá uma chance de te provar que eu realmente quero um compromisso sério com você. — Carlos tentou segurar sua mão, mas ela puxou antes que ele a tocasse.

— Não posso — falou virando o rosto.

— Pois, me deixa ao menos ficar perto de você, sem compromisso, vamos ser apenas amigos, tudo bem pra você? — Ele sugeriu sorrindo para ela.

— Sim. Se você quiser ser meu amigo, sim eu aceito. — E deu-lhe um

sorriso tímido.

Carlos, com seu jeito amigável e cativante de ser, logo fez amizade com dona Ana.

Passadas algumas semanas do jantar dele com Leticia, resolveu fazer uma visita à senhora. Uma noite, quando Leticia chegou do trabalho, Carlos encontrava-se lá bastante atencioso com as crianças, ela entrou, e assim que o viu sentado no chão da sala ajudando os meninos a montar um quebra-cabeça chateou-se, fez um gesto com a mão chamando dona Ana no canto para conversar. A senhora levantou-se do sofá sorrindo, já imaginava do que se tratava.

— O que esse homem está fazendo aqui? — cochichava ela no ouvido de dona Ana.

— Ele só veio me visitar, acalme-se, não está aqui por você e sim por mim, não seja mal educada e vá lá dar boa noite pra ele.

Leticia aproximou-se deles, deu boa noite e beijou no rosto de cada um de seus filhos, pediu licença saindo para o quarto. Carlos olhou para dona Ana que balançou a cabeça para ele, como se dissesse “Você está fazendo tudo direitinho” e sorriu com gentileza.

Carlos causou boa impressão para Heitor e Hélton, os meninos adoravam conversar com ele. Um dia, Heitor contou para ele que seu sonho era ser médico, Carlos deu a maior força e disse para ele estudar e que com certeza se tornaria um excelente médico. Heitor empolgava-se ainda mais quando Carlos o elogiava, e sempre que ele ia visitá-los, corria para mostrar seus cadernos de atividades respondidos corretamente. Carlos deleitava-se quando estava junto daqueles meninos, ele já estava ficando tão próximo a eles que não conseguia permanecer por muito tempo longe. Quase toda noite ele ia

para a casa de dona Ana e levava pizza, porque as crianças adoravam.

A cada dia, Leticia sentia segurança em Carlos, que pouco a pouco foi ganhando a sua confiança, até que um dia contou toda a sua vida para ele, que ficou comovido. Ele não podia ter filhos e não entendia como um pai tinha coragem de causar tanto mal a seus próprios filhos. Por muito tempo ele viveu com mágoa de sua noiva, uma vez que faltavam apenas algumas semanas para o casamento deles e ela deixou-o, Carlos sofreu intensamente. Naquela época foi difícil compreender e sentiu até raiva de Tania, mas agora entendia o motivo dela o ter deixado, o maior sonho de Tania era ser mãe e sabia que casada com ele, não seria possível. Quando ela o chamou para fazer os exames pré-nupciais, Carlos não entendeu o motivo, “para quê fazer esses exames se eles já tinham vida sexual ativa?”, ele falava. Mas ela dizia que o casamento era um projeto de vida e que queria ter filhos, e ele acabou indo ao médico com ela. Tania sugeriu que ele fizesse um espermograma e ele assim fez, até porque era um homem saudável, só iria fazer aqueles exames para satisfazê-la. Quando receberam os resultados, o médico sugeriu que repetisse o exame, e Carlos percebeu a preocupação de Tania. O segundo exame mostrava ausência de espermatozoide. O médico explicou aos dois do que se tratava. Quando saíram do consultório, Carlos notou que Tania estava estranha e disse para ela que tudo ficaria bem, logo ele procuraria um urologista especializado em reprodução humana. Tania abraçou-o e saiu sem dar uma palavra, indo para sua casa. Duas semanas depois, ela terminou o noivado e Carlos nunca mais a viu. Três anos depois ele soube que ela havia se casado e tinha dado à luz um menino, então ele colocou de lado suas frustrações e seguiu em frente. Por isso não entendia como o pai daquelas crianças podia ter uma atitude daquelas, ele nunca poderia ter filhos e outros tão abençoados com crianças tão lindas, cheias de vida, inteligentes, alegres, não sabiam aproveitar o melhor que a vida tinha dado para eles, só de olhar

para aqueles sorrisos chegava a iluminar todo o ambiente. A partir daquele momento sentiu que precisava protegê-los.

Carlos precisava resolver aquela situação com Leticia, e decidiu que havia chegado a hora. Em uma dessas noites que Carlos foi para casa de dona Ana, encontrava-se meio desconcertado, Leticia mandou que ele entrasse e os dois foram sentar no sofá. Dona Ana colocou os meninos para dormir e foi para seu quarto deixando os dois sozinhos.

Carlos segurou a mão de Leticia, que dessa vez deixou que ele a tocasse. Ele olhou para o chão, e em seguida para ela dando um longo suspiro. Aquela conversa não seria fácil, Leticia tinha todos os motivos do mundo para não se envolver com ninguém, e ele sentia medo dela o desprezar e não querer que ele a visse mais, não suportaria ficar longe dela e das crianças. Por um momento sentiu um nó em sua garganta ao pensar daquela maneira, mas tinha que tentar. Apertou a mão de Leticia e olhou para ela com ternura.

Não vou fazer rodeios com você, Leticia. Preciso que preste bastante atenção no que vou te dizer.

Tudo bem, Carlos. — Ela disse juntando as sobrancelhas.

Carlos pigarreou e acariciou a mão de Leticia.

— Estou apaixonado por você, casa-se comigo?

Leticia fechou os olhos absorta com o que acabara de ouvir, virou o rosto sem soltar a mão dele, Carlos sentiu suas mão trêmulas e apavorou-se quando ela virou o rosto sem querer olhá-lo.

E então, Leticia? — insistiu.

— Eu vou pensar, Carlos, não quero tomar uma decisão precipitada. Quando

decidir te falo o que resolvi, prometo.

— Tudo bem, mas pensa com carinho, quero muito estar ao teu lado e, juntamente com você, criar seus filhos.

Carlos sentiu-se aliviado de certo modo, não era a resposta que gostaria de ouvir, mas também ela não o despachou de vez, ainda havia uma esperança. Assim que ele saiu da casa de dona Ana, Leticia deitou-se no sofá pensando, ela também estava apaixonada por Carlos, ele era um homem sincero e responsável, e queria um relacionamento sério com ela, nunca havia se casado, e quando sua noiva decidiu terminar o noivado, ele sofreu com aquilo, não conseguia superar que havia perdido a pessoa que mais amava, e ainda descobriu que não podia ter filhos, sentiu sua vida virar do avesso, por isso passou a ajudar aquelas crianças. Ficar perto delas de certo modo fazia sentir-se vivo.

Horas depois, Leticia foi até o quarto de dona Ana para conversar e pedir sua opinião, era tão bom poder ouvir um conselho, uma palavra sincera. Em toda sua vida nunca partilhara com alguém algo que estava sentindo ou vivendo. Leticia bateu na porta do quarto e dona Ana pediu que entrasse, afastou as cobertas, e pediu que Leticia sentasse ao seu lado, dona Ana a olhou e percebeu que ela encontrava-se apreensiva.

O que houve, minha querida? — perguntou pegando sua mão.

— O Carlos me pediu em casamento, o que a senhora acha? Eu devo aceitar me casar com ele? — E olhou com indecisão.

— Que notícia maravilhosa, minha filha. Eu não só acho, como tenho certeza que você deve aceitar esse casamento. O Carlos já mostrou que realmente gosta e se importa com você e também com os seus filhos, casa com ele, aproveita e vai ser feliz, você merece. Deu umas batidinhas na mão dela.

Na noite seguinte, Carlos foi buscar Leticia no restaurante em que ela trabalhava, no caminho para casa, sem ao menos esperar, ela disse que aceitava casar-se com ele. Carlos ficou emocionado e virou para beijar no seu rosto, sentia-se animado, não acreditava no que acabara de ouvir. Leticia sentiu-se encabulada com a aproximação dele. Um mês depois eles casaram-se. O casamento foi em uma cerimônia simples, apenas para alguns amigos de Carlos, ocorrendo na casa dele. As crianças ficaram eufóricas, principalmente Helena que via a alegria nos olhos da mãe.

Foram morar em casa de Carlos. Quando as crianças entraram não acreditavam no que estavam vendo, o domicílio era grande e ficava em um bairro nobre de São Paulo. Na frente da residência havia umas gramas no chão e árvores ao redor, tinha uma garagem com portão branco, bem arrumada e decorada. Na sala havia um piano, e no andar de cima ficavam os quartos e uma área ampla. Todas as casas da rua eram lindíssimas e cercadas por árvores e grama, e o lugar era tranquilo. Em algumas calçadas havia plantas., os meninos ficaram encantados com o lugar e Leticia também, ela não acreditava que Carlos pudesse ter uma casa tão linda, ele era tão simples que ela nunca imaginou que tivesse um lar tão extraordinário e perfeito. Helena ficou perplexa ao ver a casa, encontrava-se nervosa e ansiosa, jamais poderia imaginar aquilo tudo.

Dentro da residência havia varias fotos e troféus, quadros pendurados na parede, quadros que ela nunca tinha visto nem mesmo nas casas das patroas onde havia trabalhado. A cozinha era um luxo, havia uma porta de vidro enorme que dava acesso a outra área da casa. Carlos havia preparado os quartos para os meninos, todos arrumados e decorados. Heitor e Héltón ficaram em um quarto apenas, decorado com papel de parede azul, guarda-roupa grande para eles, uma estante cheia de brinquedos, camas, uma mesa

com cadeira para estudarem, porque a brincadeira preferida de Heitor era estudar e Carlos já havia percebido o quanto o garoto era estudioso. O quarto de Helena foi todo ornamentado, decorado com papel de parede com flores e com o fundo rosa, tinha uma cama, um guarda roupa cheio de roupas novinhas, uma estante com bastantes bonecas, a menina só queria ficar deitada na cama agarrada com elas.

Leticia emocionou-se ao ver os quartos dos filhos, a cada dia Carlos demonstrava um enorme amor por Leticia e pelas crianças, ele tinha um cuidado e um carinho por eles, que os levou a chamá-lo de pai.

O tempo foi passando e Helena já não era mais aquela garotinha insegura que um dia viveu cercada de medo, já era uma bela jovem de dezessete anos de idade, segura, aprazível, cheia de sonhos e planos, sua família estava totalmente diferente, Carlos era um homem bondoso e amava-os como se fossem seus filhos.

Quando Helena ia para o ensaio no teatro, passava a tarde inteira por lá, geralmente ficando apenas ela e William. Helena gostava de observá-lo, mas sem ele perceber, porque quando ele olhava para ela, rapidamente tirava a vista, e disfarçava olhando para outro lado. Mal terminavam os ensaios, o grupo de amigos sempre tinha algum lugar divertido para ir, mas William não gostava de sair e nunca ficava com a turma. Helena percebeu que ele não era de muitas conversas, por isso tinha receio de puxar papo com ele. Cada dia que Helena permanecia ao seu lado sentia uma forte emoção, o desejo de estar perto dele. Queria poder tocá-lo, adorava ouvir sua voz cantando suavemente.

No dia que não havia ensaio, ela mantinha-se em casa trancada em seu quarto, não conseguia concentrar-se em nada, não parava de pensar em William, não entendia como um sentimento como aquele floresceu dentro

dela. Sentia vontade de vê-lo e ansiava que chegasse o dia de poder ficar ao seu lado, mesmo não acontecendo nada entre eles, só o fato de estar perto dele já era o suficiente para ela.

Capítulo VIII

Na manhã de sábado, Helena pediu para seu pai ir deixá-la cedo ao teatro, dado que haveria uma reunião. Foi a segunda pessoa a chegar lá, seguida por William. Assim que o viu, sentiu seu coração bater mais rápido.

— Bom dia, Helena. — Ele falou estendendo a mão para ela.

— Bom dia, William. — Estendeu a mão para segurar a dele.

— Você chegou cedo. — E sentou-se próximo a ela.

— É. Estou ansiosa. — Olhou e sorriu para ele.

— Imagino! Eu também.

E os dois ficaram olhando um para o outro. De repente, Mauro entrou e William tirou o olhar dela virando-se para ele, mas o diretor percebeu um clima diferente entre os dois, e sorriu com o canto da boca. Assim que todo o grupo chegou, todos se sentaram no chão do palco, onde fizeram um círculo. Mauro definiu o assunto e falou o tempo que ficariam ali, a reunião durou aproximadamente uns 40 minutos, mas de vez em quando, ele contava algo para descontraírem um pouco. Quando terminou, Helena abraçou as meninas, deu-lhes um beijo e foi embora. William continuou lá sentado, Mauro aproximou-se dele para conversar e olhou-o fixamente.

— Ela é linda, você não acha? — E cruzou os braços.

— Sim, ela é linda e muito profissional também — disse William erguendo as sobrancelhas.

— Então convida ela pra sair — disse sem rodeios.

— Não. Ela deve ter namorado, imagina com que cara vou ficar se me der um

fora. — E fez uma careta.

— Tenta, vocês são colegas de trabalho, devem ter muitas coisas em comum, não custa nada tentar.

— Você acha que eu deveria falar com ela? — E olhou-o surpreso.

— Eu acho que sim — confirmou.

William continuou refletindo enquanto Mauro saía, em seguida levantou indo para o estacionamento pegar o carro, e foi para o seu apartamento. Durante o caminho ia planejando o que fazer, precisava tomar uma decisão, pois estava realmente gostando de Helena. Quando chegou ao seu apartamento, as palavras de Mauro ecoavam em sua cabeça. William deitou-se no sofá e pôs-se a cogitar se de fato seria uma boa ideia convidar Helena para sair, mas acreditava que sim, como Mauro dissera, não custava nada tentar. Na segunda-feira tentaria, porque estava começando a apaixonar-se por ela, como era linda, não conseguia parar de pensar naquele sorriso e naquele olhar que tanto o fascinavam, mal podia esperar o momento de poder ficar a sós com ela e poder chamá-la para sair com ele.

O grupo de atores já estava há um mês ensaiando, e William achava-se seguro em sua decisão de chamar Helena para sair, mas na tarde de segunda-feira o tempo não parecia disposto a colaborar, choveu durante todo o dia e William não parava de pedir que a chuva cessasse, sentia-se ansioso. Quando terminou o ensaio andava de um lado para o outro, foi até à porta do teatro, permanecendo lá, com os braços cruzados, encostado à parede e olhando para o céu. Assim que finalmente a chuva cessou, ele encheu-se de coragem, mas não conseguia parar de ficar inquieto, passou a mão pelos cabelos, deu um longo suspiro. Naquele instante todos os jovens apareceram lá fora ficando

um grupo de amigos conversando. William olhou para Helena, deu um sorriso, encheu-se de ânimo e enfim aproximou-se dela colocando as mãos no bolso, pigarreando para chamar a atenção.

— Oi Helena.

Oi William — disse ela com um largo sorriso no rosto.

Helena, você gostaria de dar um passeio comigo? Nós podemos ir a uma lanchonete, o que você acha? — falou olhando para ela, quase prendendo a respiração de tão aflito que se encontrava.

Helena surpreendeu-se com o pedido de William. Suas mãos ficaram frias e seu coração bateu acelerado.

— Claro! Vamos sim, só que depois você vai ter que me levar em casa, certo? — Olhou para ele sorrindo encabulada.

— Sim, com todo prazer — confirmou com a cabeça e sorriu com o canto da boca.

— Espera só um minuto, meu pai está estacionando o carro, vou falar com ele, tudo bem?

Tudo bem.

Helena foi ter com Carlos, sorrindo meio sem jeito, sentia vergonha, pois sabia que ele já desconfiava que ela tivesse uma quedinha pelo William.

— Papai, o William me convidou para dar uma volta com ele, mas depois ele me leva pra casa, tudo bem? — cochichou ao seu ouvido.

— Sim, minha filha, deixa só eu dar uma palavrinha com ele. — E deu um sorriso malicioso para ela, como se dissesse “eu sabia que estava rolando algo

entre vocês dois”.

— Pai, assim eu fico constrangida. — E abraçou-o.

— Calma filha, espera aí. — Carlos caminhou aproximando-se de William.

— Olá! Sou o Carlos, pai da Helena. — E estendeu a mão.

William cumprimentou-o.

— Oi, seu Carlos, sou o William e com a sua permissão gostaria de sair com a sua filha para irmos dar uma volta. Depois eu a levo em casa — explicou sentindo-se temeroso.

— Certo! Eu permito, mas quero essa mocinha em casa às 21h00min, combinado?

Carlos colocou as mãos nos bolsos e piscou o olho para filha, que baixou a cabeça acanhada.

— Sim. Combinado. — Ele disse de forma gentil.

Helena deu um beijo no rosto de seu pai e esperou que ele entrasse no carro e fosse embora. Quando viu o carro distanciar-se olhou para o William sorrindo. Seu coração batia freneticamente, ainda mais quando olhou e viu que seus amigos cochichavam, pois sabia que estavam comentando sobre ela e William, mas o que isso importava? Eles eram jovens, adultos e amigos, “por que aquilo seria um passeio de amigos, certo?”, pensava enquanto olhava para ele.

Podemos ir agora? — apontou em direção da rua.

Claro, vamos sim. — Helena sorriu colocando a mão no bolso do casaco.

Os dois saíram lado a lado, a noite estava ótima, a rua calma e tranquila, o céu estava acinzentado e nublado. Apenas alguns carros passavam por eles. Aquele clima agradável fazia com que suas mãos tremessem e ela ficasse em dúvida se realmente sentia frio ou nervosismo por estar ao lado de William. Os dois entraram em uma lanchonete perto dali, sentaram em uma mesa, um de frente para o outro. A garçonete aproximou-se, era uma jovem alta, morena, magra, sorridente e bem educada, chegou e ofereceu o cardápio para eles, William pegou e agradeceu, em seguida fizeram os pedidos, um sanduiche natural e um cappuccino para cada um.

— Nós nos vemos três vezes por semana, e ficamos quatro horas juntos, mas quase não temos tempo para conversar — comentou ele erguendo uma das sobrancelhas.

— Realmente, e passa tão rápido quando estamos juntos, né verdade? — falou ela com encantamento.

— Sim. Eu fiquei bastante feliz em trabalhar com você, te acho uma pessoa com um grande talento. Quando foi que você começou a estudar teatro?

— Ah! Já faz tempo, quando eu cheguei aqui em São Paulo. — Ele teve um espanto e a interrompeu, mexendo-se na cadeira e inclinando-se para frente.

— Desculpe, mas você não é daqui? — surpreendeu-se ele.

— Não. Eu nasci em Brasília. Quando eu tinha um ano de idade meus pais se mudaram para o interior e com a idade de oito anos vim morar aqui na capital — explicou ela colocando a mão no queixo.

Ah! Sim — disse ele com um pequeno sorriso.

Ela sorriu e continuou a falar:

— Então, quando eu cheguei aqui em São Paulo, fui estudar em uma escola que duas vezes por semana havia aulas de teatro, assim que entrei fui logo participar de uma peça. — Hesitou, depois continuou a falar. — A peça se chamava “a primavera da lagarta”, e minha personagem era uma borboleta. — Ela falou com voz bem modulada e vigor, depois sorriu e ele retribuiu com outro sorriso.

Helena estava tão nervosa e sempre tentando mostrar o seu melhor, mas William já sabia da pessoa incrível que ela era e não se surpreendeu da forma amável que ela se expressava.

Depois disso nunca mais parei, há nove anos que eu faço teatro, mas nunca imaginei que um dia eu fosse me tornar atriz — explicou olhando nos olhos dele sem piscar.

— Por quê? — disse ele fazendo uma cara de confuso.

— Porque o meu grande sonho era ser pianista e tudo aconteceu ao mesmo tempo, também há nove anos que eu toco piano. — Ela sorriu para ele.

— Nossa! Que bacana, e os seus pais sempre te apoiaram?

— Sim, sempre. O meu pai é pianista e me deu todo incentivo, e o meu amor pelo piano falou mais alto, tanto que eu estou estudando música na universidade.

— Quer dizer que estou de frente de uma artista completa, você canta, toca piano, interpreta, tem mais algum talento que eu ainda não estou sabendo? — admirou-se ele sorrindo para ela.

— Ainda não descobri, mas assim que encontrar te falo. — Inclinou-se para frente.

— Espero que sim — concordou ele sem desviar os olhos dela.

— E você?

— Eu, desde criança me identifiquei com o teatro, na escola sempre participava de peças teatrais. Quando eu era adolescente comecei a participar de um curso de teatro, depois não pude mais frequentar. — Ele mexeu no porta-guardanapos em cima da mesa baixando a cabeça sem a encarar.

— Por quê? — insistiu em saber.

— Porque as coisas se complicaram para mim. — Ele respirou fundo e olhou-a. — Espero que tenhamos mais oportunidades para conversar e eu te contarei essa outra parte da história.

— Eu adoraria saber. — E encostou as costas na cadeira.

Helena sorriu e olhou para ele, percebeu uma tristeza no seu olhar, e antes que perguntasse mais alguma coisa, a garçonete aproximou-se trazendo o pedido deles: os sanduiches e os cappuccinos, e deixando sobre a mesa.

— O Mauro comentou que você estuda artes cênicas — disse Helena pegando o copo de cappuccino.

— Sim. O meu curso é bacharelado e habilitação em interpretação teatral.

— Que legal, é bom estudarmos o que gostamos, pois mesmo havendo dificuldades, sempre criamos força e coragem para enfrentar os problemas.

Ele olhou para ela, e por um segundo pensou “ela acredita da mesma forma que eu, porque só Deus sabe as dificuldades e problemas que venho enfrentando pra chegar até aqui”.

— É verdade, Helena, e no meu caso tive muitos problemas, mas aos poucos

estou conseguindo superar. — Ele tomou um gole da bebida.

— Onde você estuda? — Ela colocou a xícara sobre a mesa e olhou.

— Na USP — respondeu ele.

— O quê? Na USP? — Ela admirou-se pegando um guardanapo.

— Sim. Por quê? — falou ele admirado com o espanto dela.

— Porque eu também estudo na USP e estou no primeiro período, o meu curso é música “bacharelado e habilitação em instrumento”.

— É mesmo? Não sei como nunca a vi por lá.

— Pois é, eu também nunca o vi — concordou com ele.

Helena ficou perplexa ao saber que estudava na mesma universidade que William. Olhou para ele e sorriu.

— Eu estou com um pouco de dificuldade em aprender as músicas. O que você faz para aprender todas elas? Você tem alguma técnica?

— Sim. Faço anotações, estudo as músicas em casa e repito-as novamente quando erro.

— Eu não tenho a menor dúvida que vou aprender bastante com você.

— E eu terei o maior prazer em te ajudar, se precisar de mim é só falar.

— Sério?

Helena concordou com a cabeça, ele deu um leve sorriso colocando o sanduiche no prato e pegando um guardanapo. Quando terminaram de lanchar, William levantou o braço sinalizando para a garçonete, ele pediu a conta e assim que pagou os dois foram dar uma volta ao redor da praça,

ficava próxima ao teatro. A praça tinha uma beleza sem igual, Helena já havia andado ali outras vezes, mas nunca tinha percebido o quanto aquele lugar era bonito. As árvores moviam-se, o chafariz que embelezava o lugar parecia olhar para ela, tudo parecia estar brilhando e ter vida. Eles andaram lado a lado, William colocou as mãos dentro dos bolsos da calça, virando o rosto para olhá-la, sempre lhe demonstrando carinho. Helena sentia-se nervosa porque ele a deixava assim, ela não sabia nem o que falar e William percebeu seu desconforto.

— Está com medo de mim? — William aproximou-se ainda mais dela.

— Não. — Helena começou a sorrir passando as mãos pelo cabelo.

— Desculpa, está tão óbvio assim que estou estranha?

Um pouco. — E sorriu.

Tá bom, me deixa ver o que perguntar pra você. — Os dois sorriram. Então William, você sempre morou aqui em São Paulo? — E virou para olhá-lo.

— Não. Estou morando aqui agora e por isso acho que vou precisar de alguém pra me ajudar a andar nessa cidade tão imensa, porque não conheço muitos lugares, a não ser o caminho do teatro e da universidade, você aceita me ajudar?

— Sim. Claro. — E ficaram os dois parados um de frente para o outro se olhando.

William sorriu para ela, em seguida continuaram andando um ao lado do outro pela praça, ele constantemente dizia algo para Helena sentir-se bem ao seu lado, mesmo por pouco tempo ali juntos, queria fazer daquela uma noite especial, ele olhou-a de forma intensa.

— Agora é a minha vez de fazer-te uma pergunta, Posso?

— Sim.

— Você tem namorado?

Helena sentiu seu coração dar um salto naquele momento, olhou colocando os cabelos por detrás da orelha, deu um tímido sorriso e sentiu ter ficado vermelha.

— Não — disse enfim.

— Não? — E deu um sorriso de canto de boca.

— E você? — falou percebendo sua respiração ficar irregular.

— Também não. — Ele disse rindo e aproximou-se dela.

Helena estava olhando fixamente para William, e por alguns segundos os dois ficaram assim, ela desviou o olhar para o relógio sentindo-se embaraçada.

— Já está na minha hora, tenho que ir pra casa — disse inquieta.

— Espera só um minuto que eu vou pegar o carro. — E saiu caminhando.

Helena ficou em pé esperando por ele, sentindo-se animada por saber que William não tinha namorada, ela sorriu sozinha achando-se uma babaca. William foi até o estacionamento para pegar seu carro que era uma Toyota Hilux sw4 na cor branca e deu a volta em seguida, parou bem próximo a ela, depois desceu do carro para abrir a porta para Helena entrar, deu a volta no carro até à porta do motorista entrando também e foi deixá-la em casa. Enquanto dirigia, Helena foi ensinando o caminho para ele, que olhou para ela e sorriu. William como um devido cavalheiro deixou-a na hora exata que

seu pai havia falado, não queria decepcioná-lo logo no primeiro encontro. Quando chegou a sua casa, Helena deu um beijo no rosto de William antes de descer do carro.

— Obrigada por essa noite.

— Obrigado por você ter aceitado meu convite, me diverti muito ao teu lado, podemos sair de novo?

— Claro! — falou enquanto abria a porta do carro.

Quando Helena entrou em casa estava radiante, sua mãe chamou-a e ela aproximou-se deles que estavam sentados no sofá da sala.

— E aí filha, como foi o passeio? — falou Leticia inclinando-se para frente.

— Foi maravilhoso, sabia que o William além de lindo, também é um cavalheiro, e o mais importante de tudo é solteiro, agora eu vou tomar banho.

Seus pais começaram a sorrir da forma que Helena subia as escadas andando nas pontas dos pés imitando uma bailarina.

William morava sozinho em um pequeno apartamento, bastante aconchegante, aproximadamente uns 56 m², com sala de estar e cozinha, quarto e banheiro, o apartamento era sempre arrumado e cada coisa em seu devido lugar. Quando William chegou, abriu a porta ficando em pé encostado nela, suspirando e olhando para sua sala que era pequena, mas tinha tudo que precisava, um sofá bege com almofadas vermelhas e azuis, um tapete branco, uma mesa de canto com uma cadeira azul, onde ele colocava seus livros preferidos, deitou-se no sofá, não conseguia parar de pensar em Helena.

“Já que a bela Helena não tem namorado, tenho que criar coragem e pedi-la em namoro”, pensava ele.

William nunca conheceu alguém assim, tão dedicada, inteligente, bem humorada e linda. Ele estendeu o braço pegando o controle da televisão, ligou-a, e em seguida foi para o quarto tomar banho, esse era um costume que tinha e sempre ouvia reclamações de sua mãe sobre essa prática, que apesar de se queixar nunca deu jeito nesse comportamento habitual do filho. Quando se levantou do sofá lembrou-se de sua mãe e sentiu-se triste, pois estava morrendo de saudades. Entrou debaixo do chuveiro deixando a água molhar seu rosto.

Quando Helena entrou em seu quarto jogou-se na cama suspirando, as lembranças do passeio que teve com William passavam em sua cabeça como se fosse um filme, definitivamente estava apaixonada. Era diferente do que sentia quando namorou Rafael, não tinha tanto entusiasmo por ele como estava sentindo agora, uma mistura de ansiedade com desejo. Helena sentou-se na cama colocando as duas mãos no rosto tentando abafar um sorriso. Sem demora, levantou-se da cama indo em direção ao banheiro, explodindo de felicidade, estava desejosa, mal podia esperar a hora de ver William novamente.

Assim que saiu do banho vestiu seu pijama e deitou-se na cama. Toda aquela inquietação fez com que perdesse o sono, mas como na manhã seguinte precisava acordar cedo tinha que fazer um esforço e dormir. Ela virou-se na cama apagando a luz do abajur, fechando os olhos, mas a única imagem que vinha à cabeça era do William, lindo, charmoso, atraente. Agarrou o travesseiro e suspirou.

Capítulo IX

Na manhã seguinte, Helena foi para a universidade com Heitor, andava olhando para todos os lados procurando o William, mas não conseguiu vê-lo. Caminhou em passos lentos, subiu os degraus indo em direção da sua sala, sentiu um vazio no peito, pois tinha esperança de vê-lo, ansiava em ouvir dele um bom dia acompanhado de um lindo sorriso. No mesmo instante balançou a cabeça, entrou na sala sentando-se na cadeira, mas não conseguia prestar atenção na aula.

Na quarta-feira o dia amanhecera com o céu carregado de nuvens cinzentas não demorando a chover. Helena resolveu ir ao teatro com um vestido mostarda, pôs uma meia calça preta, calçou uma bota e pegou um cachecol, assim ela sentia-se confortável e quentinha. Eles ensaiaram bastante aquela tarde, William fez questão de não errar uma única música, pois tinha planos para logo mais à noite e não podia perder tempo ensaiando.

Assim que terminou o ensaio, Helena foi caminhando para a porta de saída do teatro estranhando a ausência de William. Ela ficou em pé lá fora à espera de seu irmão. William caminhou devagar ficando ao lado dela, olhou para o céu certificando-se que o tempo estava favorável, virou o rosto para olhá-la e pensou como a convidaria para sair novamente, Helena olhou na direção dele, que se aproximou dela.

— Você quer dar uma volta? A noite está tão agradável. — Ele olhava para ela, que não resistia àquele olhar.

— Claro. Vamos, mas depois você me leva em casa? — E sorriu.

— Tudo bem.

— Está bem, vou ligar pro meu irmão, meu pai teve que viajar, aí Heitor

ficou de vir me buscar, é só um minutinho. — Balançava o celular enquanto falava.

— Ok. — William baixou a cabeça chutando umas pedrinhas com a ponta do sapato enquanto Helena se afastava, discando o número, mas Heitor não atendeu aquele telefone e ela começou a balançar a perna, impaciente.

Como o Heitor é lerdo — dizia ela em voz baixa.

Depois de algumas chamadas, finalmente Heitor atendeu.

Oi Helena, tive um contratempo, chego já aí — falou rapidamente.

Não Heitor, espera! Olha só, eu liguei justamente para você não me vir buscar, irei sair com um amigo e depois ele me levará em casa.

Heitor começou a sorrir ao ouvir a animação e euforia da irmã, então tentou zombar dela um pouquinho.

Mas quem é esse amigo?

Por Deus, Heitor, não se faça de desentendido.

Ah sim, do rostinho bonito, que o papai falou.

— Para já com isso, por favor, avisa a mamãe que vou ter um encontro. — Sorria ao mesmo tempo em que falava.

— Não mesmo, eu nem conheço esse cara, não vou te deixar sozinha com ele. — E deu uma gargalhada.

— Não fala isso nem brincando, você acha mesmo que eu vou perder essa chance de conhecer uma pessoa legal?

— Estou brincando irmãzinha, mas vê se não demora, você sabe que quando o papai não está eu passo a ser o homem da casa.

— Tudo bem, senhor “homem da casa”, não se preocupe que não vou demorar, tchau Heitor, avisa a mamãe.

— Tudo bem.

Helena virou-se para William sorrindo.

Podemos ir agora — disse mexendo a alça da bolsa.

Como você quiser. — E apontou o caminho para ela.

O céu encontrava-se cinzento e nublado, Helena e William foram caminhando até chegar à praça, onde havia uma ponte construída bem acima de um lago. Eles decidiram parar um pouco, Helena apoiou as costas no peitoral ficando de frente para William que colocou as mãos nos bolsos da jaqueta, os dois sentiam o vento frio em seus rostos. Helena percebeu que William estava inquieto, como se quisesse contar algo.

— O que foi, William? Estou te achando um pouco estranho. — E cruzou os braços sentindo um pouco de frio.

— Não é nada, só estou criando coragem para te perguntar uma coisa. — Tirou a mão do bolso da jaqueta e coçou a nuca.

— Não precisa disso, pode perguntar — disse curiosa em saber o que ele tinha de tão importante para perguntar-lhe que ficara até diferente. Pode perguntar, agora fiquei curiosa. — E tocou o braço dele.

William colocou a mão por cima da dela acariciando-a.

Você aceita ser minha namorada? Não sei porquê, mas não consigo tirar meus olhos de você desde o primeiro dia em que a vi, não consigo parar de

pensar em ti.

Helena ergueu as sobrancelhas, surpresa, não conseguia falar uma única palavra, baixou o rosto e respirou fundo. Após recuperar da emoção que sentiu, pois não acreditava no que acabara de ouvir, “namorada”? “Era isso mesmo que tinha ouvido?”, pensou ela.

— Fala alguma coisa, porque estou ficando aflito com o teu silêncio.

— Sim, eu aceito. Desde o primeiro dia em que o vi não consigo parar de pensar em você.

William aproximou-se dela deixando-a tensa, encostou seu rosto ao dela tocando-lhe com as mãos, em seguida beijou-a de forma lenta, carinhosa e doce, abraçou-a bem forte, que podia sentir o cheiro, o calor do seu corpo e a batida do seu coração, colocou os braços em volta da cintura dela acariciando suas costas, encostou o rosto roçando seu nariz ao dela. Helena pôde sentir o toque de seus lábios macios, e por um momento sentiu como se estivesse flutuando, seu coração batia acelerado, sentiu suas mãos tremerem, sentia-se estranha, pois desejava não sair daqueles braços. Ela deitou a cabeça no seu peito, em seguida ergueu a cabeça para olhá-lo e ele beijou-a novamente. Helena colocou as mãos em volta do seu pescoço abraçando-o fortemente. Quando ele parou de beijá-la sorriu para ela, satisfeito por tê-la ali em seus braços. Depois saíram abraçadinhos até chegar a um banco onde se sentaram bem próximos, ele segurou sua mão acariciando.

— Já faz tanto tempo que eu queria pedi-la em namoro, desde o último passeio que tivemos. — Ele levou suas mãos até seus lábios beijando.

— E por que não me pediu? — Acariciou seu rosto.

— No início, eu pensava que você tivesse namorado, então quando me disse

que era solteira, fiquei procurando um jeito de te pedir em namoro, até que não aguentei mais e não resisti esse teu sorriso.

Helena sorriu e baixou a cabeça, depois olhou para ele.

Pois eu também pensava que você tivesse namorada.

— Sério? — admirou-se.

— Sim. E quando você me convidou pra sair, fiquei tão nervosa, não sabia nem o que falar e você percebeu na hora, mas me tranquilizou quando disse que não tinha namorada.

William sorriu e deu um leve beijo em seus lábios passando a mão no seu rosto.

— Você é linda — sussurrou ao seu ouvido. Ela virou o rosto e olhou-o.

— Você também é lindo.

Ele puxou-a bem delicadamente para sentar-se mais próximo a ele, beijando cada lado do seu rosto.

— Eu quero te confessar uma coisa. — Segurou o rosto dela aproximando o seu, mantendo um contato visual.

— Sério? O que é? — falava quase sussurrando.

— Lembra que todas as vezes que nós estávamos ensaiando eu pedia para repassarmos as músicas novamente?

— Sim. Lembro-me.

— Pois bem, eu fazia aquilo de propósito só para poder ficar mais tempo perto de você. — E deu um sorriso irônico.

Ele segurou sua mão e beijou inclinando-se em direção a ela, que abraçou-o fechando os olhos.

— Eu adorava quando você pedia para cantarmos novamente, gosto de ouvir sua voz.

William beijou-a de forma que fez seu corpo parecer que estava em uma montanha russa, era uma mistura de coração explodindo, desejo, medo, respiração ofegante. Assim que recuperou o fôlego olhou para o relógio passando a mão no rosto.

Esse relógio — disse William em tom brincalhão.

É verdade, tenho que ir, meu pai não está em casa, melhor chegar cedo.

— Tudo bem. Vamos pegar o carro — falou ficando de pé.

Quando William se levantou passou os braços em volta da cintura dela e puxou-a delicadamente para perto de si, beijou-a acariciando suas costas, e segurando seu rosto com as duas mãos disse:

— Eu gosto de você, gosto de ficar ao teu lado.

Ele tirou uma mecha do cabelo dela que cobria seu rosto e beijou-a novamente.

— Eu também gosto de você, William. Ficar assim pertinho de você é maravilhoso.

Os dois saíram abraçados e foram até ao estacionamento, William abriu a porta do carro para Helena entrar, deu a volta, e assim que entrou ligou o som, pois queria impressioná-la. Como ele havia percebido no ensaio que Helena gostava das músicas do grupo “Roupa Nova” ia fazer-lhe uma surpresa, só não esperava que eles gostassem da mesma música.

— Esse é o meu grupo musical preferido — disse Helena olhando-o.

— Imaginei que fosse, quando você me colocou à prova no primeiro dia de ensaio.

Helena deu uma gargalhada contagiante.

Eu não o coloquei à prova não, mas confesso que fiquei surpresa por você cantar perfeitamente.

Obrigada, mas tive sorte porque esse também é meu grupo musical preferido, não que eu não curta “Charlie Brown Jr” ou “Justin Bieber”, fazer o quê se cresci ouvindo boa música?

Helena sorriu dando um leve empurrão em seu ombro.

“Justin Bieber”? — disse em um tom brincalhão.

Por quê a surpresa? — Olhou-a com uma cara de inocente.

Desculpa-me William, mas você não parece com o tipo de cara que curte “Justin Bieber”.

É verdade Helena, não gosto mesmo, estou zoando.

Bem que eu percebi. — E torceu o nariz. E então, qual é a sua música favorita? — disse virando o rosto para olhá-lo.

De todas as músicas que eu já ouvi, a que mais me chamou atenção na letra foi a música “A força do amor”, acho a composição perfeita. Veja só, *para o amor não existem fronteiras, tem a pressa quando quer, não tem hora de chegar, e não vai embora, que é livre pra voar*. E o que é melhor — dizia ele —, *dura para sempre e não se separa*. Que música profunda, você não acha?

Helena deu um leve sorriso.

Nossa! Que posso dizer, que eu estou de frente para um eterno romântico?

Fazer o quê se eu sou assim, mas não pode contar pra ninguém esse meu ponto fraco.

Não se preocupe, seu segredo está bem guardado — falou quase sussurrando. — Mas devo confessar que essa é minha música favorita, só não enxerguei ela assim tão bem detalhada quanto você, mas a considero linda — admitiu.

— Imaginei que fosse.

Só que eu nunca imaginei que fosse a sua, quando vi você cantar essa música gelei, você percebeu o meu nervosismo? — E virou o rosto para olhá-lo.

— Não. Você cantou tão bem que me encantou.

Helena virou-se e beijou seu rosto.

Eu aprendi a gostar dessa música através do meu pai, sempre cantamos juntos quando sentamos ao piano, me surpreendi quando vi você cantar, porque os jovens de hoje não curtem essas músicas.

William sorriu.

Eu imaginei a mesma coisa.

Helena balançou a cabeça e William colocou a música novamente. Os dois cantavam com animação dentro do carro, William por algumas vezes virou o rosto para olhá-la cantando. Quando a música terminou os dois sorriram juntos e Helena passou a mão pelo cabelo, estava mesmo apaixonada.

Quando chegou a casa de Helena, William desceu do carro e abriu a porta para ela descer. Assim que ela saiu, ele imediatamente a puxou abraçando-a e dando um beijo em seus lábios.

Qual dia eu posso vir aqui na sua casa para falar com os seus pais e pedi-la oficialmente em namoro?

É sério?

Claro que é sério, por quê? Você não acredita que eu estou apaixonado por você? E não pretendo ficar um dia sequer sem você estar ao meu lado. — Ele puxou-a e a envolveu em seus braços.

Eu também estou apaixonada por você e não pretendo ficar um dia sequer sem você ao meu lado. — Deu um beijo suavemente na ponta do seu nariz, sorriu e continuou a falar — Vamos marcar um dia, está bem?

— Tudo bem, amanhã eu posso passar por aqui pra irmos juntos para a universidade?

— Sim. Vou ficar te esperando.

— Tchau, boa noite e até amanhã. — Ele falou entrando no carro.

— Tchau e até amanhã.

Capítulo X

Helena virou-se e foi caminhado até chegar à porta de sua casa, William permaneceu lá parado até que ela entrasse, quando ela se aproximou da porta virou e acenou para ele, que deu partida saindo, não tinha como não perceber a alegria de Helena, parecia que estava em outro mundo. Quando entrou, ficou encostada na porta durante um tempo, Leticia estava sentada no sofá e chamou pelo seu nome duas vezes, até que ela virou o rosto olhando para sua mãe, que começou a brincar com a filha.

— Parece que tem alguém muito apaixonado por aqui.

— Para mãe! — falou fazendo um coque em seu cabelo.

— Vem cá filha, senta aqui pertinho de mim e fala como foi o encontro de vocês.

— Quase impossível de descrever, só posso dizer que foi maravilhoso, porque o William me pediu em namoro e me beijou. — Helena colocou as duas mãos na boca sorrindo.

— Que bom, minha filha, estou muito feliz por você.

Ele quer vir aqui em casa me pedir em namoro pra vocês. Isso é muito fofo, a senhora não acha?

Que bom, isso mostra que ele realmente gosta de você.

E eu dele, a senhora lembra um dia quando estávamos conversando que eu disse que o Rafael não era o grande amor da minha vida? E que achava que ele estava por aí em algum lugar?

Sim, lembro-me.

Pois eu acho que o encontrei. — Helena sorriu e abraçou sua mãe.

Não diga isso ainda meu amor, vocês acabaram de se conhecer.

— Eu sei mamãe, amo estar com William, porque ele me faz sorrir, me sinto protegida quando estou com ele, e acho que estou realmente apaixonada. Acho até engraçado, o conheço há tão pouco tempo e fico contando os segundos para vê-lo.

— Meu amor, é muito bom se sentir assim, tudo ao nosso redor fica mais bonito. É uma sensação única, então aproveita esse momento e ame.

Helena deitou no sofá com a cabeça nas pernas da mãe e olhou na direção dela.

— Mãe, eu sempre tive uma curiosidade, posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro! — Leticia passava as mãos nos cabelos de Helena.

— Como foi que a senhora conheceu o meu pai Elvis, a senhora o amava?

Leticia permaneceu calada por um tempo, passando a mão no rosto da filha, até que decidiu falar:

— Sim, amei-o grandemente. Quando os meus pais morreram tive que ir morar com minha madrinha, ela não se firmava em lugar nenhum, quando eu tinha a sua idade, nos mudamos novamente e acabamos indo morar no mesmo bairro do seu pai. Um dia eu ia para a escola e nos encontramos na parada de ônibus, nos apaixonamos assim que olhamos um para o outro, igual a você e o William.

Helena sorriu e sua mãe continuou a conversa.

E não demorou a ele me pedir em namoro. Minha filha, seu pai foi o meu

primeiro amor, nos amamos muito, ele era gentil, educado, trabalhador, nós saíamos para passear, namorar. Fui por vários anos feliz ao lado dele, tanto que tive vocês três. — Ela deu uma pausa respirando fundo. Ela desabafou olhando para a filha Só que depois ele começou a beber e se transformou em uma outra pessoa, uma pessoa que eu jamais imaginei que se transformaria. Todo aquele carinho que sentia por mim e por vocês, pouco a pouco foi acabando, e o meu amor por ele também.

— E o papai Carlos?

— Ah! Filha, por que isso agora?

— É porque eu nunca a vi sorrindo com o meu pai Elvis como eu a vejo com o Carlos.

— É filha, o Elvis não me dava motivos para sorrir, maltratava tanto vocês, que acabou com o pouco amor que eu ainda sentia por ele. O Carlos não, chegou em um momento difícil pra mim e foi aos poucos me conquistando, ama vocês como se fossem filhos dele e hoje o amo demais, vou amá-lo pra sempre.

— Eu vejo o quanto a senhora o ama. Quero amar o William para sempre.

— Filha, você é jovem ainda pra falar essas coisas — discordou.

— Eu sei, mas é assim que eu me sinto quando estou ao lado dele.

— Vem cá, minha filha.

Leticia abraçou-a bem forte.

— Minha vida. — Ela sorriu e beijou-a. Helena virou o rosto e olhou para a mãe.

Quero saber dessa história bem direitinho, de como a senhora se apaixonou pelo meu pai Elvis e como a gente foi parar naquela cidade.

— Sério, Helena?

— Sério, mamãe. Quero saber como foi.

— Tudo bem então.

Helena deitou-se novamente com a cabeça na perna da mãe e Leticia respirou profundamente, pois aquelas lembranças de certo modo a incomodavam demais. É certo que por muito tempo viveu bons momentos com Elvis, mas os maus momentos ela precisava tirar do seu pensamento. Por muito tempo tentou esquecê-lo, mas não conseguiu. Ter que relembrar tudo aquilo de novo não era fácil, mas sua filha precisava saber a outra parte da história e saber que o pai nem sempre foi aquela pessoa horrível que ela conheceu.

Brasília, no ano de 1987, às 06h30min da manhã. Elvis era um bonito rapaz de dezoito anos de idade, alto, magro, moreno de cabelos lisos e olhar marcante. Usava farda, tênis e mochila nas costas, ele acabara de entrar no ônibus para ir à escola e de repente me viu, uma bela jovem, magra, cabelos compridos, assim como os seus, minha filha. Cintura fina, muito bonita. Eu também usava farda, tênis, mochila nas costas e uma escancela na mão de cor verde. — E sorriu ao lembrar-se da cena. — Eu ia correndo em direção do ônibus e por muito pouco consegui entrar, Elvis não parava de me olhar, pois nunca tinha me visto por ali, ele observou que sua escola não ficava longe da minha, sentou ao meu lado e gelei com aproximação dele.

— Nossa! Que história romântica mamãe. — Leticia sorriu e segurou a mão da filha.

— Todos os dias nós nos encontrávamos no mesmo horário para irmos à

escola, só que ainda não sabíamos o nome um do outro, depois ele me confessou que gostou de mim desde o primeiro momento em que me viu.

Leticia deu um sorriso triste e Helena a encorajou a falar.

Bem, seu pai era bastante falante, alegre e adorava fazer seus colegas rirem, era muito gaiato na verdade. — Helena deu uma gargalhada.

Que o Hélton não nos escute, mas ele tem esse jeito, agora sei pra quem puxou tão brincalhão — disse quase cochichando no ouvido da mãe. — Eu sei que essa história ainda não acabou, pode continuar mamãe.

Leticia ergueu uma das sobrelhas.

— Certo, em uma dessas manhãs o dia amanhecera frio e chuvoso, Elvis estava na parada de ônibus e novamente ele me viu correndo, dessa vez eu corria para não me molhar na chuva. Ele sorriu e imediatamente foi ao meu encontro. Ofereceu-me o guarda-chuva que segurava nas mãos e ficamos esperando o ônibus chegar.

E então, o que a senhora disse para ele? Não faça suspense, mãe.

Leticia balançou a cabeça sorrindo.

Nós não falávamos nada, todo tempo eu olhava para a rua vendo se o ônibus se aproximava, não tive coragem.

Helena torceu o nariz, não acreditando no que acabara de ouvir.

Mas mãe, essa era a hora perfeita para se apresentar pra ele.

Eu sabia disso, só que não fiz, quando avistei o ônibus de longe, suspirei aliviada, ficar tão perto dele fez eu me sentir nervosa. Então, nós subimos para o ônibus e ele sentou-se ao meu lado novamente.

— A senhora não falou nada?

— Mas é claro que falei: “Muito obrigada pela sua gentileza, se não fosse por você chegaria à escola toda molhada.”. Sorri para ele, que me respondeu sorrindo “Por nada.”. Depois dessa aproximação ele se sentiu à vontade comigo e perguntou meu nome. Quando lhe disse qual era, ele falou animadíssimo “Nossa! Eu nunca te tinha visto por aqui.”, e eu fiquei encabulada, mas disse que tinha acabado de mudar para aquele bairro.

— E ele, mãe?

— Ele virou o rosto para me olhar, sorriu e perguntou se eu estava gostando. Me segurei para não rir e respondi “Sim, mesmo sem ter amigos e a minha escola ser bastante longe daqui, é bem legal. No antigo bairro que eu morava ia a pé para a escola, por isso ainda não me acostumei a pegar ônibus.”.

— E a seguir, o que aconteceu? — perguntou Helena empolgada com o que acabara de ouvir.

— Ele virou-se para mim, com um olhar que me fez ficar um pouco nervosa e disse “Mas, logo, logo você vai acostumar. Tenho certeza que vai encontrar muitos amigos por aqui.”. Eu agradei, virando o rosto para ele não perceber minha alegria. Todos os dias o Elvis procurava um jeito para convidar-me para sair. Uma vez, quando estávamos esperando o ônibus ele se aproximou de mim e sem rodeios fez o pedido. Ele falou seriamente: “Você aceita sair comigo?”. Olhei para ele e percebi que estava nervoso. Até pensei em dizer-lhe não, mas não tive coragem e acabei aceitando. Eu fiquei tão atrapalhada que disse “Assim aproveito para conhecer melhor o bairro”.

Helena deu uma gargalhada.

A senhora realmente achou que ele havia convidado para conhecer o bairro?

Leticia sorriu da colocação da filha.

Foi a única coisa que veio na minha cabeça naquela hora, combinamos que nos encontraríamos em uma sorveteria que ficava próxima da casa que eu morava. A história da cinderela se parecia bastante com a minha, só me faltava ter as duas meias-irmãs. Eu estava bastante feliz e emocionada, nunca nenhum garoto havia me convidado para sair. Assim que entrei em casa tive que pegar todas as roupas sujas e lavar, lavei as louças sujas que estavam em cima da pia, depois limpei a casa, estava cansada, mas se não fizesse tudo aquilo, ela jamais me deixaria sair à noite. Tomei um banho e pedi a minha madrinha que deixasse eu sair, pois queria tomar um sorvete.

— Ela não fazia nada? — Helena virou o rosto para olhar para a mãe mudando o semblante.

— Não. Ela não podia borrar as unhas, e eu tinha que recompensá-la por me dar comida, roupa e um lugar pra morar.

— Nossa, ela era uma verdadeira bruxa. — E as duas começaram a sorrir, enquanto Leticia passava as mãos pelos cabelos da filha.

— E o que ela respondeu quando a senhora pediu pra sair?

— Ela disse que podia ir, mas tive que prometer que trazia um sorvete para ela. — Leticia sorriu. Eu nem me importei, queria me encontrar com Elvis. Naquela noite ele me beijou. Todos os dias nós íamos juntos para a escola. Começamos a namorar, eu sempre descia do ônibus antes dele, pois, como já mencionei antes, filha, nós não estudávamos na mesma escola. Quando ele saía cedo da aula sempre me esperava para voltarmos juntos para casa, esse era o único momento que nos víamos, dado que eu não podia sair de casa. Só que a cada dia que passava sentíamos cada vez mais vontade de ficar juntos, e um dia ele disse para mim que ia até minha casa para me pedir em namoro.

— Como foi? – perguntou Helena sorrindo.

— Calma, filha, deixa eu terminar a história. Continuando...Eu adorei a ideia, não aguentava mais ficar longe dele, e também tinha medo da minha madrinha descobrir e fazer sabe-se lá o quê. Quando chegou a noite, Elvis foi até minha casa, todo arrumado, nunca o vi daquele jeito.

Helena olhou para a mãe com ternura.

— E como se chama a bruxa má?

Leticia começou a sorrir.

— Meu Deus, filha, minha madrinha chamava-se Laura. Quando ele chegou bateu na porta, ela foi ver quem se tratava porque até então nós não conhecíamos ninguém ali. Quando abriu a porta, Elvis se apresentou educadamente, me surpreendi quando ela pediu que entrasse. Ele ficou em pé na sala olhando-a. A sala era bem pequena, como toda a casa. Tinha um sofá estampado na cor azul, um rack de madeira com uma televisão, um som, e vários enfeites decorando o rack e na parede vários quadros, um deles era da minha madrinha aos seus quinze anos de idade. Ela pediu que ele sentasse, que eu não demoraria a vir. Sabe o que ele pensou a primeira vez que entrou lá em casa e não me viu?

— Não — disse Helena franzindo as sobrancelhas.

— Que com certeza eu estaria na cozinha fazendo alguma coisa, porque a minha madrinha não era do tipo que lavasse nem a xícara que tomava café. A casa era limpa e arrumada, por isso eu vivia tão cansada.

— O que não deixava de ser verdade — indagou Helena.

E de fato era verdade, minha filha, da sala para a cozinha tinha uma cortina

de pano e não dava pra ele ver o que eu estava fazendo.

— E o que a senhora estava fazendo mesmo?

Leticia sorriu.

Preparando o jantar.

— E como era essa rainha? — ironizou Helena.

Minha madrinha era uma mulher de aproximadamente uns quarenta e cinco anos de idade, alta, magra, cabelos enrolados, parecia que não penteava os cabelos há dias, tinha uma fisionomia séria, vivia pintada com bastante blush na maçã do rosto, rímel nos cílios, ao redor dos olhos muito preto, e adorava um batom vermelho. Outra coisa também, vestia umas roupas que não condiziam com sua idade.

— Nossa, que horror! Então ela era literalmente uma bruxa.

Leticia deu uma risada.

— Você precisava ter visto a cara do Elvis, nossa ele ficou abismado ao vê-la, no momento em que me aproximei dele, virou o rosto para cochichar ao meu ouvido: “Ainda bem que você é totalmente diferente dessa senhora e que o convívio com ela não te transformou em uma pessoa sem noção”.

Helena deu uma gaitada.

E o que a senhora disse?

— Depois daquilo não consegui dizer nada, apenas sorrimos disfarçadamente.

Quer dizer que ele não gostou da dona Laura? — Debochou.

— Não. De jeito nenhum. Depois das apresentações sentamos lado a lado no

sofá. Ele começou a ficar nervoso quando ela passou a examiná-lo. Eu acenei com a cabeça para dar a entender que podia falar, ele deu um sorriso encabulado e pôs-se a dizer o que o levou até ali. Me pediu em namoro, e para meu espanto ela aceitou, mas impôs varias condições, ele só poderia ir a minha casa três vezes por semana, não poderia sair sozinho comigo, porque eu era criança dizia ela, e tinha que cumprir regras.

— Ela deveria ter pensando que a senhora era uma criança, antes de lhe colocar para fazer as tarefas de casa — disse Helena revirando os olhos.

— É verdade filha, eu sofri muito e sempre desabafava com o Elvis, por isso nos casamos tão rapidamente. Nós éramos dois jovens muito apaixonados, sentíamos um enorme amor um pelo outro, por esse motivo, quando completamos um ano de namoro ele resolveu pedir-me em casamento.

— Sua madrinha aceitou?

— Não. Ela não queria que eu saísse de sua casa, quem a limparia? Lavaria as roupas e louças? E quem faria a comida? Não de jeito nenhum ela permitiria que eu me casasse. E quando ele foi até minha casa para pedir minha mão em casamento, ela foi bastante grosseira com ele. Berrava dizendo que não aceitava que me casasse, pois eu era muito nova, e virava-se pra ele colocando o dedo em seu rosto e dizendo “Você, meu rapazinho, pode ir embora e esqueça essa loucura de casamento, porque jamais vou permitir uma maluquice dessas, eu nunca deveria ter aceitado esse namoro e agora eu proíbo você Leticia de ver esse rapaz, está me ouvindo?”. Ela estava tão agitada que andava de um lado para o outro, enfurecida como nunca a havia visto antes daquela noite.

— E o que a senhora fez?

— Eu tive que fazer alguma coisa, se não ela ia me manipular o resto da vida,

por isso não tive escolha e falei alto com ela, dizendo que já tinha dezoito anos e que ia me casar com ele, com ou sem a sua permissão. Ela ficou com tanta raiva de mim que nunca mais falou comigo e nós dois resolvemos ir morar juntos, Elvis prometeu pra mim que assim que as coisas melhorassem, nós nos casaríamos e todos os dias da sua vida ia fazer-me feliz.

— Só que ele não cumpriu o que prometeu, não foi mamãe?

— Não, no início até que sim, ele fazia o que podia para me ver feliz. Como recebia apenas um salário, só pôde alugar um pequeno cômodo de quarto e cozinha, mesmo assim fiquei radiante. Só que todo final de semana os amigos do Elvis o convidavam para beber duas ou três cervejas. No começo eu não me preocupava, achava que era uma coisa normal de jovem. Quando completamos um ano de casados ele fez um concurso para trabalhar como carteiro na empresa dos correios e passou. Ficou muito contente, pois ganharia bem e logo iria comprar uma casa melhor para morarmos. Com um ano, ela já estava com todos os móveis necessários e eu me sentia uma dona de casa excelente, mas comecei a ter problema com ele, pois aquelas cervejinhas de final de semana passaram a ser todo final de expediente, ele já estava tão acostumado a beber que qualquer coisa virava motivo para embriagar-se.

Helena fez menção que ia dizer algo, mas a mãe levantou a mão pedindo que a deixasse continuar.

— Quando completamos dois anos de casados eu engravidei, do Heitor, Elvis pintou o quarto todo de azul e branco. Os meses foram passando e a minha barriga crescendo. Elvis tinha um cuidado comigo, sempre que eu desejava comer alguma coisa ele saía atrás para comprar, não importava a hora, ele adorava passar a mão sobre minha barriga.

A senhora falando todas essas coisas, eu não acredito que se trata do papai, ele tornou-se tão diferente, queria ter conhecido esse outro lado dele. E deu um sorriso de canto de boca.

É verdade filha, por isso acho importante você saber destas coisas, pra saber que seu pai não era aquele mostro.

Mas tudo já passou, pode continuar.

Então, quando Heitor nasceu, Elvis aproveitando o momento de felicidade foi beber para comemorar o nascimento do nosso filho. Nesse dia, eu estava ficando muito preocupada com ele e lhe chamei atenção, mas ele não gostou do meu alerta e disse para eu parar, pois estava apenas comemorando o nascimento do nosso filho. Eu me incomodava com aquelas palavras.

Desculpa lhe interromper mais uma vez, sabe o que eu acho mãe? Se o papai não tivesse sido tão teimoso e tivesse ouvido seus conselhos e dos pais dele, acho que ele não tinha se autodestruido, ele foi bastante orgulhoso e hipócrita também, só pensou nele.

Tem razão meu amor, ele conseguiu afastar todas as pessoas amava. E acabou ficando sozinho, você quer que eu pare?

Não mamãe, continue.

Leticia respirou fundo.

— Um dia ele voltou para casa animado, pois conseguira comprar nossa casa financiada. Nossa, eu fiquei tão satisfeita, finalmente teria minha casa, eu tinha tudo que sempre sonhei, um marido amoroso, um filho lindo e saudável, me sentia realizada. E assim o tempo foi passando e eu engravidei novamente, dessa vez de você, querida.

Ele estava feliz com o meu nascimento? E fez uma careta.

Muitíssimo, você era a sua princesa, Elvis tinha tanto cuidado quando ia segurar você que lhe chamava de bonequinha de porcelana. Helena ficou com os olhos cheios de lágrimas, como desejou ter conhecido esse pai, tão afetuoso, carinhoso.

Leticia passou a mão no rosto dela e lhe deu um sorriso amoroso.

Eu estava muito satisfeita com aquela vida minha filha, mas não conseguia esconder o medo que estava sentindo, não sabia ao certo o que acontecia com Elvis, não entendia o motivo de ele chegar quase todo a noite bêbado em casa. E o pior de tudo foi quando descobri que ele não estava pagando mais a prestação da casa.

Por isso tivemos que ir embora, não?

Sim meu amor.

O papai era cabeça dura.

— Completamente, sempre que eu o chamava para conversar, ele começava a brigar, dizia que ia resolver tudo e saía de perto de mim, e ainda me mandava calar a boca. E assim eu permanecia, não falava nada para ele não se chatear, eu já estava com vinte e quatro anos, e no dia 29 de setembro de 1992 o país estava tomado por multidões de pessoas nas ruas e nas praças, principalmente por jovens estudantes, que estavam com os rostos pintados de verde e amarelo, eles exigiam o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Enquanto o país estava em manifestação para o afastamento do presidente, eu estava para dar à luz, imagina a loucura que foi sair de casa, pegar um taxi e chegar até o hospital. Meu Deus eu estava aflita, com medo de não chegar a tempo e você nascer dentro do carro.

Helena sorriu balançando a cabeça.

— Mas deu tudo certo e você nasceu naquele mesmo dia, um dia repleto de mudanças não só para o país, mas principalmente para nossa família.

Qual foi a reação do papai nesse momento?

De choro, ele não parava de chorar beijando sua cabeça. Helena sorriu.

— Você nasceu saudável e um dia depois fomos para casa. Elvis ficou animado, mais uma vez se preparou para comemorar um novo nascimento, o seu.

Como sempre ironizou ela.

Quando entrei em casa, ela estava cheia de pessoas estranhas bebendo, deduzi serem os tais amigos de Elvis, havia várias garrafas em cima da mesinha de centro, eu me tranquei no quarto e segurei você no colo, não podia me chatear, tinha que ficar calma. Ainda bem que o Heitor não estava em casa, sua avó havia o levado para a casa dela, não queria que ele visse aquilo. Quando assisti àquela cena, vi que o meu problema era sério. No final da tarde os amigos dele foram embora e ele dormiu no sofá. Quando a mãe dele o viu deitado no sofá bêbado ficou tão abalada quanto eu. Dona Mara era bastante compreensiva, mas o pai de Elvis era opinioso e não dizia sequer uma palavra para ele. E o que eu podia fazer, a não ser ficar ali ao lado dele? A mãe do Elvis adorava o Heitor e tinha uma preocupação com ele. Por anos me senti aflita por termos saído sem falar nada pra ela, nem imagino como ela deve ter ficado. — Fez uma cara de tristeza.

— E por que a senhora não falou pra ela?

— Tive medo, se o Elvis soubesse que eu teria pedido ajuda aos pais dele, não ia gostar nem um pouco e a situação com certeza teria ficado pior.

E por que a gente foi parar naquela casa? — Helena olhou para a mãe com ternura.

— O Brasil estava em conflito devido o problema de corrupção, o país estava com graves problemas socioeconômicos, houve grande índice de desemprego. Quando Elvis começou a trabalhar era um excelente funcionário, mas com o vício do álcool passou a faltar e a chegar atrasado. Em uma reunião na empresa, falaram que haveria cortes de alguns funcionários, ele nem compareceu, e isso também foi um dos motivos que levou ele a perder o emprego. Elvis foi para um barzinho e passou o dia inteiro bebendo, não se continha em pé. Quando chegou a noite foi levado para casa, com a ajuda de alguns homens que estavam no bar. Assim que ele chegou, eu comecei a chorar ao vê-lo naquela situação, não podia acreditar que ele havia se tornado um alcoólatra, era uma situação bastante difícil pra mim, nunca havia vivido aquelas circunstâncias.

Como deve ter sido penoso enfrentar tudo isso sozinha, por isso tenho tanto orgulho da senhora. Leticia inclinou-se para frente e beijou o rosto da filha.

— Então quando amanheceu o dia, ele tomou banho e eu preparei um café bem forte para ele tomar. Elvis sentou-se no sofá, eu me aproximei segurando a xícara e perguntando “Elvis, o que está acontecendo? Por que você não foi trabalhar? E por que você bebeu de novo?”. Implorei que me dissesse.

— E ele, o que fez?

— Ele baixou a cabeça e começou chorar, eu fiquei desesperada ao ver a sua postura, e quando ele começou a falar que tinha perdido o emprego e ainda olhando pra mim perguntando o que fazer e colocando as mãos na cabeça, eu fiquei em choque. Só depois de alguns segundos, que tentei acalmá-lo. Mandava ele relaxar, dizendo que, logo, logo arrumaria outro emprego. Ele

ficou irritado com o que eu disse e pôs-se a gritar: “Com essa crise que o país está passando, você acha mesmo que logo, logo eu vou conseguir outro emprego?”. Eu continuei calada, apenas saí de perto dele. Elvis até tentou arrumar outro emprego, mas não conseguiu nada, eu também tentei arrumar um emprego, logo ele mandou que eu parasse porque não ia permitir que eu deixasse vocês com os pais dele, e assim os meses foram passando e nós sem pagar mais a casa, as dívidas foram acumulando.

Triste saber que o papai sentia raiva dos pais dele, eles devem ter sentindo muita falta da gente.

— Sem dúvida minha vida, ainda continuamos lá por um ano depois nós recebemos um prazo de dois meses para quitar a casa. Como ele não tinha trabalho e estávamos sem dinheiro, chamou-me para conversar. Ao vê-lo agitado presumi que era algo grave. Então fomos para o quarto, ele sentou na cama com a cabeça baixa, não tinha coragem sequer de olhar pra mim, então confessou-me que estava pensando em ir embora dali

Ele tramou tudo sem a senhora saber?

Sim, só fiquei sabendo naquele momento quando perguntei para onde iríamos, e ele anunciou que seria pra São Paulo, eu quis contar para os pais dele, mas ele proibiu. Fiquei sem poder fazer nada, era nova, inexperiente. Senti um medo enorme, ir embora pra um lugar que nem conhecia e não tinha parente algum, o que eu ia fazer? O que tinha de fazer era segui-lo. Eu nunca mais fui a mesma, uma profunda tristeza cobria o meu rosto. A única força que tinha era de vocês, porque eu sabia que vocês precisavam muito de mim, então fazia de tudo para vê-los sorrindo.

— E eu te amo tanto, mamãe.

— Eu sei, minha querida.

— Ainda quer ouvir o restante da história?

— Claro! Pode falar.

— Quando fomos morar no interior de São Paulo, Elvis vendeu todos os móveis, a casa ficava em um cortiço. Ele começou a ter empregos temporários, não conseguia trabalho fixo, eu para ajudá-lo, comecei a lavar roupas. Passadas algumas semanas começou a faltar comida. Naquele dia, quando Elvis chegou a nossa casa eu falei que não tinha nada para comer. Havia dado um pouco de leite para vocês e colocado para dormir. Elvis segurou o meu braço, jogou-me no chão e disse para eu me virar porque ele não tinha dinheiro, e se eu quisesse comer que procurasse comprar. Pela primeira vez vi o olhar dele de fúria pra mim, Elvis nunca mais foi o mesmo. Quando eu falava alguma coisa, ele achava que eu estava criticando-o então começava a agredir-me, não só fisicamente, mas moralmente também. Quando o efeito do álcool passava ele morria de chorar pedindo-me desculpa, arrependido do que havia feito. O resto você já sabe.

— Sei sim, mamãe! Por isso Deus foi tão maravilhoso com a senhora, colocou uma pessoa extraordinária pra cuidar de você e da gente. A senhora merecia, eu vejo o quanto o papai lhe ama e por isso eu o amo também.

— Eu também, Helena. Nunca pensei que poderia amá-lo como eu o amo.

— E é por isso que eu tenho um orgulho desmedido pela senhora, mãe. Te amo muito, muito. — E beijou o rosto de Leticia.

Agora, vamos dormir.

Leticia deu um beijo no rosto da filha e subiram as duas para o quarto. Leticia abraçou a filha antes de se despedir e saiu. Helena deitou-se na cama imaginando todo o sofrimento que sua mãe havia passado, primeiro perder os

pais, depois morar com uma madrinha egoísta, e ainda casar-se com um homem que não a soube valorizar e dar o amor que ela merecia, mas agora tudo era diferente, pois havia encontrado o verdadeiro amor. Com ele sentia-se feliz como nunca fora na vida, isso ela não tinha a menor dúvida. Ouvindo toda aquela história, ela podia considerar que sua mãe fora corajosa, destemida, firme e valente para enfrentar os problemas. Apesar de toda dificuldade nunca deixou de amar os filhos, ao contrário de Elvis que os submetia a violência, brigas, raiva, maus tratos, e nem um momento teve forças para lutar pelos próprios filhos. Ela pensava olhando para o retrato da mãe em cima do criado mudo. Após um longo tempo, Helena estendeu o braço para apagar a luz do abajur e em seguida fechou os olhos.

Capítulo XI

Na manhã seguinte Heitor pegou a chave do carro que ficava em cima da mesa de canto, próximo à entrada da porta. Já ia saindo quando virou a cabeça observando que Helena se encontrava sentada no sofá.

O que você está fazendo aí sentada? Anda vamos.

— Não Heitor, não precisa me levar hoje, porque o meu namorado vai passar aqui pra me levar. — Helena caçoou do irmão dando um sorriso aberto para ele, que olhou com espanto para a mãe.

— A senhora está sabendo disso? — Virou-se de costas para Helena, ficando de frente para Leticia.

— Sim, meu filho. — Leticia pôs as mãos na cintura sorrindo para a filha.

— E o papai, sabe? — Virou novamente para a irmã.

— Ainda não. Mas não se preocupe, depois você vai conhecê-lo. — Helena pôs-se de pé caminhando em direção do irmão.

— Acho bom. — Heitor franziu a testa olhando sério para ela.

— Você vai gostar dele — disse Helena beijando no rosto dele.

— Espero que sim. — E deu sorriso de canto de boca.

— Então vamos, mamãe — disse Heitor virando-se e olhando para a escada, colocou a mão no bolso fazendo uma cara de apressado. — Rápido Héltton, vamos chegar atrasados — gritou ele balançando a cabeça.

— Já estou indo, que pressa é essa? Eu hein! — protestou o garoto.

Os três saíram de dentro de casa e Helena sentou-se na varanda para esperar por William. Heitor foi até à garagem pegar o carro e Leticia aproximou-se

da filha com cara de desânimo.

— Que pena que eu não vou conhecer o William hoje, estou tão curiosa para vê-lo.

— Não se preocupe mamãe, não vão faltar oportunidades.

Leticia beijou o rosto da filha e dirigiu-se para o carro, onde Heitor a esperava, Hélton apareceu correndo com a mochila nas costas e entrou no carro de uma vez, fazendo Leticia e Helena sorrir da empolgação dele. Heitor olhou para o irmão e ergueu uma das sobrancelhas.

Essas gatinhas estão fazendo você perder a hora, garanhão.

Não tenho culpa de ser irresistível, meu caro irmão.

Hélton passou a mão pelos cabelos e sorriu piscando o olho, Leticia jogou um beijo para ele e sorriu do que ele acabara de dizer. Heitor deu umas gargalhadas, e em seguida colocou os óculos de sol.

Minutos depois William chegou à casa de Helena, estacionou e desceu do carro, encostando-se a ele, Helena assim que o viu chegar levantou e foi ao seu encontro. Ele deu-lhe um beijo nos lábios e abraçou-a fortemente.

— Bom dia Helena, está pronta para irmos?

— Bom dia William, estou prontíssima.

William abriu a porta do carro para ela entrar, e sentou colocando a bolsa em suas pernas. Helena olhou para ele e viu-o sorrindo, ficou paralisada com aquela visão, como ele era lindo.

— Como está a sua perspectiva para o musical? — falava ele enquanto colocava o cinto de segurança.

— Ansiosa, por mais que a gente tenha costume de estar no palco, toda estreia dá um friozinho na barriga. — Colocou o cabelo por detrás da orelha, dando-lhe um leve sorriso.

— É verdade, essa é a minha segunda apresentação e acredite estou mais nervoso do que a primeira vez que coloquei meus pés no palco, mas eu já sei o motivo. — Olhou-a fazendo uma careta.

— E qual o motivo de você estar mais nervoso? — Helena virou o rosto para olhar nos seus olhos.

— Porque vou contracenar com você. — Helena deu uma leve cotovelada em seu ombro.

— Eu te deixo nervoso, é? — brincou passando a mão no rosto dele.

— Um pouco, eu vi você e o seu pai num concerto há dois meses. — Ele falava sem encará-la.

— Sério, você estava lá? — disse admirada.

— Sim, e na primeira fila. — Ele olhou para ela rapidamente, voltando a vista novamente para o volante.

— Eu estava bastante nervosa, pois era a primeira vez que tocaria com o meu pai.

— Pois não pareceu nem um pouco que você estava nervosa. — Ele olhou-a com afeição.

— E o que você achou?

— Achei-te maravilhosa, quando o Mauro deu a notícia que tinha convidado você para participar do musical e que nós dois íamos fazer par romântico, eu

fiquei paralisado, você é ótima no que faz, senti medo de não dar conta. Quando eu disse que estava feliz em trabalhar ao seu lado estava falando sério, eu sei que tenho muito que aprender com você ainda.

Helena deu um beijo em seu rosto e olhou-o com carinho.

— Eu já te disse que desde criança que toco piano, eu amo tocar, me sinto tão bem. Quando toco parece que estou flutuando, acredita?

— Sim. Acredito, você toca perfeitamente. — Helena baixou imediatamente a cabeça, sentindo-se envergonhada e ele percebeu.

— O que foi? — Virou o rosto para olhá-la.

— Fiquei sem graça. — Cobriu o rosto com as duas mãos.

— Por quê? Só por que estou falando a verdade?

— É porque eu nunca tinha ouvido alguém falar assim de mim, exceto meu pai, mas ele não conta, pois toda hora me elogia. — E sorriu sentindo-se encabulada

— E ele está coberto de razão.

— Para William. — Ele segurou sua mão e beijou.

— Vou te contar uma coisa, quando terminou o concerto eu queria muito ter ido te parabenizar.

— Por que você não foi? Teria gostado de falar contigo.

— Não sei, fiquei com receio. — Ela sorriu e ele continuou. — É sério! Eu cheguei bem perto, mas não tive coragem, você estava cercada por seus amigos, aí eu voltei.

— E agora estamos aqui juntos. — Ela disse balançando a cabeça.

— É verdade e você como minha namorada, e pensar que há dois meses eu era apenas um desconhecido pra você.

Helena suspirou.

— E você como meu namorado, mas eu aposto como lá na universidade é cheio de meninas apaixonadas por você. — Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Por que você está dizendo isso?

— Porque você é um rapaz bonito, tem um belo par de olhos azuis, e uma voz encantadora, os teus olhos encantam qualquer pessoa. — Ele olhou-a e sorriu.

— Que bom que eles serviram para te encantar.

— Eu gosto do jeito que você me olha William.

— Olha que interessante, pois eu também adoro o modo que você me olha Helena.

Ela olhou para ele sorrindo, William estacionou o carro, depois desceu para abrir a porta para Helena, que se aproximou dele abraçando-o. Ele colocou a mão em volta da cintura dela e beijou-a.

— Muito obrigada pela carona, amei conversar com você.

— Não precisa agradecer, é um prazer estar ao seu lado, você quer que eu te espere pra voltarmos juntos para casa? — sugeriu.

— Não. Quer dizer, não que eu não queira voltar pra casa com você, gostaria muito da sua companhia, só que hoje a aula termina mais tarde vou pegar um taxi.

— Tudo bem então. Tchau Helena.

— Tchau William, obrigada mais uma vez.

Ele acenou para ela e foi andando para o outro lado do estacionamento seguindo em direção à sua sala.

À tarde, William foi para o teatro e Mauro estava lá sentado lendo uma revista, William entrou sentando-se ao lado dele, que olhou para este desconfiado.

— E aí William, resolveu tua situação com a Helena?

— Sim. Pedi-a em namoro e ela aceitou, agora somos namorados.

Ele falou com bastante empolgação. Mauro estendeu a mão para ele parabenizando-o, minutos depois Helena entrou avistando os dois sorrindo, ela permaneceu de pé mexendo em uns enfeites pendurados na bolsa. Mauro aproximou-se dela e deu-lhe um beijo no rosto, logo após saiu. Helena aproximou-se de William dando-lhe um beijo no rosto e perguntando:

— O que estava acontecendo aqui? — Ele colocou as duas mãos no rosto dela.

— Você sabe que quando chegou aqui eu fiquei extremamente interessado em você, lembra num sábado que nós estávamos ensaiando a sós e o Mauro entrou?

— Sim, me lembro.

— Pois bem, eu estava agora há pouco falando pra ele que somos namorados, por isso estava me dando os parabéns, está satisfeito pela gente. — Helena sorriu abraçando-o e ele a beijou. As outras pessoas chegaram para o ensaio e subiram no palco bem devagar para eles não perceberem. De repente, todos

começaram a bater palmas e a assobiar, William e Helena começaram a sorrir e subiram no palco, desconfiados.

Quando terminou o ensaio os dois saíram e foram para uma lanchonete, Helena sentou-se e inclinou-se para frente apoiando o queixo nas mãos. William tentou imitá-la apoiando o queixo nas mãos e olhando-a fixamente nos seus olhos. “Como ela é linda”, pensava ele enquanto observava cada detalhe em seu rosto, a perfeição dos olhos dela, o brilho que refletia sempre que o olhava.

Nesse local havia uma garçonete que não tirava os olhos de William, antes de ele ir lá com a Helena já frequentava aquele ambiente há vários meses, pois gostava do atendimento e da simplicidade do lugar, que era bastante aconchegante. A garçonete era bastante bonita, tinha um corpo escultural, cabelos pretos compridos e vivia esboçando um belo sorriso. A lanchonete estava cheia de pessoas sorrindo, conversando, todas as mesas ocupadas, os dois estavam em uma mesa de canto reservada, mas também o lugar era sobremodo confortável e a comida deliciosa. Quando a moça se aproximou entregou o cardápio para William e encarou-o, Helena percebeu logo o olhar dela, extremamente atenciosa com ele. Então fizeram os pedidos e ela saiu, ficando encostada no balcão, de frente para eles, e sem tirar os olhos do William, Helena sorriu baixando a cabeça.

— O que foi? Por que você está sorrindo? — William inclinou-se para ficar mais próximo a ela.

— Acho que aquela moça gostou de você.

Quem? — E fez cara de desentendido.

A garçonete. — Helena conversava quase sussurrando inclinada para frente com a mão no canto da boca. — William sorriu.

— Talvez eu seja irresistível. — Helena deu um sorriso contagiante segurando sua mão.

— Você é bastante convencido, mas assim como ela está encantada por você, eu fiquei quando te vi pela primeira vez, não parava de te olhar.

— Eu sei.

— Você sabe? — disse surpresa.

— Sim. Eu também não parava de te olhar, e obrigado por você me achar bonito. Você é excepcionalmente linda. — William olhou para o lado, depois novamente para Helena. Está vendo todas essas pessoas nos olhando?

— Sim.

— Pois todas elas estão dizendo, “isso sim é um belo casal”. — Helena olhou-o com doçura.

— E a sua fã? — E piscou os olhos para ele.

— Eu sinto muito, mas estou totalmente envolvido com uma pessoa. — E olhou para o lado.

— Garota de sorte essa. — Deu um sorriso de lado olhando para cima.

— Eu também sou. — Ela segurou sua mão beijando-a.

— Você é encantador. — Ele piscou o olho para ela que sorriu com a atitude brincalhona dele.

Quando saíram da lanchonete, foram abraçados até à praça, William sentou-se próximo a Helena ficando ao seu lado. Ela virou-se de costas para ele,

encostando seu cabelo em seus ombros. Ele inclinou-se e beijou seu pescoço, sentindo o cheiro de sua fragrância adocicada. Tocou seu rosto, beijando-a e inclinou-se para frente.

— Estou apaixonado por você. — falava enquanto a beijava.

Helena virou o rosto para olhá-lo.

— Eu também estou apaixonada por você — disse com sinceridade nos olhos e um meio sorriso.

William beijou-a novamente, não resistia àquele olhar, ao toque macio, e o cheiro suave da pele dele fazia com que ela o desejasse como nunca imaginou querer alguém. A noite começava a cair e Helena viu que se aproximava a hora de retornar para casa, mas não tinha a menor vontade de sair daqueles braços.

— Está na hora de ir. — E cochichou ao ouvido dele.

Não, fica mais um pouco — pediu ele e abraçou-a com força para que não saísse da sua beira, Helena deu uma risada.

Não posso, temos que ir. — E fez uma carinha triste.

— Tudo bem então, eu vou pegar o carro.

William levantou e saiu caminhando até o estacionamento, sempre olhando para trás e sorrindo para Helena, que balançava a cabeça encabulada com o modo de ele olhar para ela. William deu a volta com o carro ao redor da praça parando do outro lado, em seguida desceu, deu a volta correndo, como se estivesse com pressa e abriu a porta. Assim que Helena entrou, ele abaixou-se na janela do carro dando-lhe um delicado beijo nos lábios. Os dois foram todo o caminhando conversando, rindo e trocando olhares.

Quando chegou a casa de Helena, William desceu do carro, deu a volta para abrir a porta para que ela saísse. Depois, ele gentilmente puxou-a para perto de si, aproximou seu rosto do dela, dando-lhe vários beijos até selar seus lábios aos dela. Helena afastou-se um pouco, dando-lhe um sorriso tímido.

É melhor eu entrar. — E passou a mão pelo cabelo. Até amanhã William.

Ela segurou sua mão olhando-o com carinho, encostou-se ao carro, passando uma perna sobre a outra e sorriu para ela.

Tudo bem, até amanhã Helena e tenha uma ótima noite. — Ele inclinou-se para frente dando-lhe um beijo no rosto, deu a volta entrando no carro.

Quando voltava para seu apartamento não parava de pensar em Helena, estava profundamente apaixonado. Helena também, assim que entrou em casa foi direto para o quarto e deitou-se na cama, não conseguia parar de pensar em William. A cada dia que passava, crescia um sentimento forte dentro dela, que não sabia explicar, só sabia que queria mais que tudo estar ao lado dele, esse era o seu maior desejo. Estar ao seu lado fazia com que ela se sentisse bem, especial e amada.

Na manhã seguinte Helena acordou animada, sentia-se radiante, foi sentar-se à mesa para tomar seu café da manhã. Estava sem pressa, pois não haveria aula nesse dia, só tinha de ir para a universidade assistir a uma palestra sobre violinos. Saiu de casa vestida com uma calça jeans, uma camiseta branca, pôs um sobretudo na cor grafite, calçou uma sapatilha, deixou os cabelos soltos e pegou a bolsa rapidamente em seu quarto, dado que iria com Heitor e ele não gostava de chegar atrasado às aulas. Quando chegou ao destino, Helena entrou no auditório sentando-se na primeira fileira da cadeira, em razão de a palestra ser bastante importante para ela, e por se tratar de instrumentos

musicais que eram sua paixão. Antes que terminasse a palestra, William chegou para buscá-la. Ele só havia tido uma apresentação de trabalho e resolveu esperar por Helena, ficou do lado de fora da universidade encostado à parede com as pernas cruzadas, pois queria fazer-lhe uma surpresa. Assim que a palestra acabou, Helena saiu do auditório com umas amigas. De longe viu um bonito rapaz com uma mochila nas costas, encostado à parede, ficou parada um minuto encantada com o que via, logo desceu as escadas correndo para encontrá-lo, quando se aproximou abraçou-lhe dando um beijo.

— Amor, não esperava vê-lo por aqui — falava enquanto passava as mãos no seu rosto.

— Você gostou da surpresa? — E deu um beijo na ponta do seu nariz.

— Adorei. — Helena sorriu com o canto da boca e segurou sua mão. — Mas o que houve, não teve aula pra você?

— Não. Eu fui só para uma apresentação de trabalho, mas terminou antes do que eu imaginava, então vim para te levar pra casa, vamos?

— Sim. Vamos.

Eles saíram de mãos dadas, William virou-se para beijar-lhe na testa e ela sorriu da forma carinhosa que ele a tratava. Puxou-a para perto de si envolvendo-a em seus braços. Os dois entraram no carro, William deu a manobra em seguida a ré, virou o volante para a esquerda e saiu.

— Qual foi o tema da sua palestra? — Virou o rosto para olhá-la.

— Foi sobre violino — disse colocando os cabelos por detrás da orelha.

— Sério? — E ergueu uma das sobrancelhas, sem entender muito do assunto.

— Sim — disse Helena entusiasmada.

— Você gostou?

— Muito. Aprendi varias coisas legais, você quer ouvir? — Ela sorriu para ele, que retribuiu com outro sorriso.

— Adoraria.

— Pois bem, vou te falar de algumas partes, porque são várias. — Helena mexia com as mãos, empolgada.

— Tudo bem.

— Você já ouviu falar em cravelhas?

— Caravelas? — disse brincando.

Helena deu uma gargalhada.

Você me entendeu.

William sorriu.

Não, nunca ouvir falar em cravelhas.

— Pois você está com sorte.

Estou? — perguntou ele piscando o olho para ela.

Sim, em razão de você não saber o que são cravelhas, vou te explicar. — Ela virou-se um pouco de forma que desse para olhar para ele, colocou os cabelos por detrás das orelhas e limpou a garganta. — Assim sendo, cravelhas são as peças de madeira onde se fixam as cordas. Como você nunca ouviu falar de cravelhas presumo que também não tenha ouvido falar em cavalete ou queixeira.

Também não. — E deu de ombros.

Certo! — disse Helena olhando de soslaio. — O cavalete é a peça na qual se apoiam as quatro cordas, e a queixeira, é a almofada, em que se apoia o queixo. Tem outras partes, mas não estou lembrando agora. Mas foi bem interessante.

William deu um sorriso e disse:

— Imagino.

— Ah sim, lembrei! — disse rapidamente. — Aprendemos também sobre os cuidados e sobre a posição do violino ao corpo. — William sorriu ao ver sua exaltação.

— E qual é a posição do violino ao corpo?

— O violino deve ser colocado em cima da clavícula esquerda e apoiado de leve no ombro esquerdo. — Ela mostrava cada detalhe para ele, que não tirava os olhos dela.

— Adoro esse teu bom humor, você é surpreendente — dizia ele com um largo sorriso no rosto. Helena virou a cabeça dando-lhe um beijo no rosto.

Quero te fazer um convite — disse Helena olhando-o.

Pode fazer. — E encarou-a.

Quero que domingo você venha até minha casa para conhecer minha família, aceita? — Ela perguntou tocando-lhe no braço.

Mas é claro que eu aceito, vou adorar conhecer sua família, será um grande prazer —disse ele movimentando a cabeça, afirmando que sim.

William estacionou o carro em frente à casa de Helena, ela deslizava as mãos em seu rosto admirada com a beleza dele, William não desviava seus olhos

dos dela, encostou lentamente sua cabeça na dela e beijou sem pressa alguma seus lábios. Helena despediu-se reforçando novamente o convite.

Capítulo XII

Quando chegou o final de semana, mais precisamente domingo, o dia em que William viria até sua casa para conhecer sua família, Helena acordou cedo fazendo sua mãe ficar admirada, pois era costume dela só acordar depois das 9 horas. Depois de acordar, Helena foi tomar banho, arrumou-se com muita empolgação. Pôs um vestido, calçou uma sandália, prendeu os cabelos em um rabo de cavalo, estava radiante. Aquele almoço de família ia ser excelente, todos poderiam conhecer o William e ver a pessoa maravilhosa que ele era.

Leticia preparou um almoço especial para William, com direito a filé de frango com queijo, pimentão recheado, batata ao creme, salada, arroz branquinho, e de sobremesa pudim de leite, Helena sabia que William ia adorar. Por volta das 10h00min da manhã William chegou, Helena estava sentada na varanda à sua espera, balançando as pernas e mexendo os cabelos, sentia-se ansiosa, mal podia esperar para tê-lo ali junto com ela e poder passar o dia ao seu lado. Quando William estacionou o carro, ela levantou ajustando o vestido e foi em sua direção, ele desceu do carro aproximando-se dela e dando-lhe um beijo no rosto.

— Oi. — Ela falou, segurando a mão dele.

— Oi, estou muito feliz em poder passar o dia com você. — E beijou suas mãos.

— Eu também William, é importante pra mim que você conheça minha família. — E olhou-o com carinho.

— Com todo prazer, só espero que eles gostem de mim. — E sorriu encabulado.

— Eu tenho certeza que eles vão te adorar. — Ele abraçou-a tocando seus

lábios nos dela, em seguida os dois caminharam com as mãos entrelaçadas, entrando em casa, onde todos estavam sentados na sala esperando por ele.

Helena olhou para William com um sorriso amigável.

Hoje eu vou te apresentar a minha família, o papai você já conhece, e essa aqui é a minha mãe Leticia.

Leticia levantou do sofá, aproximando-se de William com a mão estendida para cumprimentá-lo.

— Olá dona Leticia, é um enorme prazer conhecê-la.

— Muito prazer William, é uma satisfação conhecer você também.

Heitor levantou-se do sofá ficando em pé próximo de Héltton, Helena aproximou-se dos dois.

— E esse é o Heitor, meu irmão mais velho e também o meu médico preferido, está cursando medicina e eu sou muito orgulhosa por ele — disse enquanto segurava a mão do irmão e falava com prazer dele.

— Olá Heitor. — E estendeu a mão para ele.

— Oi William, há tempos eu queria te conhecer. — Helena olhou para o irmão com inquietação e ele sorriu. Em seguida apresentou-lhe o outro irmão.

— Esse é o Héltton, o meu caçulinha. — Enquanto Helena falava esboçava um lindo sorriso.

— Pode parar, assim você me mata de vergonha, já sou um homem viú, “menina da saia rosa”. — E ergueu as sobrancelhas enquanto olhava sério para a irmã.

— Ah. Nossa, você ainda lembra disso. — E deu uma gaitada.

— Oi Héltón — falou enquanto estendia a mão para pegar na dele.

— Oi William, eu também há tempos queria te conhecer.

— É mesmo? — disse William surpreso.

William virou o rosto olhando para Helena, desconcertado com os comentários dos irmãos dela. Carlos e Leticia apenas ficaram sentados sorrindo dos filhos, que queriam deixar a irmã nervosa, mas naquele dia eles não conseguiriam, dado que estava segura de si e eles podiam ver visivelmente nos olhos dos dois que estavam apaixonados. Todos foram gentis e trataram William bem, ele ficava só observando o modo da família de Helena, como se entendiam, e por alguns instantes ficou sério pensando.

Os dois saíram da sala e foram até à varanda, onde se sentaram. Helena percebeu que alguma coisa o tinha deixado triste, e olhou analisando-o.

— O que foi William, por que você ficou tão fechado? — Ela segurou no seu rosto para que ele pudesse olhá-la.

— Ah. Não é nada. — E deu um sorriso de canto de boca.

Mas você ficou estranho. — Ela disse preocupada.

Está tudo bem! Eu achei bonito como você e seus irmãos se tratam, é legal — disse mudando de assunto.

— E a sua família? Você nunca comenta nada sobre eles. — De repente ele abraçou-a.

— Outro dia eu te conto, agora vamos nos divertir e conversar só sobre coisas boas — falou inclinando a cabeça até seu ouvido. Ela virou para olhá-lo, com um sorriso malicioso.

— Ah é? Como o quê? — E olhou nos seus olhos.

— Por exemplo, que eu estou muito, muito apaixonado por você e não consigo mais ficar um dia sequer longe de ti. — E beijou-lhe a ponta do nariz.

— Nossa, isso sim é uma boa conversa. — E beijou em seus lábios.

— Eu gostaria de saber que história é essa que o Hélton te chamou de “menina da saia rosa”. — Ele segurou sua mão erguendo uma das sobrancelhas, intrigado. Helena começou a sorrir.

— Depois eu te conto, agora não é o momento. É uma história triste, e como você disse muito bem, hoje vamos nos divertir e conversar só sobre coisas boas. — Ela abraçou-o fortemente.

— Gostaria de te fazer uma pergunta — disse William inclinando-se para frente.

— Claro! — Helena passou as mãos em seus cabelos, sentando-se de modo a ficar de frente para ele.

— Por que os seus irmãos disseram que me queriam conhecer faz tempo? — William franziu a testa, cismado. Confesso que não entendi nada.

Ele disse aquilo balançando a cabeça. Helena deu uma risadinha encabulada e passou a mão no rosto, olhando para ele sem ter coragem de contar.

— Fala. Agora eu fiquei curioso.

— Está bem, vou contar, acho que nas minhas conversas aqui em casa devia pronunciar sempre teu nome, porque um dia meus irmãos, inclusive o papai, me encabularam perguntando se você tinha talento ou se era apenas um rostinho bonito. Eu fiquei morta de vergonha, nem percebia que falava tanto

no teu nome assim. — E baixou a cabeça sentindo-se envergonhada. William sorriu.

— Então quer dizer que você lembrava-se de mim e ainda falava no meu nome, hein? Por quê, posso saber? — E beijou a sua testa.

— Ah. Pode parar William, até você? — E balançou a cabeça.

— Anda, me diz eu quero saber. — E pegou no queixo dela para que ela o olhasse. Helena deu-lhe um olhar apaixonado.

Está bem, mas não vai ficar convencido, hein? — E sorriu.

— Eu prometo. — Ele ergueu a mão direita em forma de juramento.

— Desde o primeiro dia que eu te vi lá no teatro, gostei de você, não conseguia parar de pensar em você, sempre que fechava meus olhos via o teu sorriso. — Helena deu uma pausa e ele olhou para ela fixamente. Então continuou a falar. — Eu acho que todos aqui em casa perceberam o modo que eu demonstrava interesse em você, eles já sabiam que eu estava apaixonada, eu que não tinha percebido ainda, ou não queria admitir, sei lá. Você vai me achar uma boba. — E balançou a cabeça.

— Como poderia pensar isso de você? Se senti a mesma coisa quando te vi pela primeira vez naquele concerto, gostei de você desde aquele momento, te achei linda e não parava de pensar em ti. Quando você chegou ao teatro eu estava sem coragem de ficar perto, lembra quando chegou que eu estava lá dentro? — Ele sorriu coçando a cabeça.

— Sim.

— Pois bem, eu inventei de arrumar as coisas lá dentro porque estava tenso.

— William pegou sua mão e beijou. Helena sorriu. E ele continuou a falar. —

Eu me apaixonei por você naquele dia no concerto, mas só tive a certeza quando sentei ao teu lado naquele dia no teatro.

Helena virou para beijá-lo.

— Eu te amo, Helena.

— Eu também te amo, William. — E fechou os olhos sentindo-se amada.

William sorriu baixando a cabeça.

— Agora me fala o que você acha? Eu sou ou não sou só um rostinho bonito?

— E encarou-a. Ela fitou-o por um tempo.

— Eu te acho maravilhoso, tem um rostinho bonito, mas também tem uma voz encantadora, um olhar fascinante e ainda por cima é talentoso e um excelentíssimo profissional dedicado. — E piscou o olho para ele.

— Nossa! Agora fiquei sem graça. — William passou a mão nos cabelos, encabulado. Ela começou a sorrir passando a mão no rosto dele, que a beijou.

Os dois permaneceram sentados do lado de fora da casa por um bom tempo, depois Leticia apareceu na porta e chamou-os para irem almoçar. Todos se sentaram à mesa, Carlos e Leticia na ponta, Heitor e Hélton de frente para Helena e William. Eles estavam conversando e rindo bastante. Depois do almoço, Helena foi até à cozinha ajudar sua mãe, Hélton convidou William para jogar vídeo game e foi logo explicando para ele que quem perdesse entrava outro no lugar. Hélton sentou-se no sofá e William ao seu lado.

Depois que Helena terminou de ajudar a mãe foi para sala e sentou-se no sofá de frente para eles, observando-os brincar. Foi quando viu o quanto eles se davam bem, William sorriu do modo de Hélton que não gostava de perder e Heitor estava dando uma surra nele. Helena convidou William para sentarem um pouco ao piano e tocou para ele, Leticia e Carlos subiram para o quarto

para descansar um pouco. Depois, os quatro foram assistir a um filme de ação, comendo pipocas e divertindo-se, só no final do dia William foi para casa, mas causou uma boa impressão à família de Helena. Todos gostaram dele principalmente Leticia. Quando William saiu, eles sentaram no sofá, Helena ao lado da mãe. Ela sabia que ia começar a sessão de comentários, mas não se importava, ia ouvir com muita alegria e satisfação. Leticia foi a primeira a manifestar sua opinião.

— Eu amei o William, ele é um rapaz educado, comportado, gentil, um perfeito cavalheiro. — Leticia olhou para a filha segurando sua mão.

— E lindo — completou Helena. A senhora viu aqueles olhos azuis? Ah! Meu Deus! Nunca vi um par de olhos como aqueles, e aquela boquinha, nossa é deslumbrante. — E encostou a cabeça no ombro da mãe.

— Meu Deus! Está perdidamente apaixonada por esse rapaz — disse Leticia beijando o rosto da filha.

E então, alguém mais quer se manifestar? — disse Helena cruzando os braços.

Os três como um coro disseram juntos.

Não.

Ele está aprovado, minha filha. — falou Carlos dando umas batidinhas na perna dela.

Que ótimo. — E levantou-se.

Em seguida foi para seu quarto, tomou banho, enrolou-se na toalha e deitou-se na cama ligando a televisão, ficou no quarto, deitada por um tempo, passava das 19h00min quando Leticia entrou no quarto chamando-a, pois

estava na hora da diversão deles. Todos os domingos, fizesse chuva ou sol, tinham uma programação garantida, comer pizza. Helena adorava quando sentavam no chão da sala em cima do carpete, tão felpudo que parecia que ali viviam uns cem coelhos. Ela deleitava-se naquelas noites onde cada um contava como tinha sido a sua semana, esse era um modo divertido dos seus pais ficarem sabendo o que eles andavam aprontando e dava bastante certo, dessa maneira conversavam, riam. No final todos falavam o que tinham feito e os seus pais acabavam respirando aliviados por conseguir a confiança de cada um de seus filhos. Depois de comer, conversar e rir bastante, Helena subiu para seu quarto.

Quando William chegou ao seu apartamento, entrou no quarto e em seguida tomou um banho. Depois deitou no sofá ligando a televisão, mas seu pensamento estava longe, não parava de pensar na sua família, não conseguia entender a atitude do pai, e por apenas ele querer seguir seu sonho nunca imaginou que daria uma complicação tão grande, mas agora ele precisava seguir em frente e ser forte. Uma coisa tinha certeza, não poderia de forma alguma abandonar seu sonho, só por um capricho de seu pai. E fechou os olhos tentando esquecer por um momento daquilo tudo. Acabou adormecendo. Passava das 20h00min quando ele acordou sentindo fome, estendeu o braço para pegar o telefone e ligou para um restaurante pedindo uma comida. Enquanto esperava pegou os papéis da peça e pôs-se a ler, gesticulava andando de um lado para o outro da sala. Depois de alguns minutos ouviu bater na porta, jogou os papéis no sofá, e correu para abri-la, deu uma gorjeta para o entregador, e foi para a cozinha. Quando terminou de jantar limpou a cozinha, voltou para a sala pegando novamente os papéis da peça para ler, pois estava sem sono e precisava espairar um pouco.

Na manhã seguinte, Helena foi para a universidade, mas não conseguiu ver William, à tarde ele passou em sua casa para irem juntos ao teatro. Helena percebeu que William estava diferente só não sabia o porquê. Tocou no braço dele e, juntando as sobrancelhas, perguntou:

— Meu amor, está acontecendo alguma coisa?

— Depois a gente conversa — respondeu ele sem olhar para ela.

Helena não parava de pensar no porquê de William estar com aquele ar de mistério, os dois foram todo o caminho calados. Apesar de sentir-se apreensivo, William fez questão de não errar uma música, dado que a conversa que teria com Helena mais tarde não era assim tão fácil.

Quando terminou o ensaio eles saíram para conversar, William segurou a mão de Helena e caminharam até à praça. Ela sentou-se de frente para ele, que a olhou bem sério e respirando fundo.

O que está acontecendo, William? — Ela passou a mão no rosto dele.

— Hoje eu vou te contar a minha história, nunca falei disso com ninguém, mas confio totalmente em você, ganhou minha confiança e também meu coração, não quero ter segredos com você, tudo bem? — falou enquanto deslizava a mão pelos seus cabelos.

— Sim, pode falar. — E beijou sua mão.

William inclinou-se para frente como se fosse contar-lhe um segredo.

— Eu sou de Belo Horizonte, meu pai se chama Tomás e é um cirurgião, minha mãe se chama Marcela, ela é dermatologista. Meus pais são de uma família tradicional de médicos, têm um hospital que foi passado de pai pra

filho e assim por diante. Eu sou o único filho homem deles, tenho uma irmã que se chama Wanessa que está cursando medicina, pois pretende ser pediatra. Meu pai queria que eu fosse médico também pra poder assumir a direção do hospital, eu comecei até cursar, mas não deu certo, não era o que eu queria de verdade, pois gosto mesmo é de estar no palco. É onde me realizo, sou feliz assim, então quando abandonei o curso de medicina e decidi ir embora pra fazer o que de fato queria, imagina a confusão que foi.

Ele fez uma pausa, e como Helena não disse nada, continuou:

— Foi péssimo, meu pai disse coisas horríveis pra mim, ordenou que se eu saísse de casa não seria mais filho dele e não contaria mais com ele para nada, e assim eu fiz. Estou morando aqui há oito meses e só falo com minha mãe, que sofre profundamente por não estar perto de mim. Ela e o meu tio são os únicos que me apoiam nessa decisão que tomei, minha irmã também ficou com raiva e não fala comigo, por isso você me achou estranho ontem, achei tua família unida, perfeita.

Helena ficou atônita e abraçou-o.

Nossa, William, nem sei o que te dizer.

— Tá tudo bem. — Ele segurou no seu ombro, afastando-a para olhá-la.

— Olha William, tenho certeza que teu pai vai acabar aceitando tua decisão, não tenho dúvida da pessoa maravilhosa que você é e ele sabe disso também, só está com raiva, vai passar. Sempre que acontece uma coisa ruim, logo chega uma boa, então não se preocupe que ele está sentindo sua falta.

— Acho pouco provável. Sempre que eu ligo, ele não atende o telefone, e quando alguém atende diz que ele está ocupado, mas eu sei que não é verdade. Sabe Helena, é tão estranho ficar sem falar com o meu pai. — E

baixou a cabeça triste.

— Eu acredito. Não me vejo sem falar com os meus pais. Então foi por isso que você não pôde estudar teatro, não foi?

— Sim. Ele já sabia que eu gostava de teatro, pois quando eu era criança que tinha apresentação na minha escola, eles sempre iam. Meus pais não perdiam uma apresentação minha e como eu sabia que eles estariam lá, me dedicava ainda mais, minha professora sempre me elogiava para eles, e ele tinha um orgulho desmedido por mim, pois achava que eu me saía bem só para surpreendê-los. Quando cheguei à fase adolescente disse pra ele que ia estudar teatro, sabe o que ele me respondeu?

Helena acenou com a cabeça de um lado para o outro.

“Pra quê? Se você vai ser médico não precisa estudar teatro, tem que se concentrar nos seus estudos”, foi isso que ele disse. Só que eu já estava estudando, minha mãe sabia e fez-me prometer que iria contar para ele, mas eu não tive coragem, ao invés disso comecei a sair escondido dos dois até que ele descobriu, aí não deu mais certo. Parei o curso e ele disse que não queria mais ouvir aquela história de novo. Eu obedeci até o ano passado quando decidi vir pra cá.

Ele ficou calado, Helena pôde ver o desgosto em seus olhos e segurou a sua mão apertando.

— A minha vida nem sempre foi assim, William, hoje você nos vê felizes, mas já sofremos muito. Está vendo o Carlos, ele foi um anjo na nossa vida, pois não é meu pai biológico e nos ama imensamente.

— Como assim? — disse perplexo.

— Ele criou a mim e a meus irmãos, nós morávamos no interior, viemos pra

cá ainda crianças. Meu verdadeiro pai era alcoólatra e batia na gente e na minha mãe. Éramos tão pobres que tinha dias que não havia nada para comermos, viemos pra cá fugidos. — Deu um sorriso de canto de boca.

— Meu Deus. Helena, não precisa falar mais, estou vendo que você ficou triste, eu não queria te ver assim. — Ela colocou a mão sobre a sua.

— Não se preocupe, está tudo bem agora, sabe o apelido que você achou engraçado? Eu ganhei de uma maravilhosa professora que me ajudou e à minha família, e que eu nunca vou esquecer. Como eu não tinha roupa, todos os dias eu vestia a mesma saia rosa, eu adorava, então, a professora me chamava de “a menina da saia rosa”, aí lá em casa começaram a me chamar assim.

— Nossa que história, e o seu pai, vocês têm notícias dele?

— Não, já faz tanto tempo, bebia tanto que presumo que ele nem esteja mais vivo.

— Vem cá, deixa eu te dar um abraço. Olhando assim para você nem parece que já sofreu tanto. — E envolveu Helena em seus abraços.

— É verdade, mas o amor supera tudo e foi isso que eu ganhei do meu novo pai.

— Eu sabia que algo bom ia acontecer comigo, você é muito especial pra mim Helena, passei tantos momentos ruins pra chegar até aqui, mas agora valeu a pena passar por tudo, porque só assim eu te conheci.

— Você também é muito especial pra mim, William. Mesmo sem te conhecer, você já fazia parte dos meus sonhos e agora está aqui, é real e eu sempre te esperei.

Ele beijou-a profundamente apaixonado. Depois que conversaram, William levou-a para casa, sentia-se mais leve e tranquilo, precisava partilhar aquele problema, mas ainda não havia encontrado uma pessoa que confiasse, com Helena era tudo diferente, conseguia expressar-se facilmente. Ela foi todo o caminho para casa com a cabeça deitada no ombro de William. De vez em quando ele virava para beijá-la. Quando Helena chegou a sua casa, seus pais estavam sentados na sala assistindo a um programa de televisão. Ela entrou e sentou entre os dois, estava cabisbaixa.

— Mãe — falou baixinho.

— Sim, minha filha.

— Hoje eu fiquei sabendo quem são os pais do William.

— Foi? E quem são eles? — Helena ergueu a cabeça e cruzou os braços.

— A família do William tem um hospital, o pai dele se chama Tomás e a mãe Marcela, os dois são médicos. Ele também tem uma irmã que se chama Wanessa.

— É mesmo? — disse Leticia com surpresa, Carlos olhou para a filha e arregalou os olhos.

— E sabe por que o William nunca tinha me falado sobre a família dele?

— Não. — Os dois falaram juntos.

— Porque saiu de casa brigado com o pai dele, ele não aceita que o William seja ator e a irmã dele também está com raiva, só a mãe o apoia.

— Meu Deus, que coisa triste — disse Leticia olhando para a filha.

— Bastante, há oito meses ele e o pai, estão sem se falar e o William está

magoado, sentido.

— Imagino como deve ser difícil pra ele viver aqui sozinho — continuou Leticia.

— A senhora precisava ver a tristeza no rosto dele, quando me contou me senti tão mal.

— É, minha filha essas coisas acontecem mesmo, geralmente alguns pais, principalmente bem financeiramente, eles querem que os filhos sigam a mesma profissão deles. Imagina como é para o pai do William pensar que o filho quer ser ator e não médico, até porque ele tem um hospital, o pai dele com certeza quer que ele seja seu sucessor, ainda mais que é o único filho homem — disse Carlos segurando a mão da filha.

— É verdade papai. Mas ele deveria confiar nele, William até está na universidade e leva bastante a sério sua profissão. — E olhou para o pai.

— Eu sei, minha filha e se eu fosse o pai do William estaria orgulhoso dele, pois é um rapaz muito comportado, educado, compromissado e também responsável, são poucos os jovens que se comportam assim hoje em dia. Eu acho que depois o pai dele vai cair em si e vai ver que ele não está brincando e está levando a sério sua carreira, logo ele vai aceitar e também vai ter orgulho do filho.

— Espero que sim, eu já vou dormir, boa noite.

— Boa noite, minha filha — disseram os dois, Carlos e Leticia, olhando um para o outro, não deixaram de perceber como Helena ficara comovida com o que William dissera.

Helena deu um beijo no rosto dos seus pais e foi para o seu quarto dormir, não parava de pensar no William e sabia o quanto foi dolorido ter desabafado

aquilo tudo com ela. “Poxa não deve ser nada fácil ficar sem falar com o pai e com a irmã, não imaginaria minha vida sem estar ao lado dos meus pais e dos meus irmãos, mas eu o amo e vou fazer cada segundo da sua vida ao meu lado o mais feliz de todos”. E deu um sorriso enquanto pensava. Em seguida foi para o banheiro tomar banho, depois deitou-se na cama adormecendo.

Quando William chegou ao seu apartamento, sentou-se no sofá pegando o telefone, discou os números e esperou um pouco até que finalmente atenderam.

— Oi mãe, liguei pra dizer que estou com muitas saudades e também pra lhe lembrar da minha apresentação, se a senhora puder vir vou ficar muito feliz.

— Oh, meu filho! Eu sei e vou fazer de tudo pra ir, não quero perder esse momento tão importante na tua vida, mas por enquanto não posso garantir nada, mas me conta, como você está?

William sorriu.

— Estou apaixonado.

— O quê? Por quem, meu filho?

— Por uma garota que conheci no teatro, ela vai contracenar comigo na peça, a senhora precisa vê-la é musicista e toca piano como ninguém. Sem falar que é maravilhosa e linda. Ela se chama Helena, é uma pessoa incrível, gostaria que a senhora a conhecesse — disse entusiasmado.

— Eu quero mesmo conhecer essa garota que deixou meu filho apaixonado, só pode ser incrível mesmo. — E sorriu sentindo-se contente. Não aguentava mais ouvir a voz deprimida dele ao telefone, agora ela sentiu que ele estava diferente, sorrindo até, isso era bom.

— Agora tenho que desligar, vou descansar um pouco porque amanhã o dia vai ser cheio — disse William.

— Tchau meu filho, te amo.

— Eu também te amo, mãe. — Ele desligou o telefone saindo em direção ao quarto.

Capítulo XIII

Em uma dessas manhãs o dia amanheceu chuvoso e frio, William chegou cedo ao teatro e não estava lá mais ninguém para o ensaio, em seguida Helena chegou e ficou em pé um pouco distante do palco. William nem percebeu a presença dela, que continuou olhando para ele, deitado no chão do palco. Ela foi caminhando bem devagar para que ele não percebesse, até se aproximar dele sentando-se no chão ao seu lado. Quando ele a viu sorriu encabulado.

— Nossa, estava pensando em você. — E foi colocando a cabeça sobre as pernas dela.

Helena beijou em sua testa, depois deu um leve beijo na ponta do seu nariz e nos lábios segurando seu rosto com as duas mãos.

— É verdade que você estava pensando em mim? — E deslizou os dedos em seus cabelos.

— Claro que sim, eu penso em você a cada segundo. — Enquanto ele falava Helena não se conteve e beijou em seus lábios, um beijo intenso e apaixonado, bem na hora os outros atores chegaram para ensaiar, e começaram a elogiar o casal.

Helena levantou-se batendo palmas para eles, que começaram a sorrir da forma brincalhona dela, William levantou indo direto ligar o som para que pudessem dar início ao ensaio, porque quando eles começavam a zoar não queriam parar mais. A cada ensaio, William e Helena ficavam melhores e a sua atuação era perfeita, ele tinha um olhar encantador para ela. Quando cantava, ela podia sentir a delicadeza e a maciez de suas mãos ao tocar o seu rosto. Mauro não tinha a menor dúvida que aquele musical ia ser um grande sucesso. Quando terminou o ensaio, chovia bastante e os dois ficaram

abraçados na porta do teatro apreciando a chuva cair. Ela aconchegou-se em seus braços sentindo-se protegida. Ele deu um beijo em sua cabeça e olhou-a com brandura.

Está pronta? — perguntou ele segurando sua mão.

Sim, meu amor — disse erguendo sua mão e beijando-a.

Os dois saíram correndo em direção ao carro, William abriu a porta para ela entrar. Helena esfregava as mãos uma na outra para aquecer. Quando chegaram a casa dela, William lembrou-se que havia colocado um guarda-chuva no banco detrás do carro, pegou nele e em seguida abriu a porta para ela descer. Os dois foram abraçados até à porta da casa dela, com o guarda-chuva aberto. Ele colocou a mão no seu ombro encostando a testa na dela e sorriu, fazendo-a sorrir baixando a cabeça para a esquerda.

— Tenho que ir — disse abraçando-a forte.

Tem mesmo? — Ela deu-lhe um olhar encantador.

Não, mas se eu ficar vou ser expulso pelos seus pais. — E deu-lhe uma olhadinha de lado.

Helena deu um sorriso de admiração.

É verdade, meu amor, mas já estou com saudade.

Eu também, meu amor, agora é sério tenho que ir.

Tudo bem. Dirija com cuidado. — Abraçou-o beijando em seu rosto, em seguida entrou em casa e William saiu.

Todos os finais de semana William passava o dia na casa de Helena e só no

final da tarde é que retornava para seu apartamento. Quase todas as noites, William ia para a casa dela. Como estava no inverno, ficavam sempre em casa, os dois gostavam de inventar coisas para fazer. Tinha noites que eles assistiam a filmes comendo pipocas, outras vezes eles faziam campeonato de karaokê, como Helena e William sabiam cantar eles dividiam as duplas em: Helena e Heitor, William e Hélton, os quatro divertiam-se bastante. Quando terminava a brincadeira, os dois arrumavam um jeito de escapar para irem sentar-se na varanda a sós, William abraçava Helena que adorava encostar a cabeça em seu peito, dessa forma podia sentir seu cheiro, amava sentir seu toque ao deslizar suas mãos pela sua pele, e admirava a forma carinhosa dele olhar para ela. Gostava quando ele beijava sua testa e roçava seu nariz ao dela, tudo tão calmo, silencioso e tranquilo, ela ficaria o tempo todo ali ao seu lado.

William entrelaçou suas mãos nas dela e envolveu-a em seus braços dando-lhe um beijo longo e demorado. Já passava das 22h00min e William preparava-se para ir embora, quando ficou de pé, inclinou-se para frente beijando sua cabeça, em seguida segurou nas duas mãos fazendo-a ficar de pé também. Assim que a teve próximo de si deu-lhe um beijo apaixonado e envolvente fazendo sua respiração ficar ofegante.

Tenho que ir, meu amor. Está ficando tarde, daqui a pouco seu Carlos me põe pra correr. — E sorriu abraçando-a.

Não acho que ele lhe colocaria pra correr, mas com toda certeza ele inventaria uma desculpa bem condizente, tipo amanhã temos que acordar cedo, coisas desse tipo.

William a envolveu em seus braços beijando-a novamente, depois saiu caminhando indo para o carro, de longe jogou um beijo para ela antes de sumir da vista de Helena.

Capítulo XIV

William e Helena já estavam com dois meses de namoro e como se aproximava a primavera, ela queria mostrar-lhe seus lugares favoritos e aproveitar para levá-lo para conhecer a beleza e o encanto de São Paulo. Helena estava no seu quarto, deitada na cama, pegou o telefone e ligou para William, ia convidá-lo para sair com ela, no terceiro toque ele atendeu.

Alô! — disse Helena.

Alô!

— Oi William? — disse enquanto enrolava as pontas dos cabelos, fazendo cachos.

Oi amor.

Uma vez você me falou que ia precisar de alguém para te ajudar a conhecer a cidade, então eu pensei em te levar para conhecer o Jardim Botânico, o que você acha? Aceita?

— Claro que sim, eu adoraria.

— Então, você pode passar aqui em casa?

— Daqui a meia hora eu chego aí.

Helena levantou-se da cama e pegou uma escova de cabelo indo para frente do espelho, pentear os cabelos, pôs um pouco de gloss nos lábios, um pouco de blush e passou perfume, primeiramente nos pulsos, dobras dos cotovelos, depois na nuca e atrás das orelhas, pegou a bolsa deu mais uma olhada no espelho e saiu fechando a porta do quarto. Na hora exata, William chegou a casa de Helena, que se despediu da mãe e entrou no carro dele com um largo sorriso no rosto. Helena levou-o para conhecer o Jardim Botânico, que por

ser um lugar agradável, logo na entrada as pessoas deparam-se com uma surpreendente paisagem, um caminho constituído por árvores, um lago. William ficou encantado com o lugar e impressionado como ela o descrevia.

— Olha, no seu interior foram construídas duas estufas, uma abriga plantas típicas da mata atlântica e a outra para exposições temporárias. — Ele não parava de olhar para Helena enquanto ela falava.

— Você gostou do nosso primeiro passeio? — perguntou Helena virando-se para olhar para ele.

— Sim. E mal posso esperar pelos próximos, você vem sempre aqui? — E olhou-a nos olhos.

— Sim. Sempre venho com os meus irmãos, eu adoro esse lugar. — E pôs as mãos para trás sentindo-se satisfeita por ele ter gostado do passeio.

— É realmente encantador. E então, qual vai ser o próximo lugar que você vai me levar? — Deu um beijo no rosto dela.

— Ah! Vai ser surpresa. — Helena ergueu uma das sobrancelhas.

— Então tá bom. — E colocou uma das mãos no bolso da calça.

— Agora vamos procurar um lugar naquela lanchonete e continuar contemplando esse lugar — sugeriu ele caminhando ao lado dela.

— Claro que sim, está sendo bastante agradável esse momento. — Ela ergueu a mão dele e beijou.

Os dois sentaram-se em uma mesa de madeira um de frente para outro, William colocou as duas mãos sobre a mesa aproximando seu rosto do dela que não parava de olhar dentro dos belos olhos azuis dele.

Sem demora, o garçom trouxe os cardápios para eles. William e Helena fizeram os seus pedidos, e assim que o garçom anotou e foi embora, William inclinou-se para frente beijando delicadamente os lábios de Helena.

Quando terminaram de lanchar foram caminhar um pouco, era tudo tão limpo e organizado, estar ali era algo encantador. Helena sentou em um banco de madeira e William ao seu lado, este colocou uma das mãos sobre o ombro dela e a outra em cima da mão dela, que olhava para ele com um sorriso adorável no rosto, ao qual ele não conseguia resistir. William ergueu a mão para tocar-lhe no rosto colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha dela e beijando em cada canto do seu rosto, beijou-lhe a testa, um lado, depois o outro lado do rosto, beijou a ponta do seu nariz, seu queixo, até finalmente selar seus lábios aos dela. William sussurrava ao seu ouvido dizendo o quanto a amava.

— Por que quando estamos juntos a hora passa tão depressa? Se eu pudesse pararia o tempo só pra poder ficar mais tempo ao seu lado. — Enquanto falava William deslizava a mão em seu rosto.

— Eu também, meu amor, quando estou ao seu lado me sinto feliz, adoro estar em seus braços, seu beijo e esse teu modo de me olhar me fascina, eu te amo William.

Helena olhava fixamente dentro dos olhos dele. William virou o rosto para falar baixinho ao seu ouvido.

— Eu também te amo, Helena.

William estava perdidamente apaixonado por Helena e ela também não conseguia esconder aquele amor, parecia que tudo havia mudado ao seu redor, qualquer coisa era motivo para ela sorrir. Sentia-se bem ao lado de William, não conseguia entender como aquele sentimento tinha tomado conta

da sua vida, foi rápido, mas era tão forte, intenso. Uma coisa era certa, ela amava-o do fundo do coração e queria ficar para sempre ao seu lado. William e Helena foram andando agarradinhos até o carro. Ele deixou-a em casa, dessa vez não desceu do carro e despediu-se dela ali mesmo. Helena virou-se para abrir a porta do carro para sair e William olhou para ela sorrindo com o canto da boca.

— Você não está esquecendo de nada?

Ela olhou para ele colocando suas mãos em volta do seu pescoço, ele segurou em sua cintura e ela começou a beijá-lo delicadamente.

— Eu estava só fazendo charminho pra ver se você percebia e vejo que deu certo.

— Hum. Charminho é? Pois eu adorei. — Ele beijou-a fascinado com a beleza dela.

— Tchau meu amor, agora eu tenho que ir. Amanhã eu passo por aqui pra nós irmos para a universidade juntos. — E deslizou as mãos em seus cabelos.

— Tchau meu amor, ficarei te esperando. — E beijou-o novamente.

Quando Helena virou indo em direção da sua casa, William lembrou-se de dizer mais alguma coisa.

— Ei.

Ela virou.

— Sim?

— Eu adorei passar a manhã com você, há muito tempo que eu não me divertia assim, obrigado.

— Eu também adorei passar a manhã com você.

Helena acenou para ele e entrou em casa, William seguiu para seu apartamento sentindo-se animado como nunca esteve em sua vida.

No final de semana seguinte, Helena levou William em um parque chamado Zoo Safari, quando chegou ao parque ela foi explicando tudo que via para ele.

— Aqui, nós vamos passar por alguns animais que vivem soltos na mata e podemos até alimentá-los. — Ela ia mostrando os animais para ele.

— Você realmente sabe me surpreender. Sabe que eu já viajei com a minha família, fomos para a África e visitamos o Safari, lá eu tive a oportunidade de conhecer alguns animais desses, mas estando aqui com você e vendo todo esse teu entusiasmo é como se eu estivesse vendo-os pela primeira vez. Eu gosto desse teu jeito, você é especial pra mim, obrigado por estar me proporcionando dias tão maravilhosos, eu jamais irei esquecer esses momentos. — William segurou sua mão e beijou. Helena exibiu um sorriso adorável.

— Oh! Meu amor eu também nunca vou esquecer esses momentos, adoro estar com você, tudo isso que eu estou fazendo é pra te fazer feliz.

— E está conseguindo — disse esboçando um sorriso para ela.

— Estou? — E ergueu as sobrancelhas, encantada com ele.

— Sim. Pois estou extremamente satisfeito. — William puxou-a para perto de si envolvendo-a em seus braços e beijando-lhe na testa.

William deu um leve beijo em seus lábios enquanto andavam pela trilha abraçados. O caminho parecia uma ponte de madeira, e o mais fascinante é

que o lugar era todo cercado pela mata. O clima estava tão agradável e o céu num azul cintilante, nuvens passeavam pelo céu, tudo maravilhoso e perfeito, Helena sentia-se radiante ao lado de William, que não largava sua mão e a cada minuto virava-se para beijá-la. Sua cabeça e seus lábios, sempre lhe proporcionando carinho, William não parava de lhe dar importância, sempre que Helena falava alguma coisa ele estava pronto para ouvi-la, sempre dando atenção, parecia que a sua voz era música para os seus ouvidos. Quando terminou o dia e eles voltaram para casa, Helena desceu do carro e William segurou sua mão antes que entrasse em casa, puxou-a delicadamente para perto de si, beijou seus lábios, seu rosto, e lentamente seu pescoço. William soltou Helena, que suspirou. Leticia apareceu na porta acenando para William, que também acenou para ela. Helena virou-se e caminhou um pouco ficando ao lado da mãe que a abraçou.

— Você está bastante feliz, minha filha. É tão bom te ver assim. — Helena colocou a cabeça no ombro dela.

— O William que me faz sentir assim.

— Filha, eu sei que você gosta muito do William, mas vá com calma nós nem conhecemos bem esse rapaz, eu sei que ele é um bom garoto, respeitador, educado, eu e o seu pai gostamos dele, mas você está ficando próxima demais a ele e eu me preocupo. — E puxou o rosto da filha para olhá-la.

— Eu sei mamãe, mas não fique preocupada, não estou fazendo nada demais. Eu nunca faria nada para decepcionar você e o papai.

— Eu sei, filha. Confio em você, te amo tanto, só quero que você seja feliz.

— Eu sou feliz, muito, mas muito feliz, do jeito que está não precisa acontecer mais nada estou explodindo de felicidade.

Leticia deu um beijo no rosto da filha e as duas entraram em casa, Helena foi direto para seu quarto, deitou na cama e lembrou-se do passeio que acabara de ter com William, ela abraçava o travesseiro fortemente como se estivesse abraçando-o. Sorriu e adormeceu.

Mais tarde Helena acordou com alguém batendo na porta do seu quarto, era sua mãe, que entrou e aproximou-se da cama.

— Acorda filha já são 19h00min, você ainda nem jantou, levanta vai tomar banho, que eu já vou servir o jantar.

— Nossa, eu ia só descansar um minuto e acabei pegando no sono. Já vou, espera só um minutinho que eu já desço.

Leticia saiu do quarto e Helena foi tomar banho, quando chegou à cozinha todos estavam sentados à mesa. Ela surpreendeu-se com o olhar de seu pai.

— Então, minha filha. Como foi o passeio com o William? — falou e tomou um gole de suco.

— Foi ótimo, levei-o ao parque Zoo safari, foi incrível. — E pegou a jarra de suco colocando no copo.

— Você está gostando mesmo desse rapaz, não é? — disse Carlos fitando-a.

— Sim. Ele é exatamente o que eu estava esperando — respondeu ela e começou a sorrir.

— Fico satisfeito, porque vejo que ele também gosta muito de você.

— Eh! Que sorte a minha.

E todos riram do modo como ela balançava na cadeira, seu pai aproveitou o momento para contar-lhe a novidade.

— No próximo final de semana tenho um concerto no Rio de Janeiro, Leticia e Héltton vão comigo e você Heitor vai tomar conta da casa juntamente com Helena.

— Pode deixar — disse Heitor.

— Não se preocupe papai, eu vou tomar conta do Heitor. — Helena piscou o olho para o irmão sorrindo.

Quando o final de semana chegou, William ligou para Helena que atendeu no primeiro toque, ela já sabia que era ele. William adorava fazer-lhe surpresas, constantemente quando atendia o telefone cantava uma canção de amor, aquilo sem dúvida deixava-a ainda mais apaixonada por ele. Helena estava deitada na cama lendo um livro, e assim que ouviu o celular vibrar pegou-o, encontrava-se ao seu lado sobre a cama. No momento em que atendeu o telefone deu um sorriso malicioso ao ouvir a voz dele cantando suavemente.

Alô! — disse William, depois de alguns minutos.

Oi meu amor, adorei a música. — Helena fechou o livro sentando-se na cama.

— Sabia que você ia gostar, tem algum plano para amanhã?

— Ainda não. Você tem alguma coisa em mente? — Pegou o travesseiro colocando-o sobre as pernas.

— Não sei, o que você quer fazer? — mostrou interesse por ela ter algum lugar divertido para eles irem.

— Amanhã meus pais vão viajar, o Héltton vai com eles, vou ficar sozinha com o Heitor. Você quer passar o dia comigo amanhã? — Helena fechou os

olhos com os dedos cruzados, com medo dele não aceitar seu pedido.

— Eu adoraria — respondeu ele sorrindo.

— Ótimo, então vou esperar você amanhã aqui em casa, que tal às 11h00min? — sugeriu ela.

— Certo, está perfeito — disse ele satisfeito com o pedido dela.

— Boa noite, meu amor — disse Helena despedindo-se dele.

Ah! Lembrei-me de algo, só queria te dizer uma coisa que nunca falei antes pra você — disse sorrindo.

Pode falar, meu amor, estou ouvindo.

Ele limpou a garganta.

É que eu te amo, era isso que eu gostaria de falar, te amo, te amo, te amo.

Seu bobo. Eu também te amo, te amo, te amo. — E começou a sorrir.

Boa noite, minha linda.

No dia seguinte, os pais de Helena juntamente com Hélton, foram para o Rio de Janeiro, onde Carlos tinha um concerto, Leticia e Hélton aproveitaram para passear na praia, ele adorava tomar banho de mar, por isso Carlos fez questão de levar o filho nessa viagem. Helena foi até à porta despedir-se deles, Heitor não se levantou da cama, pois na noite anterior havia dormido tarde estudando para uma prova que aconteceria naquela manhã. Helena estava envolta de um edredom tremendo de frio, abraçou e beijou seus pais e seu irmão, pedindo que lhe trouxessem presentes, Leticia sorriu balançando a cabeça, em seguida entrou no carro e eles seguiram viagem. Helena voltou

para seu quarto, programou o alarme para acordá-la às 09h00min, isso daria tempo para dar uma arrumadinha na casa e ainda antecipar o almoço. Quando o mesmo soou, Helena acordou meio preguiçosa e fez alguns exercícios relaxantes, depois foi para o banheiro tomar banho, colocou um short jeans, uma blusa de malha com manga, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo e foi até à cozinha. Heitor já havia se levantado e feito o café, deixando um bilhete na porta da geladeira para ela.

Fui à universidade, estarei de volta às 12h00min, faz um almoço delicioso, pois estarei morrendo de fome, beijos.

Helena sorriu do irmão e puxou uma cadeira sentando-se à mesa, pegou uma xícara e encheu de café. Tomou um gole e preparou um sanduiche de pão integral, peito de peru. Depois de algumas mordidas levantou-se da mesa, lavou a louça suja do café, deu uma arrumada na sala e foi arrumar seu quarto. A casa não tinha muito que arrumar, pois Leticia sempre a mantinha limpa e arrumada. Helena voltou novamente para a cozinha para adiantar o almoço, colocou um avental e foi até à geladeira tirar algumas verduras, legumes, peito de frango, molhos, tudo que iria precisar. Quando estava dando 10h30min a companhia tocou, Helena foi abrir a porta, era William que havia chegado, quando a viu sorriu.

— O que foi? Está rindo de mim, é isso? — disse colocando as mãos no quadril.

— Não, meu amor, não é isso. É porque eu nunca tinha te visto assim, tão...

Ela interrompeu-o antes que ele terminasse a frase.

— Feia, você quer dizer? — Ele abraçou-a fechando a porta e beijou-a no rosto.

— Você nunca ficaria feia, seus cabelos poderiam estar todos bagunçados. —
E ergueu as duas mãos para cima demonstrando a altura dos cabelos dela. —
Ainda assim, você não ficaria feia — confessou ele.

Ela sorriu.

— Jura? E se eu estivesse sem dentes? — E fez uma careta.

— Aí não dava, eu não ia te enganar não, sinto muito. — Ele ergueu as sobrancelhas.

Helena sorriu abraçando-o e ele a beijou outra vez. Os dois foram até à cozinha, que era deveras grande e confortável, com várias janelas, eles sentiam o ar e a claridade do sol penetrando pelas mesmas, dando uma iluminação natural à casa, William puxou uma cadeira sentando-se para observar Helena.

— O que eu ia falar quando você me interrompeu é que vendo você vestida assim é muito íntimo, nós nunca tínhamos ficado sozinhos dentro de uma casa e ainda mais você cozinhando pra mim. — Ela deu de ombros e olhou para ele sorrindo.

— Eu sei que você ia falar isso — disse ela encostada à mesa e colocando limão no frango.

— Sabe? — Ele ergueu a sobrancelha com espanto.

— Sim. Pois eu pensei a mesma coisa. — E piscou o olho para ele.

— Você quer ajuda? — perguntou ele levantando-se da cadeira.

— Sério? — disse ela com admiração.

— Claro, esqueceu que moro sozinho e que muitas das vezes eu é que tenho

que cozinhar? — E deu um sorriso malicioso para ela.

— Então tá, você pode fazer a salada. — Propôs ela.

— Essa é a minha especialidade. — Enalteceu ele.

Helena sorriu e William começou a cortar os tomates, a cereja, o pepino, a alface, a cenoura e arrumou tudo em uma travessa de porcelana. Helena preparou o frango, colocou batatas e levou ao forno, depois cozinhou um arroz branco. Exatamente às 12h00min, Heitor chegou da universidade, entrou em casa dando bom dia para William e foi direto para o quarto trocar de roupa e tomar banho.

— Volto já pra nós almoçarmos, estou faminto — disse subindo as escadas correndo.

Helena colocou os pratos e os talheres na mesa, pegou a jarra de suco e em seguida Heitor apareceu na sala de jantar. Os três sentaram à mesa para almoçar. Quando terminaram, Helena retirou os pratos, pôs na pia e começou a lavar a louça. Enquanto lavava entregava para William que ia enxugando e passava para Heitor guardar no armário. Depois o irmão dela, Heitor, subiu para descansar um pouco em seu quarto, Helena pegou o violão e foi sentar-se no chão da sala com William. Os dois cantavam e divertiam-se. Helena teve uma ideia e resolveu ensinar William a tocar violão, ela ficou por trás dele de modo que pudesse segurar sua mão e pediu que ele posicionasse o violão centralizando o polegar na mão esquerda no meio do braço do violão e pressionando as cordas com a ponta dos dedos. Como ela se divertia vendo-o tentar.

Você até que tem jeito — dizia ela sorrindo. , mais algumas aulas e estará ótimo.

William sorriu com o comentário dela. Depois de algumas horas de aula, ele deitou no chão com a cabeça nas pernas de Helena.

— Eu te amo — disse Helena acariciando e beijando seu rosto.

Ele olhou fixamente em seus olhos levantando a cabeça para beijá-la no lóbulo da orelha e falou baixinho ao seu ouvido:

— Eu também te amo. O nosso amor é desses que só acontece uma vez na vida — confessou ele, tornando a beijá-la.

Quando Heitor apareceu na sala, os três foram assistir a um filme. No final do dia William retornou ao seu apartamento.

Capítulo XV

Passadas algumas semanas, aproximava-se o aniversário de Helena. Um dia antes William saiu mais cedo da universidade indo até a casa dela. Mas antes de se pôr a caminho certificou-se que ela não estaria lá. Assim que chegou ao destino e foi recebido por Carlos e Leticia, contou para eles, que juntamente com o pessoal do teatro iam fazer uma festa surpresa para Helena.

— Eu combinei com Mauro para ligar para ela, marcando uma reunião seguidamente o senhor vai com Helena para o teatro e dona Leticia sai logo depois. Isso para ela não desconfiar de absolutamente nada.

Eles concordaram e William foi embora antes que Helena chegasse a casa.

No dia seguinte, 29 de setembro, Helena completaria 18 anos de idade. Nesse dia, ela acordou cedo, tomou banho, vestiu uma saia estampada com um pouco de drapeado, colocou uma blusa amarela combinando com o tom da saia, pôs um cinto, calçou uma sandália, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo. Sua mãe havia preparado um belíssimo café da manhã, quando chegou à cozinha estavam todos em fila para lhe dar os parabéns. Seu pai segurava um presente. Começou pelo Héltton que a parabenizou e abraçou dando-lhe um beijo no rosto, depois Heitor, em seguida Leticia e por último seu pai que estava segurando uma chave na mão, Helena olhou-o com espanto.

— Vai lá fora olhar teu presente, ele está te esperando — disse Carlos entregando a chave do carro para ela.

Quando Helena saiu, viu um carro estacionado em frente a sua casa, era um Fiat uno na cor prata, com um laço rosa em volta. Ela pôs as mãos na boca e lágrimas corriam no seu rosto. De repente, começou a sorrir e a chorar ao mesmo tempo abraçando e beijando seu pai.

— Agora só falta tirar a carteira de habilitação, mas já providenciei tudo — disse Carlos limpando os olhos lacrimejados dela.

— Eu te amo tanto papai, você é o melhor pai do mundo, nem sei se eu mereço tudo isso — disse abraçada a ele.

— Claro que você merece, minha filha, você merece muito mais do que isso, você é a filha que todo pai gostaria de ter e eu fui presenteado por você e pelos seus irmãos também. — Carlos segurou o rosto dela beijando.

Helena agradeceu novamente, entraram e foram sentar-se à mesa para tomar o café da manhã que fora especialmente preparado para ela, que estava ansiosa esperando pela ligação de William. Este ainda não havia ligado, nem mandado uma mensagem ou simplesmente aparecido, sua família fazia de conta que não estava acontecendo nada de estranho. Quando a tarde chegou, Helena encontrava-se em seu quarto, deitada na cama e triste. Todos da sua casa sabiam o motivo daquela tristeza, sabiam que ela estava triste porque William não tinha dado nem uma notícia. Nesse instante o telefone tocou e ela desceu as escadas correndo para atender pensando ser William, achou estranho por um momento, pois era mais fácil ele ter ligado para o celular dela, mas foi atender assim mesmo, só que não era a voz dele e sim de Mauro.

Alô! — disse Helena erguendo os olhos.

Alô, por favor, gostaria de falar com a Helena.

Pode falar, Mauro. — E fez uma careta.

— Oh Helena, nem estava conhecendo sua voz. Olha só, estou te esperando aqui no teatro para uma reunião de última hora, desculpa só ter avisado agora, mas estava bastante ocupado.

Reunião? — falou com comoção.

Ela sacudiu a cabeça não acreditando no que estava ouvindo.

— Ai Mauro, hoje estou indisposta.

— Não quero nem saber, estou esperando agora mesmo — disse ele em um tom de voz rude.

Helena desligou o telefone, cabisbaixa e foi ter com o seu pai que se encontrava no escritório lendo um jornal.

— Papai, o Mauro foi tão grosso ao telefone comigo, nem ao menos me deu os parabéns e ainda quer que eu vá para ao teatro, vai ter uma reunião e ele simplesmente esqueceu-se de me comunicar antes, mas eu não quero ir — disse encostada à porta, chateada.

— Vamos sim, você não pode faltar aos seus compromissos, anda logo.

Carlos combinou com Leticia, assim que eles saíssem ela ia atrás com Héltton e Heitor. Quando Helena chegou ao teatro achou estranho não ter ninguém, ela aproximou-se do palco, e como um passe de mágica as cortinas abriram-se deixando-a fascinada com o que via, tinha uma faixa grande com a seguinte frase:

Feliz aniversário Helena, nós te amamos.

Tinha vários balões coloridos, uma mesa com bolo e docinhos, ela ficou pasma, seus olhos ficaram deslumbrados ao ver todo aquele carinho e todos correram para abraçá-la e parabenizá-la por aquele dia especial, Mauro abraçou-a sorrindo.

— Me desculpa, por eu ter sido indelicado com você ao telefone, mas fazia parte da surpresa.

— Eu até estranhei tua frieza e comentei com o papai, mas ficou tudo lindo, adorei gente, muito obrigada pelo carinho de todos vocês.

Helena olhava para todos os lados à procura de William. De repente, ele apareceu caminhando bem devagar, ficando por trás dela segurando um buquê de rosas vermelhas, quando ela virou sem nem ao menos esperar, ele nem deu chance dela falar.

— Surpresa. Pensou que eu me tivesse esquecido? — disse William com os braços abertos. Helena abraçou-o bem forte.

— Nossa, eu estava tão triste, pensei que você tivesse esquecido do meu aniversário, nem me ligou. — Ele ergueu as sobrancelhas e deu de ombros.

— Eu sei, fiz de propósito, mas acredite estava morrendo por dentro, sabia que você estava pensando o pior de mim. — Helena assentiu com a cabeça.

— Estava mesmo, mas quando eu cheguei aqui e vi tudo isso... Gostei da surpresa, adorei, está tudo lindo e essas flores são as minhas preferidas. — William beijou de leve em seus lábios e todos foram cantar parabéns e partir o bolo.

Quando retornaram para casa, William e Helena ficaram sentados na varanda, era um lugar muito aconchegante, Leticia sempre colocava plantas no local, tinha uma mesa e um banco de madeira. Helena pôs o buquê de flores que William havia lhe dado em cima da mesa e sentou-se ao seu lado, ele pousou uma perna sobre a outra virando o rosto para olhá-la.

— Você é encantadora, eu te amo — disse passando a mão em seu rosto.

Helena sorriu.

— Eu também te amo.

William enfiou a mão no bolso tirando uma caixinha de joia e pôs na mão dela. Quando Helena abriu viu que era um colar com um pingente com um formato de coração, ela ficou encantada.

— Abre o pingente — disse ele.

Quando Helena fez o que William lhe pedira, deparou-se com uma foto dos dois.

— Como foi que você fez isso? — falou emocionada.

— Quando nós estávamos ensaiando eu pedi para o Mauro tirar a foto sem que você percebesse, é claro! Aí, eu mandei fazer esse presente pra você, você gostou?

— Eu amei, é a coisa mais linda William, você é especial pra mim. Eu nunca gostei de alguém como eu gosto de você, me sinto feliz, segura quando estou ao teu lado, nunca encontrei alguém assim e tenho certeza que jamais vou encontrar. — falava enquanto segurava sua mão.

— Eu também Helena, me sinto bastante feliz quando estou com você. — E beijou sua mão.

William beijou-a, abraçando-a fortemente e, deslizando suas mãos sobre seu rosto olhou-a fixamente, beijando levemente seus lábios.

— Eu te amo. — Ele repetiu não só uma vez, mas várias vezes.

E não parava de beijar Helena, adorava sentir seu cheiro, por isso a beijava com tanto desejo, Helena podia sentir sua respiração ofegante.

— Agora eu tenho que ir. — E afastou-se um pouco dela.

— Não. Fica mais um pouco. — Ela pediu e aconchegou-se outra vez a ele.

— Se eu pudesse ficaria o tempo todo ao teu lado. — Abraçou-a bem forte.

Então? — disse ela.

Ele sorriu.

Mas não posso. — E passou a mão mais uma vez em seu rosto.

Quando William levantou, Helena o abraçou beijando-o.

— Dessa maneira eu não consigo ir embora, é quase impossível, assim é covardia — dizia ele sorrindo dela, até que criou coragem para despedir-se. Boa noite, meu amor, mais uma vez feliz aniversário.

Boa noite, meu amor. Obrigada por tudo, te amo.

Quando chegou o final de semana, William foi até à casa de Helena buscá-la para irem dar uma volta. Eles passeavam de carro ouvindo música, conversando, rindo, cantando até que finalmente William arranhou lugar para estacionar o carro, depois foram caminhando lado a lado abraçados. De repente, ele parou de andar e ficou a observá-la.

— O que foi? — Ela pôs as mãos na cintura.

Ele puxou-a delicadamente para si, passou as mãos em volta do seu pescoço, ela colocou as mãos na sua cintura e ele abraçou-a bem forte.

— Não foi nada, só quero te abraçar — disse falando ao seu ouvido.

— Ah! Então tá bom. — Sorriu abraçando-o.

William sorriu aproximando o rosto ao de Helena e roçando a ponta do nariz no dela. Envolveu-a em seus braços. Seu corpo estava tão próximo ao dela que podia sentir a batida do seu coração, ele gentilmente acariciava as laterais

do seu pescoço enquanto a beijava, deslizando as mãos em seus cabelos macios. Helena tinha plena convicção de que não haveria outro lugar mais seguro que não fosse naqueles braços. William segurou seu rosto com as duas mãos e beijou-a, ele a olhou tão apaixonado que a fez fechar os olhos, perdida em seus próprios pensamentos, aquele sem dúvida seria o olhar mais lindo que já vira na vida. Aquela situação era nova para Helena, que nunca havia gostado e sentido desejo por alguém como estava sentindo por William. Ele pôs uma das mãos no ombro dela, e ela na cintura dele e saíram andando abraçadinhos pela calçada da avenida paulista, passaram-se alguns minutos passeando quando resolveram retornar para casa.

Quando chegaram à frente da casa de Helena, William desceu do carro abrindo a porta para ela descer e foi logo a abraçando passando as mãos em volta da cintura dela e beijando-a. Quando a beijava, deslizava suas mãos pelas costas dela, que por sua vez, passava as mãos em seus cabelos e deslizava os dedos para cima e para baixo no pescoço dele. William acariciava suas costas, e beijava-a com tanta intensidade que por um momento, Helena o afastou um pouco tentando recuperar a respiração, rapidamente passou as mãos em seus cabelos colocando-os por trás da orelha. William olhou para ela sorrindo.

— Acho melhor eu ir. — Pegou a mão dela levando até seus lábios e beijando.

— Acho que sim — disse ela baixando a cabeça, depois levantou para olhá-lo novamente.

William deu-lhe um beijo no rosto e entrou no carro. Dirigia tão lentamente, absorto em seus pensamentos, não parava de pensar em Helena e sorria sozinho, estava tão contente. Há tanto tempo não se sentia daquela maneira desde a sua ida para São Paulo, tantos problemas o afligiam e faziam ficar

triste, mas agora não, estava animado podia enfrentar o problema que fosse, e por um momento lembrou-se de sua ex-namorada Fernanda, nunca sentiu por ela o que estava sentindo por Helena, ela nunca o fizera sentir amado como Helena fazia. Tinha certeza que não sentia mais nada por ela e convicção que amava Helena com todas as suas forças. Ainda bem que Fernanda não o quis e deixou-o quando mais precisou dela, ainda bem que Helena o encontrou. “Helena, nunca vou deixá-la e vou amá-la para sempre”, pensava ele enquanto dirigia. William chegou ao seu apartamento, deitou-se na cama pegando um livro para ler, depois de alguns capítulos, apagou a luz e adormeceu.

Capítulo XVI

A apresentação para o musical havia sido marcada para o dia 28 de outubro, quinta-feira, o teatro contava com um cenário bem romântico com uma iluminação com tons quentes, tudo para receber o público em um ambiente apaixonante. Helena e William eram os protagonistas do musical, estavam tão nervosos e também muito confiantes, pois haviam se preparado bastante para esse grande momento. Helena estava excepcionalmente elegante, usava um vestido inovador com uma modelagem que valorizava seu corpo, um modelo romântico tomara que caia drapeado, em um tom azul turquesa, seus cabelos estavam presos e ela divinamente linda e totalmente romântica. William estava marcado pela elegância, vestia um terno escuro com uma camisa social e gravata, estava mais lindo do que nunca, sendo que tiveram que mudar de roupa umas três vezes conforme a história era contada. Eles cantavam divinamente, faziam um par perfeito. Tudo ocorreu muito bem, a apresentação foi um grande sucesso, o público ficou de pé para aplaudir o grupo. Ao sentir aqueles aplausos calorosos, William teve a certeza que estava no caminho certo, quando terminou a apresentação teve uma grande surpresa, sem nem esperar viu sua mãe correndo para abraçá-lo. Marcela estava tão emocionada e orgulhosa ao ver que o filho era um ótimo ator e que cantava perfeitamente, ela não parava de beijá-lo. Nesse momento, Helena aproximou-se dos dois, William passou os braços em volta da cintura dela e olhou-a com carinho.

— Olha mamãe, essa é minha namorada Helena.

— É um prazer conhecê-la Helena, me chamo Marcela. Você é linda e canta habilmente — disse Marcela com um sorriso amigável estendendo a mão para ela.

— Obrigada dona Marcela, o prazer foi meu em ter conhecido a mãe do

William, ele fala muito da senhora, e agora eu vejo a quem ele puxou tão bonito.

— Obrigada pela sua gentileza, agora entendo porque o meu filho está apaixonado por você, você é muito educada, adorei conhecer-te. — Marcela tocou no ombro de Helena sorrindo.

— Igualmente, a senhora é muito gentil.

— Vamos sair para jantar e comemorar esse grande sucesso? Você aceita ir conosco, Helena? — falou Marcela segurando o braço do filho.

— Obrigada pelo convite, mas eu acho melhor vocês irem a sós para conversarem mais à vontade, assim William pode matar um pouco da saudade que está sentido da senhora. Eu também vou sair com os meus pais pra jantar, mas muito obrigada pelo convite. Adorei conhecê-la.

Helena abraçou William dando um beijo em seu rosto e saiu.

Marcela e William foram para um restaurante bem tranquilo, ele sentou-se de frente para a mãe, segurando sua mão. Mesmo com a apresentação a ter um grande sucesso, Marcela pôde perceber uma tristeza nos olhos do filho, o modo que ele olhava para ela, mostrava-lhe que alguma coisa o deixava aborrecido.

— Eu estou muito sentindo por estar longe do papai e da Wanessa, não sabe o quanto desejei que eles estivessem aqui pra me ver, não queria que fosse assim, sinto falta deles — disse William baixando a cabeça.

— Meu filho tenha paciência, você sabe como seu pai é. — E com a mão acariciou-o.

— Eu sei, será que um dia ele vai me perdoar? — Ele olhou com ternura para

a mãe.

— Claro meu filho, ele te ama e sente sua falta, só não quer admitir, mas está morrendo de saudade de você. Agora, me fala dessa menina, ela é bastante linda e a voz dela é encantadora, você a ama?

— Sim, Helena é maravilhosa, dedicada, corre atrás de tudo, não espera por ninguém e pensar que já passou por tantas dificuldades quando ainda era criança. Quando eu lhe contar, a senhora não vai acreditar, ela é tão forte, otimista, sempre vê um lado bom em tudo, nunca está triste. Por mais que tenha um problema sempre passa por cima e tenta resolver da melhor maneira possível, essa é a mulher que eu quero para o resto da minha vida.

— Oh! Você ainda é tão jovem pra pensar assim. — E beijou a mão dele, depois sorriu dando leves tapinhas em sua mão.

Quando terminaram de jantar saíram para passear um pouco, em seguida foram para o apartamento, Marcela ficou todo o final de semana com o filho. No dia da sua partida, William acompanhou-a até o carro, já sentia saudades dela, mesmo com aquele pesar não havia coragem de largar a vida que tinha para voltar a viver a vida imposta pelo seu pai.

— Tchau meu amor, fica bem e não se preocupe com nada — disse Marcela encostando-se à porta do carro.

— Tudo bem, eu te amo mãe. — E abraçou a mãe.

— Eu vou sempre estar ao seu lado, meu filho e não tenho dúvidas que você vai fazer muito sucesso na sua carreira, seja feliz, agora tenho que ir. — Ele a beijou e abraçou-a fortemente.

— Muito obrigado por ter vindo e me apoiar, a sua presença foi bastante importante pra mim.

Eu sei, meu filho, te amo.

Capítulo XVII

Em uma manhã ensolarada, William foi até casa de Helena e convidou-a para um passeio, sentia-se animado. Depois daquela apresentação maravilhosa que não deixou a menor dúvida que estivesse fazendo a coisa certa, agora merecia uns dias de descanso ao lado de Helena.

— Você sempre me faz surpresas, hoje é a minha vez de te fazer uma, vou te levar em um dos meus lugares preferidos.

Hum! Você tem um lugar preferido? — falava Helena enquanto beijava seu rosto.

Sim, e você vai já conhecer — respondeu ele e abraçou-a.

— Qual?

— Você vai já saber. — E beijou sua testa.

William abriu a porta do carro para Helena e deu a volta entrando. William não disse onde estava levando-a. Minutos depois chegaram ao Parque Ibirapuera. William estacionou o carro segurando o volante com as duas mãos e virou o rosto para Helena.

— Esse é o meu lugar preferido. — E sorriu para ela.

William segurou a mão de Helena e levou-a até uma árvore bem alta, seus galhos davam bastante sombra ao lugar e em frente havia uma lagoa com vários patos embelezando a paisagem. Ele sentou-se embaixo da árvore com Helena ao seu lado, o céu estava reluzente, pássaros voavam pelo local, aquele lugar transmitia uma sensação de paz. O parque era todo cercado por espaços verdes e com muitas árvores ao redor, Helena ficou ainda mais apaixonada por ele ao ver sua sensibilidade.

— Faz tanto tempo que eu não venho aqui. Quando eu era mais nova sempre vinha com meus pais, agora nós quase não temos tempo pra nada. Adorei a surpresa, esse lugar é maravilhoso, como foi que você veio parar aqui?

— Quando eu ainda não te conhecia e não tinha ninguém para conversar ficava andando de carro. Em uma dessas voltas que eu dava, acabei vindo parar aqui.

— É lindo mesmo, meu amor, é tão calmo, tranquilo. — E abraçou-o.

Os dois deitaram embaixo da árvore, calados. William acariciava o rosto de Helena. O céu naquele dia amanhecera tão azul que brilhava. Eles permaneceram por algumas horas lá no parque só contemplando aquela perfeição. William levantou-se e sentou encostado na árvore com Helena de costas para ele, tão próxima que podia sentir o cheiro dos seus cabelos, ele entrelaçou sua mão na dela. “Esse lugar é tranquilo e perfeito, é definitivamente um cenário romântico. A lagoa reflete a luz do sol, o ar parece mais puro, tudo conspira ao meu favor, e estar aqui ao lado de quem amo é simplesmente um sonho”, Helena sorriu ao pensar assim.

— Por que você está sorrindo? — perguntou ele olhando para ela.

Helena levantou sentando-se ao seu lado e encostando a cabeça em seu peito.

— O que foi? — E deu-lhe um beijo em sua cabeça.

— Nada, eu só estou feliz, William. Só isso e estou pensando como se parece com um cenário romântico e como é bom estar aqui com você — falou com a cabeça baixa.

Ele segurou em seu queixo fazendo-a olhar para ele e dando um beijo em seus lábios.

— Eu te amo e se existe alguém feliz por estar aqui com você, esse alguém sou eu. — Helena passou a mão em seu rosto voltando a abraçá-lo.

Capítulo XVIII

Passado algumas semanas, Leticia estava no quarto de Helena arrumando a cama da filha e Helena começou a andar de um lado para outro até que parou ficando em pé na porta. Leticia parou um pouco e olhou para ela intrigada com o nervosismo da filha.

— Está tudo bem, Helena? Estou te achando estranha, aconteceu alguma coisa? — disse Leticia colocando os travesseiros na cama.

— Sim. — Helena mexia os cabelos, impaciente.

— Vem cá, filha. Senta aqui. — Leticia sentou-se na cama batendo ao lado, para a filha se sentar perto dela.

Helena fez o que lhe era pedido e segurou a mão da mãe.

— Mamãe?

— Sim filha, o que foi? — Leticia olhou-a fixamente.

— Eu tenho pensado muito no meu pai Elvis, tenho vontade de vê-lo, saber como ele está. Só gostaria de ver se ele está bem, saber se ainda está vivo, entender o que aconteceu com a outra parte da minha história, não consigo simplesmente fingir que ele não existe, uma parte de mim quer saber.

Leticia levou um susto ao ouvir aquelas palavras e ergueu uma sobrancelha, pasma.

— O quê? — Olhou para ela, desorientada. — Por que isso agora, minha filha?

— Não sei, só queria saber o que aconteceu com ele. — E baixou a cabeça. Depois continuou a suplicar — Vamos lá, vamos ver se ainda está vivo, ver o

que aconteceu com ele.

— Não filha, pode ser perigoso — discordou olhando-a fixamente e balançando a cabeça.

— A senhora me deixa ir com o papai?

O quê?

Tenho certeza que ele irá comigo se eu pedir.

Leticia balançou a cabeça preocupada com a atitude de Helena.

— Vou primeiro conversar com ele, dependendo do que me disser deixo você ir.

Obrigada mãe. — E abraçou-a.

Helena nem esperou Leticia ir falar com Carlos, foi correndo ao encontro dele, que estava no escritório sentado em uma poltrona lendo um jornal, muito concentrado nas notícias que lia. Helena entrou e ficou de pé na porta sem ele perceber, pigarreou fazendo-o levantar a cabeça para olhá-la.

— Você quer alguma coisa, minha querida? — Fechou o jornal, pondo em cima da mesa.

— Papai, queria lhe fazer um pedido muito importante e delicado também. — Carlos levantou-se da poltrona sentando-se no sofá. Este tinha mais espaço para duas pessoas, deu duas batidas para ela sentar ao seu lado.

— Delicado? Pode pedir então — disse segurando sua mão.

— Você pode me acompanhar até a casa do meu pai Elvis, queria demais saber como ele está, você aceita, por favor? — Carlos franziu a testa sem acreditar no que estava ouvindo.

— Mas que história é essa, mocinha? Sua mãe está sabendo disso?

— Sim. Ela vem conversar com o senhor pra ver se você aceita ir comigo.

— Ah sim?! Pois primeiro vou sentar com ela e saber o que ela acha disso tudo, aí depois a gente resolve. — Olhou sério para Helena.

Carlos saiu do escritório para ir ter com Leticia que estava em seu quarto em pé, perdida nos próprios pensamentos, reviver tudo aquilo novamente fazia sentir-se aborrecida, mas tinha uma parcela de culpa no que Helena estava querendo fazer. Se ela não tivesse comentado a respeito de Elvis, tivesse permanecido calada como sempre durante todos esses anos, nada disso estaria acontecendo. Fechou os olhos e de repente foi surpreendida por alguém pousando a mão em seu ombro.

— Você viu como a Helena está interessada para ir atrás do Elvis? — disse Carlos inclinando-se no parapeito.

— Sim. Estou preocupada, já imaginou se ele estiver vivo, deve estar morrendo de raiva da gente, principalmente de mim. Estou com medo, agora enquanto eu não a deixar ir não vai parar de me perturbar, você sabe como a Helena é, quando coloca uma coisa na cabeça só se aquieta quando resolve. — E cruzou os braços.

— Eu sei. Mas se você quiser eu irei com ela, afinal de contas ela tem todo direito de vê-lo. — Ele abraçou-a.

— Eu sei, mas tenho pavor de pensar nisso.

— Não se preocupe, eu irei com ela e tudo vai dar certo, irei protegê-la porque ela é minha filha e é isso que os pais fazem.

— Eu confio em você e é só por isso que vou deixá-la ir. — Ela abraçou-o

fortemente.

— Agora eu vou lá conversar com ela — disse Leticia indo em direção da porta.

Helena estava no seu quarto, deitada na cama, quando Leticia entrou sentando-se ao seu lado e suspirando.

— Helena, eu vou deixá-la viajar com o Carlos para irem atrás do Elvis. Você sabe o motivo que me levou a criar vocês longe dele, não sabe?

— Eu sei e não a culpo por isso, pelo contrário, tenho orgulho da senhora por nos ter protegido.

— Eu sei, querida. Eu te amo tanto, não suportaria se alguma coisa acontecesse a você. — E passou a mão no seu rosto.

— Não se preocupe, tudo vai dar certo. — Helena segurou a mão da mãe beijando-a.

— Tenha cuidado filha, é triste eu ter de pedir isso, por ele ser teu pai, mas ele não estava bem, então não sei como deve estar agora.

— Eu te amo mãe, sei que a senhora está amedrontada, mas eu preciso vê-lo, sinto isso, entende?

— Claro minha filha, ele é teu pai é normal o que você está sentindo. Vai lá, espero que ele te trate bem, não quero que você se decepcione novamente, por isso não espere muito dele.

— Eu sei, não sou mais aquela garotinha de oito anos que se assustava com os gritos dele, agora estou preparada para qualquer coisa.

— Te amo, minha vida — disse Leticia carinhosamente e beijou a filha outra

vez.

— Obrigada mãe, isso é bastante importante pra mim.

— Eu sei, minha filha, mas tenha cuidado. Você sabe como foi que nós saímos de lá, seu pai não sabia, por isso deve estar com muita raiva, tenha cautela.

— Terei, não se preocupe.

Quando Leticia saiu do quarto, Helena pegou o telefone e ligou para o William.

— Alô.

Oi meu amor, tenho uma novidade para te contar. — E deitou na cama.

— O que foi?

— Eu vou atrás do meu pai Elvis — disse entusiasmada.

— O quê? Com quem você vai? — William estranhou.

— Com o papai, estou indo amanhã. Quando retornar, te aviso como foi.

— Tudo bem, meu amor, tenha cuidado, você sabe que eu te amo, não sabe?

— Sim, eu também te amo.

— Então se cuida, qualquer coisa me liga, não importa a hora, você sabe que pode contar comigo sempre.

— Que bom ouvir isso de você, pode deixar, tenho que desligar.

— Tudo bem.

— Um beijo.

— Outro, boa viagem meu amor.

No dia seguinte, logo ao nascer do sol, Carlos e Helena seguiram viagem. Leticia havia dado toda a descrição da antiga casa dela para Carlos, pois presumia que Elvis ainda poderia morar lá. Ao chegarem a Santos, Helena foi lembrando-se de algumas coisas, já que não havia mudado muito. Carlos foi ao endereço dado por Leticia. Quando chegou ao cortiço, Helena sentiu-se emocionada e Carlos segurou sua mão apertando-a. Ela desceu do carro ficando em pé encostada à porta do mesmo com os braços cruzados, por um momento seus olhos encheram-se de lágrimas. Carlos aproximou-se da filha colocando a mão no seu ombro, e pôde ver a desilusão estampada nos olhos dela.

Não precisa fazer isso se não quiser, minha querida.

Eu sei, mas preciso, está tudo bem pai. — E deu-lhe um olhar triste.

Helena entrou no cortiço caminhando devagar procurando a casa, quando finalmente a encontrou parou ficando de frente para ela e olhou para Carlos, a casa estava do mesmo jeito de quando havia ido embora. Carlos a olhou encorajando-a a bater na porta, ela aproximou-se e deu duas batidas fortes, a porta encontrava-se apenas encostada.

— Pode entrar, a porta está aberta — disse Elvis com uma voz fraca, ele estava bastante doente, magro e pálido.

Quando Helena entrou, Elvis estava deitado em uma rede, a casa completamente arruinada, não havia nada lá dentro a não ser aquela rede onde ele se encontrava, Elvis olhou para ela, mas não reconheceu a filha.

— O que você deseja? — Fez uma força para sentar-se.

— Não está me reconhecendo? — falou Helena inclinando-se para frente.

— Não. Como você se chama?

— Helena — disse cruzando os braços.

E no mesmo instante ela começou a chorar.

— Pai, sou sua filha Helena, ainda se lembra de mim? — Levou a mão ao rosto para enxugar as lágrimas.

Elvis começou a chorar, chorava tanto que nem conseguia falar, levantou-se da rede cambaleando, para abraçá-la.

— Perdoa-me filha, por favor, onde está sua mãe e seus irmãos,? Quero vê-los. — E segurou a mão dela.

— Eles não vieram, eu vim com o meu pai. — E olhou para o Carlos que estava perto da porta.

— Teu pai? — Ele arregalou os olhos e virou-se para o ver.

— Sim. Esse homem que está em pé aí perto da porta, ele se chama Carlos — falou e apontou na direção dele.

— Meu Deus! Eu sofri tanto, até hoje não tenho paz, preciso pedir perdão para sua mãe e seus irmãos para poder morrer em paz, me diz o que foi que aconteceu com vocês, eu imaginava que estavam todos mortos e me dava uma aflição, me diz filha, cadê sua mãe? E por que você chamou esse homem de pai?

Carlos olhava fixamente para Elvis, até que se aproximou estendendo a mão para ele.

— Oi Elvis, meu nome é Carlos, sou esposo da Leticia e juntamente com ela criei seus filhos, os amo como se fossem meus, por isso Helena me chamou

de pai. — Carlos colocou a mão no ombro de Elvis e sorriu amigavelmente.

— Leticia casou? — Elvis virou para olhar para Helena.

— Sim. Estamos casados há oito anos. — Elvis aproximou-se de Carlos.

— Você é o pai dos meus filhos? Deve ter sido um bom pai para eles, você com certeza merece ser chamado assim, porque eu só lhes causei mal.

Quando terminou de falar desmaiou, Helena ficou nervosa e aflita, meteu a mão dentro da bolsa tirando o celular, imediatamente chamou uma ambulância, alguns minutos depois a ambulância chegou parando em frente ao cortiço e uma multidão de pessoas apareceu de repente. Os enfermeiros entraram com uma maca, deitaram Elvis nela e levaram às pressas para o hospital, Helena e Carlos foram atrás. Elvis precisou ser internado, foi colocado em um quarto com mais cinco pessoas, a enfermeira aplicou-lhe um soro na veia, estava bastante fraco e debilitado, tinha dificuldades para respirar. Helena não saiu do lado dele e não largava sua mão, Carlos sentou-se em uma cadeira ao lado dela, e depois de um bom tempo foi conversar com o médico que havia atendido Elvis.

— Bom dia. O senhor é o médico que atendeu esse paciente que acabou de dar entrada aqui no hospital? Pode me informar como é o estado de saúde dele? — E colocou a mão no bolso.

— O Elvis? — disse o médico.

— Sim. — Carlos franziu a testa.

— Ele é bastante conhecido nosso, vive passando mal e as pessoas o ajudam e trazem-no aqui. Pois bem, vocês não devem estar sabendo, mas o Elvis sofre de uma doença chamada cirrose hepática. É uma doença crônica que destrói as células hepáticas, ela costuma ser considerada uma doença de

alcoólatras, a possibilidade de o álcool causar cirrose depende do tempo de uso da pessoa, como nós ficamos sabendo que o Elvis bebe desde muito jovem e como ele está em uma fase mais avançada da doença, o fígado dele apresenta um endurecimento e também um aumento de tamanho. Ele está bastante desnutrido e apresenta frequentemente hemorragias — explicou o médico.

— Tem cura, doutor?

— Não há cura específica, o certo seria se afastar do álcool assim que se descobre a doença, mas nem todo paciente consegue e isso de fato aconteceu com Elvis, ele já sabia disso e não conseguiu parar de beber. Foi oferecida ajuda, de todas as formas, mas ele recusou sempre, então eu sinto lhe informar, mas vocês têm que se preparar para o pior. — O médico colocou a mão no ombro de Carlos e saiu.

Carlos foi conversar com Helena, contou-lhe tudo que o médico havia lhe dito, ela saiu por um momento do quarto indo ligar para sua mãe, segurou o celular, respirou fundo passando as mãos sobre os cabelos e andando de um lado para outro na frente do hospital.

— Alô! Mãe?

Oi filha, aconteceu alguma coisa? Você encontrou o Elvis? — questionou Leticia aflita.

Sim. Mas ele está morrendo mãe e quer vê-la, a senhora poderia vir até aqui e trazer os meninos também? Por favor.

— Como assim, Helena?

— Depois eu lhe explico, mas a senhora tem que vir agora.

— Tudo bem filha, eu vou — falou com a voz embargada.

Elvis virou de lado na cama para olhar melhor para a filha e poder fazer-lhe um pedido.

— Helena, pede para sua mãe vir me ver e que ela traga seus irmãos para eu pedir perdão e morrer em paz.

Helena segurou a mão dele, com um olhar triste nos olhos.

— Eu já liguei, não se preocupe pai, ela já está vindo e os meninos também.

Leticia chamou Heitor e Héltou para conversar, não sabia como contar-lhes que seu pai estava morrendo e que gostaria de vê-los, não seria fácil ter aquela conversa, sentia medo da reação deles, pois há tempo não tocavam no nome de Elvis. Como explicar depois de anos que Helena saiu à sua procura? Quando eles entraram na sala, Leticia pediu que sentassem no sofá. Os dois entreolharam-se percebendo que alguma coisa estava acontecendo, e pela cara de sua mãe não era nada bom, pois esta encontrava-se tensa e nervosa. Leticia sentou-se no sofá ficando de frente para eles, apertou uma mão na outra, respirando fundo e pôs-se a narrar os fatos, contou tudo que Helena havia falado sobre Elvis, Heitor foi até compreensivo e aceitou viajar, mas Héltou não foi nem um pouco complacente.

— Eu não vou, não quero ir. — Virou o rosto contrariado.

— Meu filho, ele é teu pai. — Leticia inclinou-se para segurar sua mão.

— Não mãe. O meu pai chama-se Carlos, esse homem não é nada pra mim.

— Meu filho, não fale isso, fico triste ao ouvir essas palavras, ele nos fez mal sim, mas é seu pai, não podemos fazer isso com ele.

— E ele podia fazer o que fez com a gente? — E olhou para a mãe sério.

— Ele estava doente, meu filho, não sabia o que estava fazendo, por favor, não quero que você tenha raiva do seu pai, essa pode ser a última vez que nós vamos vê-lo. Ele quer pedir perdão e nós devemos perdoá-lo.

Hélton baixou a cabeça e Heitor colocou a mão em volta do seu ombro.

— Vamos lá! Não se preocupe, ele não vai nos fazer mal, eu jamais aceitaria uma coisa dessas. Vamos, o papai e a Helena também estão lá, vai dar tudo certo.

Hélton encostou a cabeça no sofá suspirando.

— Tudo bem, eu vou. — E revirou os olhos. Leticia deu um beijo no rosto de cada um sorrindo.

Leticia levantou do sofá e preparou as coisas para a viagem, Heitor e Hélton permaneceram juntos sentados ao sofá, este último baixou a cabeça balançando.

Não quero ir Heitor, não estou preparado para vê-lo.

Do que você tem medo, Hélton?

Não tenho medo, é que quando fecho meus olhos vejo ele chegando a casa bêbado, gritando e quebrando as coisas. Sinto raiva, não consigo sentir pena.

Mas já passou tanto tempo e ele agora está doente, de verdade Hélton eu não sinto amor por ele, mas pelo fato de ser nosso pai devemos isso a ele, precisamos vê-lo e perdoá-lo.

Nós não temos culpa de nada, ele que procurou isso, escolheu viver sozinho e perdeu a gente por culpa própria. Nos maltratava porque queria, Heitor. Lembra quando era no dia seguinte, ele agia como se nada tivesse acontecido? Ele via como nós tínhamos medo dele, e quando saía, voltava

bêbado e tornava a fazer tudo de novo. — Héltton fechou os olhos e sentiu as lágrimas molharem o seu rosto.

Acalme Héltton, ninguém está nos culpando, pelo contrário, ele tanto viu o mal que nos causou que se arrependeu, por isso quer o nosso perdão.

Não consigo.

É claro que consegue, por favor, já passou.

Eu sei que já passou, nunca penso nele nem por um minuto na minha vida e agora a mamãe chega com essa conversa que temos de ir vê-lo, não sei se vou conseguir.

Vai dar tudo certo. — E colocou a mão no ombro do irmão.

Eles prepararam-se e seguiram viagem, Leticia notou que seus filhos não estavam bem, pois foram todo o caminho calados. Para ela, aquela situação não estava sendo nada agradável, imagina para eles, mas precisavam fazer aquilo, era a coisa certa a fazer. Quando Leticia chegou ao hospital, Carlos já estava à sua espera do lado de fora. Estacionou o carro ficando sentada lá dentro sem conseguir abrir a porta, Carlos aproximou-se, abriu-a e segurou a mão dela. Depois de Leticia descer do carro, ele abraçou-a, em seguida saíram, suas passadas pareciam não ter som, sentiu suas mãos trêmulas. Quando por fim chegaram ao quarto que Elvis se encontrava, Carlos e os meninos entraram, Leticia ficou em pé na porta olhando para aquele homem tão decadente e sentiu pena dele, Elvis com muita luta conseguiu levantar a cabeça para olhá-la para se certificar que ela estava realmente ali.

— Leticia, se aproxime não vou te fazer mal. Quanto tempo, você está tão diferente. Eu sinto tanto por ter feito você sofrer, e pensar que eu prometi que iria fazer você feliz e só te fiz mal e aos nossos filhos, magoei-os tanto, não

agi como pai. Fui fraco e acabei com a minha vida, quase destruindo a de vocês. Graças a Deus que você foi corajosa e foi embora, e criando-os bem longe de mim. — Ela aproximou-se da cama ficando ao lado dele.

— Não estou com medo de você, acalma-se Elvis. Não fale tanto, assim você está ficando sem ar, quando você melhorar, vamos conversar. — E segurou sua mão.

— Eu não vou melhorar, Leticia, estou morrendo, tenho que falar agora porque é a única chance que tenho de pedir perdão pra vocês, Leticia apesar de todo mal que eu te causei queria que você acreditasse que eu te amei, você acredita em mim?

— Sim, Elvis eu acredito.

— Então você pode me perdoar por eu ter fracassado com você e com os nossos filhos?

— Sim. Eu te perdoo, você é o pai dos meus filhos e me deu três filhos maravilhosos.

— Vem cá, Heitor. Você já é um homem. — E estendeu a mão para ele.

Hélton não saía do lado de Carlos, que tinha a mão no ombro dele.

— Me perdoa, meu filho. Eu nunca me esqueci de você, Helena e Hélton. Meus filhos, eu amo todos vocês, me perdoem mais uma vez, se eu não tivesse sido tão fraco teríamos sido uma família linda, por isso eu mereci passar o resto dos meus dias sozinho, eu procurei isso, Leticia você foi a única mulher que eu amei em toda minha vida.

Ele beijou o rosto de Heitor e depois o de Helena, chamou Hélton para se aproximar dele, o garoto permaneceu distante, só olhando-o. Carlos falou

bem baixinho ao seu ouvido:

— Vai lá, está tudo bem, pode confiar em mim.

Ele olhou na direção de Elvis, e aproximou-se lentamente. Este beijou-o no rosto e depois beijou a mão de Leticia que sentiu a mão dele enfraquecendo, minutos depois Elvis morreu e Helena pôde ver uma lágrima cair de seus olhos antes de ocorrer.

A vizinha que ajudou Leticia a fugir de Elvis compareceu ao hospital e aproximou-se dela.

— Leticia, como você está? — falou ao mesmo tempo em que estendia a mão para segurar a dela.

— Estou bem, dona Fabiana, quanto tempo. — E abraçou-a.

— É verdade, quanta coisa boa aconteceu na sua vida depois que você criou coragem e saiu daqui.

— Sim, só tenho que agradecer a você e dona Ana por terem me ajudado, ela foi como uma mãe pra mim. Até hoje sinto sua falta, nem parece que ela não está mais entre nós.

— Eu sei Leticia, minha tia era muito especial, gostava de ajudar as pessoas e sei o quanto você deve estar sentindo sua falta, você esteve ao lado dela e cuidou como se fosse sua mãe até os últimos dias de sua vida, sei o quanto você a amava.

— Sim, dona Fabiana, amei-a muito e só retribui o carinho que ela teve por mim e pelos meus filhos. Se não fosse por vocês, eu não saberia o que tinha acontecido com minha vida e a dos meus filhos, olhando hoje para a situação que Elvis se encontrava. Dona Fabiana quero que você conheça uma pessoa

com que Deus me presenteou, vem cá deixa eu te apresentar meu esposo e vem falar com os meus filhos. Olha como eles cresceram — disse animada segurando a mão dela.

Dona Fabiana foi apresentada para Carlos e elogiou cada um de seus filhos, depois chamou Leticia em um canto mais reservado para conversarem a sós. Leticia olhava-a atentamente.

— Quando Elvis percebeu que vocês não iriam mais voltar, ficou desesperado procurando por vocês, todos os dias tocava no seu nome e dos meninos, com certeza esse pedido de perdão foi verdadeiro porque ele dizia que só iria morrer quando visse vocês. Eu falava para ele esquecer e ele dizia que não, porque sabia que um dia isso ainda aconteceria e olha só vocês vieram e ele morreu em paz. Apesar de tudo que ele fez, vocês o perdoaram, fico muito feliz por terem vindo, ele sofreu bastante, pagou todo o sofrimento que causou a vocês. Você é uma pessoa bondosa, tem um coração puro, por isso foi abençoada com um marido que te ama de verdade e uns filhos maravilhosos, desejo tudo de bom pra você Leticia. — Leticia abraçou-a.

— Obrigada dona Fabiana, gosto muito da senhora, obrigada por tudo que você fez por mim.

Carlos preparou tudo para o velório de Elvis que seria realizado no dia seguinte à tarde. Antes de ir embora, Helena foi até o projeto onde estudou quando era criança, procurar por sua professora Vanda, queria agradecer-lhe por tudo que havia feito por sua família. Ao chegar lá, Helena parou em frente ao portão, antes de entrar permaneceu em pé olhando. Nesse instante lembrou-se da época que estudou ali, apesar do sofrimento que viveu naquele lugar ela foi deveras feliz. Quando entrou percebeu que apenas algumas coisas haviam mudado, somente as cores das paredes que haviam sido trocadas. Helena entrou e viu a professora Vanda sentada em uma sala de

aula com a cabeça baixa escrevendo, ela aproximou-se ficando em pé na porta, bateu palmas à professora, que levantou a cabeça, mas não a reconheceu. Porém, Helena caminhou até ela ficando em pé à sua frente.

— Pois não. Posso lhe ajudar? — disse a professora levantando-se.

— Sim. A senhora não está me reconhecendo? — E sorriu com carinho.

A professora reconheceu aquele sorriso, Helena aproximou dando-lhe um abraço e as duas foram sentar-se nas cadeiras que ficavam no pátio, uma de frente para a outra, Vanda segurou sua mão.

— Nossa, como você está linda, não estava te reconhecendo, me fala o que está fazendo por aqui?

— Eu vim procurar pelo meu pai Elvis, ele estava doente e faleceu ontem à tarde, minha mãe e meus irmãos também estão aqui.

— Helena, eu sinto muito. — E apertou sua mão.

— Tudo bem! — Ela olhou-a com um sorriso triste.

— E como você está? Fala-me, o que foi que aconteceu com vocês?

— Ah, professora! Tantas coisas maravilhosas aconteceram nas nossas vidas, eu sou pianista e também atriz, Heitor está cursando medicina e Héltton quer ser arquiteto. Minha mãe casou com um concertista chamado Carlos, ele nos criou e cuidou muito bem da gente, nos cercou de amor e de carinho que era o que estava faltando nas nossas vidas e eu vim aqui para dizer que nunca me esqueci do que a senhora fez pela minha família, obrigada.

A professora Vanda emocionou-se bastante com as palavras de Helena e beijou sua mão.

— Como estou contente por vocês, torci tanto para que ficassem bem e vejo que estão.

Vanda a abraçou dando-lhe um beijo no rosto, Helena agradeceu novamente e despediu-se dela. No final do dia retornou para casa juntamente com sua família.

Helena teve um abalo emocional bem forte, quando lembrou de como teria sido sua vida se tivesse crescido ao lado de Elvis, vê-lo daquela maneira, fez com que sentisse pena dele. Não deve ter sido fácil viver tanto tempo sozinho, mas estar perto dele outra vez depois de tanto anos, fez com que Helena tivesse uma sensação de instabilidade. Apesar do sofrimento que causou a sua família, o medo e o trauma, ela não conseguia sentir raiva naquele momento e sabia que o amava acima de tudo. Foram épocas de terror, cada dia era uma luta quando o via chegar bêbado em casa, o desespero que sentia ao vê-lo gritar e quebrar tudo dentro de casa, nunca pôde esquecer os olhos de pânico que Héltton fazia todas as vezes que ele chegava à casa bêbado, logo ele que era tão pequeno e precisava de alguém para protegê-lo. Nunca soube o que era um carinho de um pai, ela não julgava a atitude do irmão em não querer vê-lo nem falar com ele. Héltton de certa forma foi o mais prejudicado, pois ela e Heitor ainda viveram momentos felizes ao lado do pai. Sua mãe sim era uma verdadeira guerreira e de um coração sem igual, apesar da vida sofrida que teve desde criança, não se transformou em uma pessoa amargurada e sim em uma pessoa esperançosa. Acreditava no bom coração das pessoas e por isso foi capaz de estar ao lado do ex-marido o qual lhe havia causado o pior sofrimento, mesmo assim ela perdoou-o, seus olhos falaram isso e a firmeza com que segurou sua mão deu a certeza que Elvis tanto esperava, ele foi uma vítima do vício horrível que destrói tantas famílias, ele não soube lutar e ser forte, e

com um ato fraco, perdeu tudo. Por muito pouco não destruiu sua família, não sabia ao certo como fez para sobreviver por tanto tempo, mas uma coisa ela pôde ver, que não foi fácil para ele perder o melhor de sua vida. Ver tudo que conquistou, mulher, filhos e ver-se sozinho dentro de uma casa, se é que se pode chamar aquilo de casa. Não, com certeza ele foi o que mais sofreu com essa perda, pois Deus olhou para nós e colocou uma pessoa para cuidar e proteger-nos, o meu pai Carlos. Helena sempre ouviu dizer que “a esperança é a última que morre”, e ela viu isso de fato acontecer, Carlos não tinha a menor esperança de ter filhos, logo ele tão amoroso. Na vida teve um único relacionamento sério e sonhou estar casado e com filhos ao lado dessa mulher que sempre o amou desde sua juventude, quando a viu dançar e cantar todas as músicas que seu pai cantava em cima de um palco em um barzinho, ele apaixonou-se por ela assim que seus olhos a viram e quando a beijou pela primeira vez sabia que não poderia ser feliz ao lado de uma mulher que não fosse ela, mas a decepção e o desapontamento que ela o causou fez com que aquele sentimento desaparecesse pouco a pouco do seu coração, não foi fácil perdê-la, mas aprendeu a viver sem ela. E quando, sem esperar, o amor bateu novamente em sua porta e veio carregado de quem precisava de afeto, carinho, e tudo que um dia ele pensava que não fosse fazer parte de sua vida que era ter filhos, veja só agora, era pai de três crianças que o cercaram de atenção.

Quando Helena falava para William que quando uma coisa ruim acontecia, uma coisa boa vinha em seguida, ela tinha convicção disso, dado que tanta coisa ruim passou na vida e agora era tudo tão diferente.

Quando Helena chegou de viagem ligou imediatamente para William pedindo que ele fosse vê-la, ele logo percebeu em sua voz que ela não estava bem,

então não demorou muito a chegar a sua casa. Helena estava em seu quarto deitada na cama, abraçada ao travesseiro, com uma fisionomia melancólica, quando William entrou caminhou em sua direção sentando-se na cama ao seu lado e abraçou-a.

— Está tudo bem? — falou inclinando-se para beijar-lhe a testa.

— Sim. Mas foi tão triste ver o meu pai naquela situação, sem ter nada, doente e sozinho, dentro de uma casa, ainda bem que eu cheguei a tempo. Meu coração doeu ao vê-lo daquele jeito, foi tão estranho, mas agora eu me sinto melhor, estava tão sufocada, queria tanto saber como ele estava e agora nunca mais vou vê-lo, que coisa triste. — Ele abraçou-a e ela começou a chorar.

— Ei. Não fique assim, pelo menos você o viu e ele pôde ter vocês ao lado dele, agora não chore. — E começou a enxugar as lágrimas que caíam em seu rosto e a beijá-la.

— Ainda bem que tenho você, eu te amo, me promete que nunca vai me deixar — dizia Helena abraçando-o.

— Eu prometo, mas você também tem que prometer que nunca vai me deixar. — E passou a mão no seu rosto.

— Eu prometo, William e seremos ainda mais felizes do que já somos. — E colocou a cabeça no seu peito.

— Claro meu amor e o que tiver ao meu alcance para fazê-la se sentir bem, eu vou fazer. — E deslizava as mãos nos seus cabelos.

Passadas algumas horas sentado na cama com Helena, ela virou-se colocando a cabeça em suas pernas e ele acariciava seu rosto. Helena olhou-o seriamente pensando em como tocar em um assunto bastante delicado para

ele.

— Meu amor, você deveria procurar seu pai e abrir seu coração para ele, vai lá, fala pra ele que você o ama e que não quer ficar brigado com ele, que sente sua falta.

— É o que eu mais quero, voltar a ser como antes com o meu pai, há dias eu tenho pensado nisso e acho que vou pelo menos tentar, mas primeiro tenho que ligar para minha mãe e ver o que ela acha, agora eu tenho que ir, você está melhor?

— Sim. Quando estou com você não tem como me sentir de outra forma.

— Então eu já vou, amanhã a gente se vê, eu te amo. — Ele deu-lhe um beijo nos lábios e saiu em seguida.

Quando William chegou ao seu apartamento pegou o telefone para ligar para sua mãe, discou o número e deitou-se no sofá esperando que ela atendesse.

Alô! Oi mãe, como a senhora está?

Oi meu filho, estou bem, com saudades, mas bem.

William sorriu com comentário dela.

Quero lhe perguntar uma coisa.

Pode perguntar, meu amor.

Há dias venho pensando de ir conversar com o papai e hoje a Helena me incentivou pra eu ir aí falar com ele, o que a senhora acha? Eu devo ir?

— Meu filho, acho uma ótima ideia, quando você está pensando em vir?

— Não sei, talvez esse final de semana.

— Ah! Filho, esse final de semana não vou estar aqui, mas vem assim mesmo, tua irmã vai estar, você aproveita e fala com ela, Wanessa está morrendo de saudade de você e quer muito vê-lo.

— Está bem, eu vou e também quero convidar a Helena pra ir comigo.

— Essa garota é bastante especial, gosto dela e pensar que eu fiz de tudo para você namorar com a Fernanda, me perdoa meu filho. — E sorriu encabulada.

— Tudo bem, já passou, a Helena me deixa prazeroso, radiante, vai ser assim pra sempre.

— Vai sim, meu filho, você merece e aconteça o que acontecer eu estarei ao teu lado.

— Tchau mamãe, tenho que ir agora, te amo. Você é a melhor mãe do mundo.

— Te amo meu filho.

Capítulo XIX

No dia seguinte, William foi até à casa de Helena para conversar com ela. Sentaram-se na varanda.

— Ontem à noite liguei para minha mãe falando que eu estava pensando em ir ver o meu pai, ela achou uma ótima ideia, o chato é que não vai estar em casa pra me receber, em razão de uma viagem, então eu estava pensando se você gostaria de ir comigo, você indo eu me sinto mais seguro, e aí aceita viajar comigo? — E fez uma cara de carente segurando suas mãos.

Helena sorriu.

— Mas como é chantagista, me olhando dessa maneira fica impossível de dizer não, o que eu posso dizer se não que aceito.

Sério?

Seríssimo.

Ele abraçou-a e beijou em seu pescoço fazendo-a sorrir.

— Mas temos um probleminha — disse Helena fazendo uma careta.

Qual é? — Virou o rosto para olhá-la.

Primeiro temos que pedir aos meus pais, você tem que falar com eles. — E deu um sorriso de alegria.

— Eu falo. Não se preocupe, eles não vão resistir ao meu olhar encantador.

— É mesmo? Como você é convencido, mas até que você tem razão.

— Tenho, é? — Ele puxou-a para perto de si beijando-lhe os lábios.

— À tarde eu passo aqui pra falar com seus pais.

— Tudo bem amor. — Ela abraçou-o. E ele saiu.

Quando Helena entrou em casa estavam todos reunidos à mesa para almoçar.

Cadê o William? — disse Leticia olhando para a porta.

Ele teve que ir, mas depois vai passar por aqui, tenho uma coisa importante pra pedir para vocês, em primeiro lugar quero que vocês confiem em mim, certo?

— Certo. Pode falar — disse Leticia sentando à mesa.

— Vocês já estão sabendo do problema do William com o pai, então eu disse pra ele ir até lá tentar uma reconciliação, mas ele quer que eu vá, vocês aceitam que eu viaje com o William? Sozinhos? — E ergueu os ombros.

Mas ele vem pedir a permissão de vocês eu que me adiantei um pouquinho, que é pra quando ele chegar vocês já estarem sabendo, então aceitam? — Carlos olhou para Leticia e ela acenou com a cabeça que sim, ele voltou o olhar para Helena fazendo uma cara séria.

— Sim, nós confiamos totalmente em você, pode ir.

— Obrigada, isso é de grande importância para o William e eu gostaria de estar ao lado dele nesse momento. — Leticia olhou para Carlos fazendo-o erguer uma das sobrancelhas, naquele instante entendeu que a filha se encontrava totalmente envolvida pelo William, só não tinha certeza se isso era algo bom ou não, por ser tão nova ainda.

Quando chegou o final do dia William compareceu na casa de Helena como havia prometido, seus pais estavam sentados na sala, ele pediu licença e entrou, educadamente deu boa tarde. Leticia pediu que ele sentasse. Helena

havia saído com Héltton.

William sentou-se e segurou as mãos sentindo-se nervoso. Olhou para Leticia, depois para Carlos e coçou a cabeça.

— Seu Carlos, gostaria de lhe fazer um pedido, não me leve a mal, por favor, mas eu gostaria que vocês permitissem que Helena viajasse comigo até a casa dos meus pais em Belo Horizonte, eu estou passando por um momento delicado com o meu pai, e ela sempre tem as palavras certas me dizendo o que fazer, mas se vocês não aceitarem, eu vou entender perfeitamente.

Leticia olhou para ele com ternura, dando-lhe um sorriso.

— Helena já havia comentado com a gente, eu e Leticia aceitamos, espero que não nos decepcione, estou confiando em você William, Helena é a coisa mais importante nas nossas vidas, não suportaria imaginar se alguma coisa acontecesse a ela.

William sorriu.

— Claro seu Carlos, eu entendo, mas não se preocupe pode confiar em mim.

— Eu confio, por isso permiti que ela viajasse com você.

William estendeu a mão para Carlos e agradeceu pelo voto de confiança, deu um beijo no rosto de Leticia, despediu-se e saiu.

Quando chegou a noite, Helena estava sentada na varanda da casa esperando por William, assim que ele estacionou o carro, ela correu para abraçá-lo.

— Nossa. O que foi isso? — disse ele envolvendo-a nos seus braços.

— E aí, como foi hoje com os meus pais? Você ficou nervoso?

— Não! Eu não falei que eles não resistiriam ao meu olhar encantador?

— Ah! Não me diga que foi só por isso que eles aceitaram?

— De certa forma sim, mas também teve uma pessoa que intercedeu por mim antes que eu falasse com eles, por acaso você conhece essa pessoa?

— Não! Não faço ideia de quem seja, talvez seja alguém que não resista ao seu olhar encantador e que também deva te amar muito.

William a abraçou dando-lhe um beijo na testa, em um lado do rosto, depois no outro, beijou devagar seu pescoço e bem delicadamente seus lábios. Carlos apareceu na porta e Helena virou-se rapidamente para olhá-lo. Ela estava tão envolvida nos braços de William que ficou espantada ao ver seu pai e afastou-se dele, William percebeu o susto que ela teve, tentou sorrir, mas segurou o riso para ela não perceber. Ele caminhou em direção do Carlos ficando de frente para ele, estendeu a mão para cumprimentá-lo, em seguida deu boa noite para Leticia e foi sentar-se na varanda com Helena.

Por que se afastou de mim tão rapidamente? disse com um sorriso sarcástico.

Eu não me afastei disse ela e deu uma gargalhada.

Tudo bem então. E puxou-a para mais próximo de si.

Tá bem, eu confesso, fiquei surpresa ao vê-lo.

Imaginei, você quase fugiu de mim.

Helena colocou as mãos no rosto dele trazendo para perto do seu e beijou-o suavemente nos lábios. Quase como um sussurro ele contou que estava emocionado em poder viajar com ela e ficou satisfeito pelos seus pais terem confiança nele. Enquanto William falava Helena não tirava os olhos dele prestando atenção em cada detalhe do seu rosto.

— O que foi? Por que você está me olhando assim?

— Eu já te falei que você é lindo?

Ele baixou a cabeça e deu um sorriso tímido, segurando sua mão.

— E eu já te falei que você é a mulher mais linda, inteligente e incrível que eu já conheci em toda minha vida?

— Não me disse. — E ergueu uma das sobrancelhas. Já que você tocou no assunto, gostaria de ouvir mais uma vez — disse ela provocando-o.

William puxou-a para se sentar mais próximo a ele começando a falar baixinho ao seu ouvido, ela não resistiu e beijou-o apaixonadamente, conforme iam se beijando as mãos dele deslizavam por suas costas. William a amava e desejava, e afastou-se um pouco desconcertado.

— Já está na hora de ir embora, amanhã tenho reunião cedo.

— O que foi? Você acabou de chegar, eu fiz alguma coisa errada?

— Não. Você não fez nada de errado de jeito nenhum.

— Então, por que vai embora?

Porque eu que posso fazer alguma coisa de errado. — E sorriu balançando a cabeça.

— Meu amor, eu não posso perder a confiança dos seus pais, então é melhor eu ir para casa. — Helena percebeu o que ele estava tentando dizer e começou a sorrir.

— O que foi? Nós somos adultos, se um dia acontecer alguma coisa entre a gente, eles vão entender porque nós nos amamos, estou errada?

— Não. De forma alguma, mas por enquanto eu tenho que manter certa distância de você. — E tentou afastar-se dela sorrindo.

Helena abraçou-o dando um sorriso malicioso. William beijou o rosto dela e despediu-se, Ele levantou e foi para o seu carro. Ela continuou lá sentada, olhando-o ir embora e suspirando ao lembrar-se do toque de suas mãos acariciando seu corpo. No caminho para casa William não parava de pensar nas palavras de Helena, que ficavam ecoando em sua cabeça, “se acontecer é porque nós nos amamos”, “claro que sim, desejo mais que tudo poder tê-la ao meu lado porque eu a amo e nada será mais importante quando esse momento chegar, mas não posso apressar as coisas, na hora certa ela falaria para mim, até porque nós temos um relacionamento aberto. Na hora que ela quiser falar sobre esse assunto comigo, estarei pronto para ouvi-la e respeitar a decisão dela seja qual for.”, pensava ele. William chegou ao seu apartamento, deitou na cama lembrando-se do sorriso de Helena e acabou adormecendo com seus pensamentos.

Helena sentia um amor enorme por William e queria de alguma maneira demonstrar aquele sentimento que invadiu de tal forma seu coração, então teve uma ideia e pensou. “Já sei, vou escrever uma música declarando o meu amor para William”, e imediatamente pegou papel e caneta indo sentar-se na grama em frente à sua casa. Ela tinha bastante ideia, mas ainda não sabia como escrevê-la, queria que ficasse perfeita, deitou-se na grama colocando a mão no queixo, pensando desde o primeiro dia em que o viu, começou a escrever, não demorou e já tinha escrito uma composição. Na música relatava todo o seu amor, tudo que estava sentindo por ele, tudo que estava guardado no seu coração. “Nossa que orgulho! Ficou linda, agora é só chegar o momento certo para eu mostrar-lhe e ele vai ter uma grande surpresa.”, pensou ela quando leu pela décima vez.

Era chegado o dia da viagem, William foi até a casa de Helena para buscá-la.

Apesar de ele saber os motivos daquela viagem, também sabia que não seria fácil enfrentar seu pai e aquela situação deixava-o tenso, mas só em pensar passar mais de 6 horas viajando a sós ao lado de Helena tudo valia a pena. William parou o carro em frente à casa dela, esperou que ela se despedisse de seus pais. Eram 6h00min da manhã e tinham 584 km pela frente, William teve de chamar Helena para não se demorarem mais. Leticia deu mais um abraço na filha antes dela entrar no carro.

— Se cuida, tenha bastante atenção no trânsito e façam uma boa viagem — aconselhou Leticia.

— Muito obrigado, dona Leticia — disse William acenando para ela.

— Tchau, minha filha — falou Carlos colocando o braço em volta do pescoço de Leticia.

Os dois entraram no carro e seguiram viagem. William segurou a mão de Helena e sorriu satisfeito por ela estar ali com ele.

— Obrigado por você ter vindo, isso é importante pra mim.

— Eu sei, por isso que eu quis vir, porque você é importante pra mim. — E sorriu-lhe com carinho.

William beijou sua mão e os dois seguiram viagem ouvindo música, Helena estava quase explodindo de felicidade. A cada cidade que passavam, William mostrava e falava o nome para ela. Quando chegaram à cidade chamada Betim, pararam para almoçar, depois seguiram viagem. Estava dando 13h00min da tarde quando chegaram a casa de William. Este segurou a mão de Helena, que percebeu o quanto ele estava apreensivo.

— Calma, vai dar tudo certo — disse olhando-o.

William beijou-a, segurou firme na mão dela e começou a caminhar para entrar em casa, mas Helena ficou parada em frente à porta.

— Eu não vou entrar, vou ficar aqui — disse passando as mãos no seu rosto. Depois apontou para uma paisagem linda à sua direita e perguntou — O que é aquilo?

— É um jardim — disse William meio sem graça.

— Pois, então vou ficar lá esperando por você.

— Vem comigo? — E apertou sua mão.

— Não William, isso é um assunto que tem que ser conversado só com vocês dois. Além do mais ele nem me conhece e eu acho que não é uma boa hora para isso, eu vou ficar bem. Pode ir, vai dar tudo certo.

William beijou o rosto de Helena, suspirou fundo e entrou na casa. Helena ficou olhando para todos os lados, a casa era muito bonita e elegante, de andar com janelas de vidro, espaçosa, uma grande piscina na frente, uma área com um conjunto de cadeiras brancas, tudo tão limpo que chegava a brilhar, mas o que mais a encantou foi o jardim que ficava por detrás da garagem, Helena seguiu até chegar ao jardim, o chão era todo feito por pedrinhas brancas, o que deixava o ambiente ainda mais sofisticado. Havia vários tipos de plantas e de flores e uma pequena casinha com uma cadeira de balanço. “Como aqui é lindo”, pensava ela. Tinha um lugar cheio de flores amarelas, o chão coberto por pétalas de flores que caíam das árvores. “Parece um lugar mágico. O William deve sentir falta daqui. Como deve ser difícil para ele ter que ficar longe de sua família, de casa, deveria ser tão acostumado aqui, deveria ser bastante feliz também. Tomara que seu Tomás o aceite, parte meu coração vê-lo recordando os momentos felizes que eles tiveram juntos, como fica triste em não poder compartilhar as coisas maravilhosas que estão

acontecendo em sua vida, eles eram tão amigos, seu pai sempre o ouvia e por que não pode aceitar a decisão dele? Parece ser tão injusto com o William, sem dúvidas está fazendo isso só para ver se o William desiste de sua carreira e volta para casa, seria tão mais fácil aceitar a decisão dele e assim todos seríamos felizes”, pensava Helena caminhando pelo jardim.

Quando William entrou em casa, seu Tomás estava sentado na sala, ele olhou para o filho enraivecido.

— Voltou? — ironizou. — Até que enfim percebeu a bobagem que estava fazendo, até que se arrependeu cedo. — E cruzou a perna tirando os óculos do rosto.

— Oi pai, é bom ver o senhor também, mas eu não voltei e nem me arrependi da minha determinação.

— Então, o que você veio fazer aqui? Já que não voltou, deve ter vindo atrás de dinheiro, né? Mas também, meu filho, com esse teu “trabalho” não deve ganhar nada, rapidinho lembrou-se de mim.

— Eu vim conversar com o senhor.

— É mesmo? Sobre o quê? Deve estar querendo dinheiro, porque aquele luxo que você vivia acabou. Meu filho, eu não vou dar nem um centavo pra você. Eu te disse para não contar comigo para nada, você William é um irresponsável, largou os seus estudos, seu futuro brilhante. Tinha tudo para ser um excelente cirurgião, abandonou tudo por uma besteira que logo vai passar. Quando isso acontecer, meu filho, quero ver o que vai fazer, e não conte comigo porque não vou lhe dar dinheiro, aquela vida de mordomia acabou. Não conte mais comigo para nada, entendeu?

William foi caminhando e aproximou-se dele.

— Pai, nós éramos tão amigos, o senhor sabia o tempo todo que eu não queria ser médico, por que não pensa no que é melhor pra mim? Eu trabalho, ganho pouco sim, mas sou feliz. Eu queria que entendesse. Estou fazendo faculdade, não é de medicina, mas é o que eu quero pra mim, só por que eu não quero ser médico sou irresponsável? Quantas vezes eu lhe decepcionei? Sempre fui um bom filho, agora eu não presto mais? O senhor me machuca falando assim, eu estou sofrendo longe de vocês, nunca tinha ficado brigado com o senhor e eu venho até aqui e o senhor nem me ouve, nem olha pra mim. Eu sou seu filho. — E baixou a cabeça.

— Você disse que eu não penso no melhor pra ti, William? — E pôs a mão no queixo olhando-o. Isso que eu estou fazendo é o melhor pra ti. A vida não é fácil, meu filho, e um dia você vai entender porque eu estou fazendo isso, mas estou ciente que a culpa é minha, sempre fiz tuas vontades, sempre te dei de tudo e olha só em quem você se transformou. Eu não esperava isso de você, William. Você é a minha vergonha, nunca vou te apoiar nessa loucura, eu estou muito decepcionado com você, agora tenho que ir trabalhar, porque eu, meu filho, trabalho. — Tomás levantou e saiu, não quis ouvi-lo mais.

William sentou-se no sofá com a cabeça inclinada para trás, sua irmã veio e abraçou-o.

— Me perdoa por eu ter sido tão injusta com você, você que sempre me apoiou e protegeu. Sempre cuidou de mim, eu não deveria ter ficado do lado do papai, devia ter te apoiado. Nem sequer perguntei se era realmente isso que queria, só pensei no que o papai escolheu pra você, e então pode me perdoar? — Ela olhou-o nos olhos.

— Claro Wanessa! Como não poderia te perdoar? Sou teu irmão e te amo, senti falta das nossas conversas, agora me promete uma coisa.

— O quê?

— Nunca mais fica com raiva de mim, viu?

— Pode deixar, eu prometo. — E sentou-se ao seu lado.

— E aí, está gostando do curso? Pelo menos você vai ser médica e vai dar esse orgulho para papai.

— Ah! Não fala assim, eu gosto, é o meu sonho, quero ser pediatra desde criança, você sabe.

— Eu sei. Nunca pensei que eu fosse magoar o papai assim, será que fui trocado na maternidade?

Wanessa sorriu, empurrando-o.

— Hum! Acho pouco provável, mas você nunca gostou de medicina. O problema é que o papai não entende as coisas, tudo tem que girar ao redor dele e você sempre fez a sua vontade. Agora que está tomando uma decisão ao contrário do que ele quer, papai está agindo assim, mas isso vai passar. A mamãe me contou que você é um ótimo ator, ela está tão orgulhosa de você — disse com satisfação.

— É. A mamãe é maravilhosa, se não fosse por ela eu nem sei se teria conseguido.

— Ela também me revelou que a sua namorada é linda e que você está apaixonado — ironizou Wanessa.

— É, tudo isso é a mais pura verdade.

— Por que você veio sozinho? A mamãe disse que a Helena vinha com você.

— Ela veio, não quis entrar, está lá no jardim. Levanta, vamos lá! Quero que

você a conheça, ela é muito importante pra mim.

— Tudo bem. Até imagino, pelo que a dona Marcela contou, acho que ela conquistou definitivamente a sogra, agora quero ver se ela vai me conquistar também — zombou ela.

William abraçou a irmã e beijou-a.

— Você é tão engraadinha — disse ele sorrindo.

Enquanto William estava dentro da casa para conversar com seu pai, Helena permanecia no jardim esperando por ele, estava encantada, nunca tinha visto uma casa com uma simplicidade e com tamanha elegância e sofisticação. Esse jardim era a coisa mais linda, tão calmo, tranquilo, ficaria ali o dia inteiro, e começou a sorrir, “nossa como eu sou boba”, pensava ela. Helena estava tão entusiasmada com o jardim que nem percebeu quando uma jovem e bela moça se aproximava, era muito bonita e elegante, nem imaginava quem poderia ser, e o que tinha para lhe contar mudaria e colocaria seus sentimentos por William em dúvida. O seu relacionamento com ele poderia chegar ao fim, um amor que ela pensava ser para sempre, um amor verdadeiro onde ela confiava totalmente nele.

— Você deve ser a Helena — Aproximou-se a linda moça de olhos azuis.

— Sim. E você deve ser Wanessa, irmã do William, ele fala muito de você.

— Não. Eu não sou a irmã do William, sou Fernanda a namorada dele, suponho que ele tenha falado de mim também. — E sorriu com deboche.

Helena ficou sem reação, estava atônita!

— Ele não me falou nada.

— Imagino, é porque ele saiu daqui com raiva de mim, por eu não ter

apoiado ele nessa maluquice de estudar teatro, o William é assim mesmo, sempre que nós brigamos logo procura outra para me fazer ciúmes, mas eu já estou acostumada, afinal de contas são cinco anos juntos.

— Cinco anos! — Ela disse perplexa.

— Sim. E se eu fosse você não me iludia tanto porque logo, logo vamos nos casar, então não espere muito dele não, tchau agora eu tenho que ir. — E saiu caminhando às pressas, sempre olhando para trás.

Helena continuou em pé olhando-a partir. E agora, como seria? Como ela poderia olhar em seus olhos? Como poderia voltar a confiar nele um dia? Helena sentiu que algo ali naquele momento havia se quebrado, igual um cristal. Ela não acreditava no que acabara de ouvir, não poderia ser verdade, aquela história não se parecia nem um pouco com William, não, só poderia ser um engano.

Quando William voltou, Wanessa acompanhava-o.

— Helena, quero que você conheça uma pessoa. — Tocou em seu ombro. Helena estava de costas. Quando virou, Wanessa foi logo abraçá-la.

— Oi. Sou Wanessa e é um prazer te conhecer, minha mãe fala muito bem de você e eu tinha curiosidade em te conhecer. — Wanessa era bonita, parecia com William.

— Eu também tinha curiosidade em te conhecer, é um enorme prazer. — E deu um meio sorriso.

— Então vamos entrar, vocês vão ficar aqui esse final de semana? Porque a mamãe só volta na segunda. — E segurou a mão de Helena.

— Não Wanessa, nós já estamos indo embora enquanto é cedo — disse

William ficando ao lado de Helena.

— Não. Fiquem mais um pouco, deixem pra ir amanhã, hoje a gente pode sair e mostrar a cidade para a Helena.

— Eu adoraria Wanessa, mas de verdade nós temos que ir — falou Helena tentando demonstrar que estava bem.

— É. E se o meu problema com o papai tivesse se resolvido eu até ficaria para comemorar, mas como a minha presença só deixou ele mais zangado é melhor eu ir embora. — E ergueu as sobrancelhas.

William abraçou e beijou sua irmã, Helena abraçou-a e mandou lembranças para dona Marcela.

William despediu-se de Wanessa. Ele tentou segurar a mão de Helena, que disfarçou amarrando o cabelo, mas ele não percebeu nada e continuou caminhando cabisbaixo, entraram no carro e foram embora. William estava tão chateado porque não tinha conseguido fazer as pazes com o pai que nem percebeu que Helena estava triste e permaneceu toda a viagem calada ou fingindo que estava dormindo. William ficou tão desanimado com a situação passada com o pai que nem quis conversar com Helena, ele achava que ela estava cansada e resolveu não puxar assunto deixando-a dormir um pouco.

William estava tão envolvido nos seus problemas que nem imaginava que Helena havia conhecido Fernanda. Ele chegou a uma cidade chamada Lavras, parou o carro para comer alguma coisa e tocou no braço de Helena chamando-a para descer, mas ela não quis sair de lá.

— Você está bem? Está sentindo alguma coisa? — E passou a mão em seu cabelo.

— Não. Estou bem, só quero chegar a minha casa — falou Helena fechando os olhos outra vez.

— Você quer que eu traga alguma coisa para comer? Você está tomando apenas água a viagem inteira.

— Não precisa, eu estou bem, só um pouco cansada.

— Eu vou comprar um suco, tudo bem?

Ela acenou com a cabeça que sim e ele saiu com passos largos, segundos depois voltou com uma garrafa de suco e seguiram viagem.

Aproximadamente às 22h00min, William deixou Helena em sua casa, ela nem se despediu dele, desceu do carro às pressas e entrou. William desceu em seguida e foi falar com os pais dela para agradecer e dizer que fizeram uma boa viagem. Ela subiu os degraus correndo e trancando-se no quarto.

— Ela não quis comer nada, deve estar enjoada da viagem, obrigada mais uma vez. Nós fizemos uma boa viagem, agora eu tenho que ir porque estou cansado. Uma boa noite pra vocês — disse William parado na porta da casa.

— Tchau William, até amanhã — disse Leticia.

Leticia pensou que Helena estivesse cansada da viagem e deixou-a descansar. Mais tarde ela fez um copo de vitamina e levou para a filha tomar. Helena já tinha tomado banho, lavado os cabelos e chorado um pouco enquanto a água caía no seu rosto, não queria que sua mãe notasse que ela havia chorado, não queria que ela soubesse que o William era um mentiroso. Quando Leticia entrou no quarto, Helena encontrava-se deitada na cama, encostada no travesseiro, com a coberta afastada. A mãe sentou-se ao seu lado.

— Está tudo bem?

— Sim. Só estou cansada.

— Pois, toma essa vitamina, o William disse que você não comeu nada a viagem inteira.

Ela sentou na cama e tomou um pouco da vitamina.

— Toma tudo pra você não ficar doente — advertiu Leticia passando a mão nos cabelos dela. Helena tomou mais um pouco da vitamina e colocou o copo no criado mudo.

— Mãe! Já chega.

— Chega nada, eu só vou sair daqui quando você tomar tudo.

Leticia pegou o copo colocando na sua mão outra vez, fazendo com que ela tomasse toda a vitamina, quando terminou de tomar, Leticia deu-lhe um beijo na testa e saiu do quarto apagando a luz, logo Helena adormeceu, estava exausta da longa viagem e da decepção que sentia.

Quando William chegou ao seu apartamento, tomou um banho, preparou um sanduiche e um copo de suco, depois sentou no sofá e ligou a televisão, ele nem imaginava que Helena estava chateada e planejava terminar o namoro. Assim que terminou de comer, desligou a televisão, deitou-se na cama e começou a lembrar-se de quando era criança, seu pai chegava do trabalho e sentava-se na poltrona exausto, ele corria para tirar os sapatos dele, e o abraçava dando-lhe um beijo, como pôde mudar daquele jeito? Sempre foi compreensivo e gostava de estar ao seu lado. William recordou de uma noite que acordou com febre e foi até o quarto do pai chamá-lo, ele levantou sem fazer sequer um barulhinho para não acordar a mãe, deu um remédio para ele e deitou-se a o seu lado na cama fazendo-o dormir. Ele sempre estivera ao seu lado, ensinou-o a andar de bicicleta, nadavam juntos, quando se tornou

adulto conversavam sobre tudo, nunca escondeu de seu pai a paixão pelo teatro e ele sabia, sempre fizera o que o pai queria. Seria por isso que o pai o estava tratando dessa forma? Por que ele nunca o decepcionou? “Meu Deus vejo que ele nunca vai me perdoar, porque dessa vez vou fazer o que é melhor pra mim, ele me aceitando ou não. É uma pena que ele pense assim, eu sei que está sofrendo também, mas não posso fazer nada a respeito disso, pois vou continuar a correr atrás dos meus sonhos e assim como ele diz que o pai dele foi um vencedor por ser filho de analfabetos que moravam na roça e construíram um império, pois um dia ele decidiu que não aguentava mais aquela vida e resolveu estudar. Estudava todas as noites com uma lamparina acesa, mas conseguiu ir para a universidade estudar medicina e com a ajuda de toda a sua família conseguiu se formar e tornou-se ginecologista, com o dinheiro que ganhava trabalhando, comprou um terreno e pouco a pouco foi construindo seu hospital. Depois os filhos cresceram formaram-se e terminaram de construir, meu pai fala disso com um grande orgulho e é pra ter mesmo, eu também quero conseguir as coisas correndo atrás e lutando, sei que meu pai não entende isso, queria que ele ficasse ao meu lado, não sei se vou aguentar essa situação por muito tempo, claro que o amo, mas tenho sentimentos não vou deixá-lo me tratar como se fosse um moleque inconsequente, trabalho, estudo, não é fácil morar em um lugar onde não se conhece ninguém, ele não sabe da minha luta para então me chamar de irresponsável. Agora entendo as palavras de Helena quando diz que quando uma coisa ruim acontece, em seguida vem uma boa, fico imaginando se não tivesse a conhecido, o que eu estava fazendo nesse momento? No mínimo estaria deprimido, mas com ela me sinto forte e corajoso e não tenho medo de lutar e acreditar no que quero. Olha o tanto que sofreu, mas nunca desistiu de sonhar e acreditar. É isso, ela é o meu melhor e a amo, agora mais que tudo, me apoiando do jeito que está, me faz pensar sem audácia que me ama o

tanto quanto eu a amo”. William virou-se para o outro lado na cama apagou a luz e não demorou muito, já estava dormindo e sentia-se abatido e esgotado, não parava de pensar nas palavras más do seu pai.

Helena não acreditava que William fosse capaz de enganá-la, como poderia ser tão cínico e ainda levá-la em sua casa, nem imaginou que ela poderia vê-la, como pôde ser tão mentiroso? “Meu Deus! O que vou fazer? Amo-o, não posso sequer pensar em ficar longe dele”, pensava ela. E começou a chorar.

Capítulo XX

No dia seguinte, William foi acordado pelo barulho do despertador, já eram 07h00min da manhã e ele tinha que ir ao teatro para conversar com Mauro sobre a peça, pois ficaria em cartaz por mais alguns meses. Levantou, tomou banho, vestiu uma bermuda caqui e pôs uma camisa branca, calçou um chinelo, depois preparou um sanduiche com pão integral, peito de peru e ricota, fez seu suco preferido de melancia com hortelã e sentou-se à mesa para tomar o café. Depois de saborear seu café da manhã, pegou o celular para ligar para Helena.

“Nossa! Ela não atende, deve estar dormindo. Depois eu falo com ela.”, pensou ele. Então, pegou os óculos de sol, a chave do carro e saiu.

Helena acordou com a ligação de William, pegou o celular e desligou o telefone, não atendeu, ela estava com mau humor. Em seguida levantou e foi tomar banho, vestiu um vestido bege, colocou uma jaqueta por cima dele, calçou uma rasteirinha, pegou sua bolsa e foi sentar-se à mesa para tomar o café da manhã, um pouco de suco e uma torrada. Depois pegou seus óculos de sol e chamou seu pai para levá-la ao teatro, pois ainda não se sentia segura para andar no seu carro e muito menos naquele dia, pois sentia-se péssima. Naquela manhã não estava nem um pouco a fim de conversar. Todos acharam a atitude de Helena estranha, logo ela que era tão sorridente e acordava dando bom dia para todos com um lindo e belo sorriso nos lábios, mas ninguém ousou falar nada, apenas se entreolharam quando ela chamou seu pai para irem ao teatro.

Quando chegou ao teatro, Mauro estava sentado com umas pessoas que ela não conhecia, deu bom dia e foi apresentada para eles, sentando-se ao lado dele. Por coincidência William havia saído para pegar uns papéis para Mauro e não viu quando Helena tinha chegado. Quando William voltou, acenou e

sorriu para ela, que virou o rosto permanecendo séria, e nem o olhou. Ele não entendeu o motivo da sua frieza. Assim que a reunião terminou, William teve que permanecer para organizar umas coisas com o Mauro, que estava conseguindo arrumar uma participação em uma novela para William. Depois eles iriam almoçar juntos. Helena saiu tão rápido que William nem percebeu. Quando chegou o final do dia, William foi direto para a casa de Helena, visto que achou a atitude dela logo cedo um tanto estranha, ao chegar a casa de Helena, Leticia estava sentada na varanda lendo um livro.

— Boa tarde dona Leticia, a Helena está? — disse aproximando-se e ficando em pé à sua frente.

— Oi William, boa tarde, a Helena está trancada lá no quarto, não sei o que está acontecendo, hoje pela manhã saiu quase sem tomar café e na hora do almoço mal tocou na comida, está tão nervosa, mal humorada, já perguntei o que está acontecendo, mas ela não responde nada. Vai lá falar com ela, pode ser que pra você ela diga o que está acontecendo.

William subiu as escadas correndo e bateu na porta do quarto dela, que mandou que entrasse. Helena estava deitada na cama assistindo televisão, quando o viu desligou a TV sentando-se na cama e puxou as pernas para cima abraçando os joelhos.

William caminhou em sua direção.

— Nossa, liguei tanto pra você hoje pela manhã pra saber como você estava e dizer que eu ia passar por aqui pra gente ir ao teatro juntos, mas você não atendeu e também nem quis falar comigo hoje no teatro, está acontecendo alguma coisa? — E sentou-se na cama perto dela.

Ela ficou olhando-o fixamente e com uma fisionomia séria.

— Sim. Eu quero terminar esse namoro, quer dizer nem sei se é namoro mesmo. — E permaneceu olhando-o.

William franziu a testa e arregalou os olhos, sem entender nada, ontem mesmo eles viajaram, estavam alegres, não entendia o motivo de Helena terminar o namoro com ele.

— Por que você está falando assim? E quer terminar o namoro comigo? — Tentou tocar no braço dela, que o puxou rapidamente.

— Porque eu já sei que você tem uma namorada e porque você é um mentiroso. — E ergueu uma das sobrancelhas.

Ele olhou-a surpreso.

— Como assim mentiroso, e que namorada você está falando? — William rapidamente mudou o semblante ficando sério.

— Quem é Fernanda, William? Por que você nunca me contou que tinha uma namorada? Pensou que ia ficar com as duas? Imaginou que eu nunca fosse descobrir e ainda me levou na sua casa, o que você pensava com tudo isso? — zombou com uma voz ríspida.

Ele ergueu os olhos surpreso passando a mão na nuca.

— O quê? — E balançou a cabeça tentando entender aquela informação.

— Você me ouviu muito bem. — E foi levantando da cama passando as mãos nos cabelos. — Você não acha que eu deveria saber? — E ficou em pé olhando para ele.

— Como você ficou sabendo dela? — E olhou nos olhos falando calmamente.

— Não importa, importa que eu te fiz uma pergunta e quero que você me responda — gritou ela.

— Tudo bem, Fernanda é minha ex-namorada, está satisfeita agora? — E encarou-a.

— E por que você nunca me contou que teve uma namorada? — Colocou as mãos na cintura.

— Por que eu deveria falar que tive uma namorada? Pra mim não tinha mais importância. — Passou a mão na bermuda sentindo-se nervoso.

— Mas pra mim tinha importância, será que você nunca me revelou porque ainda gosta dela? — E cruzou os braços.

— O quê? Mas do que você está falando? Claro que eu não sinto nada pela Fernanda, porque amo você e não há espaço no meu pensamento para as duas coisas, quando a Fernanda me deixou... — William baixou a cabeça.

Nesse momento, Helena interrompeu-o e não o deixou explicar.

— Ah! Então foi ela que deixou você? Por isso nunca me disse nada, estava magoado com ela, foi isso que ela me disse, que você estava com raiva por não te ter apoiado na tua maluquice de estudar teatro. — E balançou a cabeça sem acreditar no que acabara de ouvir.

William ficou parado só olhando-a.

Você conheceu a Fernanda? Helena, eu sinto muito por isso estar acontecendo e sinto mais ainda por você achar que eu não te amo, é como se tudo aquilo que nós vivemos fosse uma mentira. Quando eu disse pra você que o que sinto por ti nunca senti antes por ninguém, eu estava falando a verdade, não sou do tipo de pessoa que sai por aí engando ou mentindo só pra

ter a atenção delas. Se você tivesse me perguntado quem era a Fernanda eu tinha te falado não precisava ficar com raiva de mim, não tenho nem um problema em comentar sobre ela. — William ficou em pé descontente.

Helena baixou a cabeça sentando novamente na cama e William sentou-se na poltrona de frente para ela.

— Mas se você quiser eu posso te explicar. — E inclinou-se para frente apoiando o queixo nas mãos.

Helena levantou da cama e caminhou no quarto ficando de costas para ele, passou a mão pelo cabelo colocando-o atrás da orelha.

— Não vejo o porquê de você me explicar, não me contou antes é porque não queria que eu soubesse, agora não importa mais. — E cruzou os braços.

— Helena, por favor, me deixa explicar, você está interpretando tudo errado, eu não vejo o porquê de você ficar com raiva de mim, olha pra mim, senta aqui, vamos conversar.

— Não! William, é melhor você ir embora, estou confusa — disse ela e continuou de costas para ele.

— Por quê? Você tem dúvidas que me ame?

Helena ficou calada, William levantou da poltrona aproximando-se dela.

— É isso, você não tem certeza que me ama? Porque se for é melhor você me falar de uma vez. — E tentou tocá-la no braço, mas ela afastou-se.

— William, é melhor você ir. — Helena nem sequer tinha coragem de encará-lo.

— Tem certeza? Porque se eu sair por aquela porta, você nunca mais vai me

ver, você está sendo muito injusta comigo — disse com a voz baixa.

— E você, foi justo comigo? — Virou encarando-o nos olhos.

— Sim. Eu fui justo com você o tempo todo, porque não tenho mais nada com a Fernanda, então não vejo porque fui injusto com você. — Colocou as mãos no bolso.

William caminhou até à porta, parou e olhou novamente para ela.

— Eu acho que estou fazendo alguma coisa de errado, porque meu pai disse que eu sou um irresponsável, agora chego aqui e você me chama de mentiroso, sinceramente não sei mais o que eu faço. É duro ouvir palavras desagradáveis de pessoas que a gente ama, me desculpa por eu ter aborrecido você, isso não vai mais acontecer. — E saiu batendo a porta, Leticia nem percebeu quando William saiu. Ele entrou no carro e foi para seu apartamento, não acreditava no que tinha acontecido, estava triste e com raiva ao mesmo tempo, por a Helena não ter acreditado nele. Quando chegou ao destino, tomou banho deixando a água cair no seu rosto, não parava de pensar nas palavras de Helena. Saiu do banho, enrolou-se na toalha, vestiu uma bermuda, colocou uma camiseta e pegou o celular para ligar para sua mãe, sentando-se no sofá.

— Oi mãe — disse passando a mão na cabeça.

— Oi meu filho, como você está? A Wanessa contou-me que você e o seu pai não se entenderam.

— É, até parece que ele me odeia. — E fez uma careta.

— Não diz isso, meu filho, quando eu chegar de viagem vou ter uma conversa muito séria com o teu pai, ele já passou dos limites e não estou gostando nem um pouco disso.

— Não, não brigue com ele por minha causa.

— O que foi, William? Está com a voz estranha, aconteceu mais alguma coisa que eu não estou sabendo?

— Não mãe, está tudo bem, eu só queria lhe fazer uma pergunta.

— Pode falar.

— Quem contou pra Fernanda que eu ia pra Belo Horizonte?

— Meu filho, acho que eu devo ter comentado com a mãe dela, por quê, aconteceu alguma coisa?

— Sim, a Helena a conheceu e ficou com raiva de mim por eu não ter falado que tive uma namorada.

— Nossa, meu filho e por que você nunca disse a ela?

— Não sei, achei que não tinha importância.

— Mesmo assim William, você deveria ter contado, até imagino as coisas que a Fernanda deve ter falado pra Helena.

— A senhora precisava ter visto a raiva dela, não queria que tivesse acabado, eu a amo.

— William, a Helena te ama, logo ela vai conversar com você.

— É. Talvez. Está bem, eu liguei só pra perguntar.

— Não se preocupe meu filho, isso logo vai se resolver.

— Tchau mãe.

— Tchau, eu te amo.

William deitou no sofá, ligou a televisão e como estava triste demais com toda aquela situação não conseguia concentrar-se em nada, primeiro a briga com seu pai, que não o deixou nada bem, em seguida o desentendimento com Helena.

Quando William saiu da casa de Helena, Leticia entrou no quarto da filha para tentar saber o que estava acontecendo, encontrou Helena deitada na cama aos prantos, Leticia ficou desesperada e abraçou-a.

— O que foi? Por que você está chorando? O William fez alguma coisa pra você? — disse aconchegando-a nos braços.

Helena enxugou as lágrimas com as mãos e sentou-se na cama.

— Eu e o William brigamos — falava soluçando.

— Por quê? — E a olhou incrédula.

— Porque ele é um mentiroso.

Como assim, Helena? — A mãe perguntou e sentou-se de forma que pudesse olhá-la para entender melhor aquela conversa.

Helena continuou calada e Leticia tocou-lhe no braço, ela olhou para a mãe com os olhos cheios de lágrimas e baixou a cabeça.

William nunca me contou que teve uma namorada e ontem a conheci na casa dele — disse sem encará-la.

— Ele tem uma namorada? — Olhou-a perplexa.

— Ele disse que não namora mais com ela, mas mesmo assim ele deveria ter me contado que teve uma namorada.

E você o acha mentiroso apenas porque ele não disse que teve uma

namorada?

Sim, ele devia ter me contando.

Não sei por que você acha isso Helena, ele deve ter seus motivos, e você senhorita devia ter escutado, não era pra ter chegado a esse ponto, você por um acaso contou a ele que também tinha um namorado?

Não, mas é diferente, namorei pouco tempo com o Rafael e o William esteve junto com essa garota cinco anos.

Mesmo assim Helena o que vale não são os anos que eles estiveram juntos, mas sim o sentimento que existe entre eles, e eu minha filha posso te garantir que o William te ama.

Leticia fez uma cara de riso.

— Não concordo de você estar com raiva do William só porque ele não te contou que já teve uma namorada antes de você. Já era de esperar. Desculpa Helena, mas você está se comportando igual uma criança. — E levantou a cabeça da filha para olhá-la nos olhos.

Helena ficou calada só balançando a cabeça.

— A senhora acha que eu fui injusta com ele?

— Totalmente. — E olhou-a com ternura.

— Mãe, o William está com raiva, ele nunca mais vai querer me ver. — E colocou a cabeça na perna da mãe.

— Bobagem, ele te ama, anda liga pra ele — disse Leticia acariciando os cabelos dela.

— Não posso.

— Por que você não pode? — Leticia levantou a cabeça dela fazendo-a olhar para ela.

— Estou com vergonha, não quero ligar, eu quero ficar sozinha — pediu com lágrimas nos olhos.

Leticia saiu do quarto e foi conversar com Carlos. Depois do jantar eles foram até ao apartamento do William conversar com ele, quando chegaram tocaram a campainha, William levantou do sofá para abrir a porta e teve uma grande surpresa.

— Seu Carlos, dona Leticia, aconteceu alguma coisa? — disse espantado.

— Oi William, podemos entrar? — Carlos colocara a mão em volta do ombro de Leticia e os dois estavam com sorriso nos lábios.

— Claro! Entrem e sentem aqui, vocês querem beber um suco ou uma água?

— Não! William não se incomode, viemos apenas conversar com você, é rápido. — E os dois sentaram-se ao sofá lado a lado.

— Tudo bem, podem falar. — William sentou-se de frente para eles com uma expressão curiosa.

— A Helena me contou que vocês brigaram. Ela está arrasada e não sai do quarto — disse Leticia segurando uma mão na outra.

William ficou sem reação ao ouvir as palavras de Leticia e balançou a cabeça.

— Helena está com raiva por eu não ter contado de uma ex-namorada que eu tive e acabou sabendo da pior forma. — E olhou triste para Leticia.

— Eu sei e ela sabe que foi injusta com você, Helena te ama William, nunca a vi tão entusiasmada por um rapaz como a vejo com você, por isso tivemos a

audácia de vir aqui pedir pra você ir lá conversar com ela. — Leticia olhou para Carlos e depois para William.

— Mas ela não vai querer me ver.

— Aposto que vai, vai lá vocês se amam e não podem terminar o namoro dessa forma tão infantil — disse Leticia sorrindo.

— Está bem, amanhã quando eu sair da universidade irei a sua casa — disse animado.

— Está certo então. — Leticia levantou do sofá, juntamente com Carlos.

— Ah! William eu nem perguntei, como foi a conversa com o teu pai? — E segurou sua mão.

— Foi bem, só não foi do jeito que eu esperava, mas está tudo bem. — William colocou a mão sobre a mão dela e forçou um sorriso.

— Mas vai ficar bem, porque você é um filho maravilhoso, logo seu pai vai se dar conta da bobagem que está fazendo e vai te procurar pra conversar.

— Assim eu espero, muito obrigado pela sua gentileza.

— Está certo então.

— Tchau William, temos que ir agora.

— Obrigado pela visita de vocês. — E acompanhou-os até à porta.

No dia seguinte William foi para a universidade, Helena nem saiu da cama, Leticia entrou no quarto para chamá-la para tomar banho e ir para a universidade, foi logo puxando as cortinas e abrindo as janelas.

Acorda Helena já está na hora de tomar banho, se não você vai chegar atrasada à universidade. — E aproximou-se da filha.

— Hoje eu não vou — respondeu Helena cobrindo-se com as cobertas.

— Mas que história é essa? — perguntou Leticia puxando as cobertas de sobre ela.

— Eu já liguei pro meu professor avisando que eu não vou hoje. — E voltou a cobrir-se.

— Então levanta! Vai tomar banho e tomar café, isso não é o fim do mundo.

— E sentou-se ao lado dela na cama.

— Eu sei mãe, só estou triste. — Puxou a coberta descobrindo apenas a cabeça e olhou para a mãe, com o semblante sério.

— Vai tomar banho que passa. — E passou a mão no rosto dela.

Leticia começou a fazer cócegas em sua barriga até que Helena levantou da cama para tomar banho. Desceu para ir tomar café, quando terminou voltou novamente para o quarto. Na hora do almoço mal tocou na comida, ajudou Leticia arrumar a cozinha e não dava uma pequena palavra, em seguida retornou para o quarto e colocou o pijama, deitou na cama ligando a televisão e virou-se de lado sem se importar com o que estava passando na TV.

Mal William chegou a casa de Helena, Leticia pediu que ele fosse até o quarto dela, ele subia os degraus lentamente, não tinha certeza do que estava fazendo, não sabia ao certo se ela o receberia ou o ouviria de novo, sentiu-se meio estranho, mas precisava tentar porque a amava. William bateu na porta do quarto, Helena pediu que entrasse, nem se virou para ver de quem se tratava, pois imaginava que fosse sua mãe. Ele entrou sentando-se na poltrona calado só observando-a. Como ninguém havia falado nada Helena virou para

ver quem tinha entrando em seu quarto, assim que o viu, desligou a televisão e sentou-se na cama colocando os cabelos por detrás da orelha e olhando para ele sem graça.

— Você está bem? — E olhou-a com ternura.

— Não! Desculpa-me por ontem. — E virou a cabeça para o lado sentindo-se culpada de o ter tratado mal.

— Por que você não me contou o que tinha acontecido? Ao invés disso ficou com raiva de mim?

— Desculpa-me de verdade. — E olhou para ele.

— Helena, eu nunca te contei nada sobre a Fernanda, porque quando vim morar aqui em São Paulo, já não estávamos mais namorando, então achei que não fosse necessário falar de uma coisa que pra mim não tinha significado algum e você disse bem, eu tive uma namorada, há um ano não estamos mais juntos — explicou ele apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Mas é porque ela contou que você é acostumado a fazer isso, arrumar outra namorada só pra ela ficar com ciúmes e que logo, logo vocês vão se casar. — E baixou a cabeça.

William sorriu.

— Não Helena, eu não acredito que você caiu no jogo da Fernanda, eu não vou me casar com ela nunca, acabou não existe nada entre mim e ela. — E olhou para ela sorrindo com o canto da boca.

— Mas vocês namoraram cinco anos, não pode ter acabado assim, vocês tiveram uma história juntos.

— Olha Helena, quando eu comecei a namorar Fernanda talvez estivesse

apaixonado por ela, porque eu era adolescente e ela muito bonita, no começo foi bom, mas depois eu fui vendo que ela não tinha nada a ver comigo, muitas vezes eu quis terminar o namoro com ela, mas meus pais por serem amigos dos pais dela, não deixavam. Helena, é verdade que eu namorei cinco anos com a Fernanda, mas nunca senti por ela o que eu sinto por você. Em apenas quatro meses de namoro é tão forte que não consigo nem explicar e não vou suportar ficar longe de você e nem que você me deixe. Eu preciso de você, se não falei nada é porque realmente não tinha o que falar, eu te amo e quero ficar com você. Você acha que se tivesse algo entre mim e a Fernanda eu tinha te levado na minha casa? Ou teria apresentado você pra minha irmã e a minha mãe? — Ele sentou-se na cama ao lado dela.

Helena permaneceu com a cabeça baixa só ouvindo as palavras de William. Este aproximou-se dela, que não conseguia olhar nos olhos dele, lágrimas correram do seu rosto, e por um impulso ela abraçou-o.

— Me perdoa, eu fui tão egoísta, você está passando por um problemão e eu com crise de ciúmes, me perdoa. — Helena descansou a cabeça no peito dele.

William abraçou-a e a beijou.

— Não fala mais que vai me deixar, está bem? — E sorriu sentindo-se aliviado por estarem juntos novamente.

— Desculpa por eu ter me comportado feito uma menina mimada, eu estava morrendo de ciúmes e não aguentava pensar que poderia te perder. — Ela olhou para ele sorrindo encabulada.

— Você nunca vai me perder. — E beijou sua testa.

Helena deitou outra vez a cabeça em seu peito e William abraçou-a.

— Você aceita sair comigo essa noite? — sugeriu falando baixinho ao seu

ouvido.

— Eu adoraria, pra onde você quer me levar? — E levantou rapidamente a cabeça para olhá-lo.

— Vamos jantar só nós dois.

— Hum! Que bom, você é lindo. — Helena beijou em seus lábios e sorriu.

Enquanto falava deslizava a mão em seu rosto.

— Eu não imagino mais a minha vida sem ter você ao meu lado, sabia? — disse Helena beijando seu rosto.

— Sabia, porque eu também não imagino viver sem você ao meu lado. — E deu-lhe um beijo demorado.

Agora eu já vou. — E encostou sua testa na dela.

Tá bom — disse Helena suspirando.

Quando William saiu do quarto, Leticia estava à sua espera na sala.

— E aí, fizeram as pazes? — perguntou ela aproximando-se dele.

— Sim, agora está tudo esclarecido. — E levantou a mão para cima sentindo-se contente.

— Viu só? Vocês se amam estou satisfeita que tudo tenha se resolvido. — E tocou no braço dele.

— Eu também, dona Leticia porque amo muito sua filha. — Ele colocou a mão sobre a dela sorrindo.

— Eu sei, e sei o quanto ela te ama. — E retribuiu o sorriso.

—Tchau dona Leticia, obrigado por tudo.

Quando William chegou ao seu apartamento pegou o telefone para ligar para sua mãe, sentia-se animado e sorria à toa.

— Oi mãe.

— Oi meu filho, como você está?

— Estou bem, cheguei agora pouco da casa da Helena.

— E aí, como foi?

— Nós conversamos e resolvemos nosso problema, está tudo bem agora.

— Viu só? Eu disse, ela te ama que bom, meu amor.

— Obrigado mãe.

— Meu filho, tenho que desligar.

— Tudo bem, um beijo.

— Tchau minha vida, te amo.

Quando chegou a noite, Helena estava maravilhosamente bem vestida e elegante, o vestido era preto, não muito curto, acima do joelho, com um pouco de manguinha com babado e drapeado discreto. Calçava um sarpam bege e segurava uma bolsa de mão, ela havia feito um penteado prendendo só um pouco do cabelo e fazendo com que o rosto ficasse mais à mostra. William foi até sua casa e quando a viu, ficou encantado com tanta beleza.

— Uau! Você com certeza é a mulher mais linda do mundo. — Olhou-a dos pés à cabeça.

— Uau pra você também, você está lindíssimo meu amor. — E sorriu para ele.

William usava uma calça escura e uma blusa de botão em um tom mais claro.

Os dois foram a um restaurante bem reservado e aconchegante, sentaram-se um de frente para o outro, William não conseguia esconder o fascínio que sentia por Helena, ela pôs a bolsa em cima da mesa e tirou uma mecha de cabelo que caía em seu rosto.

— Eu me comportei mal com você ontem, nem ao menos perguntei como foi a conversa com seu pai. — Segurou sua mão olhando-o com doçura.

— Não foi nada agradável, mas nesse instante não quero falar sobre isso, vamos deixar de lado toda essa conversa desagradável. — E colocou sua mão sobre a dela.

— Tudo bem. — Ela olhou-o sorrindo com admiração.

— Eu tenho uma coisa importante pra dizer-te.

— Sério? — perguntou ela sem desviar seus olhos dos dele.

— Eu te amo e nunca amei outra pessoa antes e nem poderei amar depois de você, porque o amor que eu sinto por você não pode ser dividido com mais ninguém. — E beijou sua mão.

— Ai William, assim você vai me fazer chorar. — E deu um longo suspiro.

— Que bom que partilhamos do mesmo sentimento, porque eu também te amo, você foi o primeiro e também será o último amor da minha vida. — E deu-lhe um sorriso.

William beijou sua mão olhando-a apaixonado, Helena piscou o olho para ele.

— Agora vamos comer porque estou morrendo de fome, eu estava tão mal que não conseguia nem olhar para a comida — disse Helena fazendo uma

careta e sorrindo. William deu uma gargalhada.

Os dois pediram uma combinação de espaguete e salmão defumado, acompanhado de um bom vinho, em seguida uma deliciosa torta crocante de sobremesa. Enquanto conversavam, Helena fazia William sorrir, ele adorava ouvir aquela risada contagiante e ver o brilho que seus olhos transmitiam sempre que olhava para ele. Helena deleitava-se com o modo apaixonado que William a olhava, sentia-se amada, e sabia que só poderia sentir-se assim estando ao lado dele.

Quando terminou o jantar, William foi deixá-la em casa. No caminho conversaram sobre vários assuntos, de repente ele olhou para ela de forma diferente.

— Helena, eu tomei uma decisão, não vou mais procurar o meu pai, ele nunca vai me aceitar parece até que me odeia, percebi que o melhor pra nós dois é ficarmos separados.

— Espera mais um pouco William, tudo vai se resolver, acalme-se. Vamos dar tempo ao tempo e é claro que teu pai não te odeia, quem nesse mundo poderia sentir ódio de você? Você é uma pessoa maravilhosa e ele sabe disso, agora vamos falar de outra coisa, tudo bem? — disse tocando-o no braço.

— Tudo bem. — Ele virou o rosto para olhá-la.

— Uma vez, você me perguntou se eu tinha outro talento além de interpretar, tocar piano e cantar, eu te disse que assim que descobrisse qual, te falaria, lembra-se disso? — E sorriu.

— Claro meu amor, como poderia esquecer-me, foi na primeira vez que nós saímos juntos, nunca poderei esquecer aquele dia. — E piscou o olho para ela.

— Pois bem, eu acabo de descobrir um novo talento e devo isso a você — disse sentindo-se orgulhosa.

— A mim? — disse surpreso com sua revelação. — Qual foi?

— Agora olha o que eu fiz pra você.

E abriu a bolsa tirando de dentro um papel, entregou para ele, que deu uma olhada rápida, leu algumas linhas percebendo que era uma música.

— Helena, você fez uma música? — E ergueu uma das sobrancelhas, desconcertado.

— Sim, eu ia te mostrar depois que a gente chegasse de viagem, mas estava com raiva de você. — E fechou os olhos sentindo-se envergonhada.

William sorriu.

— Sinceramente, você fica linda bravinha. — E pegou no queixo dela.

Helena deu uma gargalhada.

— Vamos cantar juntos, topa? — E virou o rosto rapidamente para olhá-lo.

— Claro que sim meu amor, me sinto lisonjeado por você sentir todo esse carinho por mim — respondeu e deu-lhe um beijo no rosto.

— É você que me faz sentir assim, inspirada, talentosa, descubro habilidade que eu nem sabia que possuía, te amo William. — Ela falou deitando a cabeça em seu ombro.

William e Helena estavam tão apaixonados que queriam de qualquer forma mostrar a música sem se importar se os achariam bobos, ou seja, lá o que iam pensar deles. Quando os dois chegaram a casa dela queriam que todos ouvissem a música que ela havia escrito para ele, assim que entrou na sala da

casa dela, ela parou virando-se para ele sorrindo e abrindo os braços.

— Venham todos, papai, mamãe, Hélton e Heitor, nós gostaríamos que todos vocês sentassem para ouvir o que tenho a dizer, tenho algo para mostrar para vocês.

Ela aproximou-se do piano e sentou-se começando a cantar, William continuou em pé, olhando-a fixamente, não acreditava no que estava ouvindo, era a declaração de amor mais linda e perfeita que já tinha visto. Conforme cantava, ela olhava para ele apaixonada, William ficou boquiaberto e não conseguia tirar os olhos dela. Helena cantou divinamente bem e quando terminou de cantar, William não resistiu e deu um leve beijo em seus lábios, não foi um beijo demorado, mas cheio de amor. Helena ficou de pé olhando para seus pais e seus irmãos, com largo sorriso nos lábios sentindo-se admirada com ela mesma.

— Então, o que vocês acharam? Eu que escrevi, gostaram? — Colocou os braços para trás das costas.

Leticia não conteve a emoção e seus olhos encheram de lágrimas.

— Nossa, que coisa mais linda. — Tentou disfarçar as lágrimas, levantou, abraçou a filha, dando-lhe um beijo no rosto.

— Minha filha, nunca tinha visto você cantar desse jeito — disse Carlos virando a cabeça para o lado e franzindo a testa.

— Hoje vejo que você ama muito esse rapaz. — Leticia pousou a mão no ombro de William e sorriu.

— Não fale assim mãe, a senhora vai o deixar convencido. — Helena virou-se para abraçá-lo, beijando seu rosto.

Quando terminaram de receber os elogios os quais faziam Helena esvaecer, foram sentar-se na varanda, a noite estava celestial, fascinante, o céu repleto de estrelas e a lua mais brilhante do que nunca. Na frente da casa havia uma árvore que deixava cair flores rosa no chão, espalhavam-se na calçada, dando um clima romântico ideal para aquela noite. Enquanto a abraçava, William disse:

— Meu amor, quando você me mostrou o papel com a música que eu li, não imaginei que fosse tão linda, fiquei emocionado, você sente tudo isso por mim mesmo? — E segurou sua mão olhando-a nos olhos.

— Claro meu amor, é difícil explicar quando a gente está sentindo algo por alguém, por mais que se fale nunca é relamente como sentimos, eu acho que escrevendo fica fácil porque nos lembramos de cada detalhe, no meu caso lembrei-me do seu sorriso, da sua voz, do seu cheiro, do seu toque, cada frase ali é você, eu juntei todas essas suas características e escrever essa música foi fácil, isso é o que eu sinto por você, não quero nunca te perder. William, eu não imagino a minha vida sem você.

Ele olhou-a colocando as duas mãos em seu rosto.

— Também não imagino a minha vida sem você ao meu lado, eu te encontrei na hora certa e era você que eu precisava para ser feliz. Eu te amo e vou te amar pra sempre, nunca imaginei que poderia ser amado dessa forma por alguém.

William falava baixinho ao seu ouvido inúmeras vezes o quanto a amava, Helena perdeu a conta até que o beijou apaixonadamente, William deslizava as mãos pelas suas costas, proporcionando a Helena uma sensação diferente ao tocar sua pele macia. Ele passou uma das mãos sobre o seu cabelo para beijá-la, aquele cheiro, aquela pele delicada fazia com que ele a desejasse

cada vez mais, fechou os olhos enquanto segurava sua mão contra seu peito.

— Tenho que ir embora — sussurrava ele recuperando o fôlego.

Helena estava adormecida em seus braços, não queria que ele fosse embora, não queria que aquele momento acabasse.

— Não. Fica mais um pouco — pediu ela aconchegada em seus braços, aproximou o rosto do dele sentindo o toque de seus lábios.

— Não posso Helena, eu estou quase fazendo uma loucura. — E levantou do banco, colocando as mãos no bolso, inclinou-se para beijar sua testa e sorriu.

Helena ergueu os olhos para olhá-lo balançando a cabeça negativamente.

Agora tenho que ir.

Tudo bem, meu amor, eu também estou quase perdendo a cabeça. — Helena sentiu que ficou vermelha, sem acreditar no que acabara de dizer.

Então, eu faço você perder a cabeça, é? — disse rindo e inclinou-se outra vez para beijar sua cabeça.

Helena cobriu o rosto com as duas mãos sentindo-se envergonhada.

Não precisa ficar assim, é normal estarmos sentindo isso, porque nos amamos.

Sim, nós nos amamos profundamente.

Agora preciso ir.

William ficou olhando-a sem desviar seus olhos dos dela, ali teve a certeza que se amavam, seus olhos diziam isso. O brilho deles era mais intenso, toda vez que ele tocava sua pele. Ele saiu caminhando todo tempo de costas para rua e de frente para ela olhando-a, Helena continuou sentada com as pernas

cruzadas olhando a beleza incomparável de William, quando ele se aproximou do carro, acenou para ela que em seguida entrou em sua casa sentindo-se totalmente alegre.

Na noite seguinte, William foi até à casa de Helena, foram para a varanda conversar. Helena sentou de frente para ele e olhou-o com um sorriso nos lábios.

— Meu amor, agora que eu já sei quem são teus pais, eu quero saber como você era quando estava morando com sua família, o que vocês faziam?

— Sério? Você quer mesmo saber? — disse admirado olhando-a.

— Sim. Eu quero saber o que você fazia antes de me conhecer, ficou espantado por quê? — E colocou a mão no queixo dando um sorriso de canto de boca.

William retribuiu o sorriso balançando a cabeça, já imaginava onde aquela conversa ia dar.

Tudo bem então — disse ajeitando-se e passando uma perna sobre a outra para ficar mais confortável. Minha família é bastante grande, o meu pai é o mais velho de cinco irmãos, ele só tem uma irmã e todos eles têm filhos. Todos da família dele não são chegados a brincadeiras e levam tudo a sério, às vezes são pessoas difíceis de lidar, em suas concepções, os filhos devem sempre seguir os passos deles, eles pensam assim, apesar de serem fechados não gostando de muita conversa. São bastante unidos, sendo cada um em sua casa, mas eles, têm uma vantagem, quando um precisa do outro, já estão no ponto para ajudar. O hospital é dos cinco, mas meu que resolve tudo por ser o mais velho, ele trabalha bastante, mas sempre tira um tempo pra família,

estamos sempre juntos, nós dois nos dávamos muito bem, até eu querer seguir meus próprios passos. — William passou uma das mãos no cabelo respirando fundo, Helena percebendo seu desconforto passou a mão levemente em seu rosto e William continuou a falar. A família da minha mãe é bem diferente, é divertida. Ela tem três irmãs e um irmão, o meu tio Júlio, você vai adorar conhecê-lo, ele é legal, divertido, brincalhão, é o irmão mais novo da minha mãe. É cardiologista. Às vezes minha mãe se irrita com ele, por ser namorador, meu tio é desses homens que não leva relacionamento algum adiante, mas você precisa vê-lo dentro do hospital, ele torna-se outra pessoa, sério, responsável, é deveras bom no que faz, não é porque é meu tio não. — E sorriu piscando um dos olhos para Helena.

Você sente falta dele, né verdade?

E como. Nós dois nos davamos bastante bem, duas vezes ao ano viajavamos.

Isso devia ser bastante divertido.

Era sim e quase todo final de semana ele ia lá pra casa tomar banho de piscina juntamente com os meus primos, ele é meio molecão, legal e divertido.

— Entendo. A sua casa é grande e bonita, na hora que eu olhei, imaginei que você deveria ser muito feliz e sentisse falta — disse Helena segurando sua mão e olhando-o com carinho.

— Sinto mesmo, eu era totalmente feliz ali. — E deu um sorriso triste.

— Como você era na universidade? — Helena tentou mudar a conversar e animá-lo, havia percebido a tristeza nos seus olhos.

— Ah! Normal, tinha poucos amigos, não gostava de sair, preferia ficar em casa, mas gosto mesmo é de viajar. — E sorriu para ela.

— Eu também. — Helena aproximou o rosto do dele e deu um leve beijo em seus lábios.

— Então vamos combinar uma viagem só nós dois, o que você acha? — E segurou seu rosto beijando-a.

— Eu acho ótimo, vou adorar viajar com você, mas me fala das suas namoradas. — E piscou o olho para ele.

William sorriu.

— O que exatamente você quer saber? — falou enquanto beijava sua mão.

— Da Fernanda. Como você era com ela? — E olhou seriamente para ele.

William deu uma gargalhada balançando a cabeça.

— Você ainda não se esqueceu da Fernanda? — E passou a mão em seu rosto.

— Ainda não.

— Nossa, vamos mesmo falar dela? — E fez uma careta.

Por favor, William é importante pra mim.

Tudo bem então, se é importante pra você, vou fazer esse sacrifício. — Olhou fixo para ela. Eu e Fernanda nos conhecemos desde crianças, a mãe dela é a melhor amiga da minha, estudaram juntas desde adolescentes, depois foram para a universidade e lá conheceram seus maridos e todos ficaram amigos. Quando se casaram logo minha mãe engravidou, depois a mãe da Fernanda, elas brincavam dizendo que quando nós crescêssemos iríamos namorar e casar. Desde criança, nossas mães passaram a fazer atividades juntas e é claro eu e Fernanda estaríamos com elas. Se minha mãe me levava ao parquinho,

Fernanda com sua mãe estava lá, depois fomos estudar na mesma escola e não nos separávamos. Quando nos tornamos adolescentes começamos a namorar para a felicidade dos nossos pais. No início era bom, depois foi mais por incentivo dos meus pais, eles não aceitavam que eu terminasse o namoro com a Fernanda.

— Por quê? — disse Helena curiosa.

— Porque sempre que eu terminava o namoro, ela fazia um escândalo e os seus pais corriam lá em casa para falar com os meus, que acabavam fazendo com que eu voltasse pra ela. Fernanda é filha única, a mãe dela não podia ter mais filhos, a gravidez dela foi arriscada e por pouco não perdeu a filha, então desde criança eles fizeram as vontades dela, realizavam todos os seus desejos e gostos, às vezes Fernanda se tornava arrogante e eu não suportava, as nossas conversas não tinham sentido, eu nunca podia falar com seriedade com ela, já que só se preocupava com roupas, sapatos, joias, essas coisas todas. O meu tio Júlio não suporta ela, ele dizia que não sabia como eu aguentava ficar perto da Fernanda.

— Concordo com seu tio Júlio, totalmente — brincou Helena. William segurou sua mão beijando-a.

— Pode continuar — disse ela apertando a mão dele.

— Pois bem, em janeiro do ano passado nós dois viajamos, quando chegamos à cidade do México, eu resolvi contar pra ela que ia desistir do curso de medicina e que estava pensando em me mudar para São Paulo, estudar artes cênicas e me matricular em um curso de teatro. Ela achou que eu estivesse brincando. Passamos quinze dias juntos e a Fernanda não tocou no assunto, percebi que era inútil conversar com ela. Quando retornamos pra casa, ela não falava nada, era como se eu nunca tivesse conversado com ela. Nove

meses depois, eu contei-lhe de novo, bem ríspido dessa vez, disse que ia embora e ela com ar autoritário exigiu, que se eu fosse pra são Paulo estudar teatro estava tudo terminado entre nós, eu a examinei e a olhei seriamente, e disse “tudo bem, será feito conforme a senhorita desejou” e sorri.

— E ela não contou para seu pai? — Helena fez uma cara de preocupada.

— Não. Fiquei com receio de ela falar antes de mim, mas por incrível que pareça ela não contou. Eu acho que a Fernanda sabia da reação do meu pai, acho que ficou com medo de contar e nós brigarmos e eu sentir raiva dela, deve ter sido por isso que não mencionou nada sobre a nossa conversa, ela tentou se aproximar de mim, mas eu deixei bem claro que era melhor a gente dar um tempo, eu acho que a Fernanda também não me amava era mais uma obsessão do que amor. — E ergueu uma das sobrancelhas.

— E o teu pai, como ele ficou sabendo?

— Ele ficou sabendo em janeiro desse ano, quando eu decidi contar, foi uma confusão, meu pai teve uma mistura de emoção com assombro, ficou admirado, pasmo. Fernanda se encontrava lá em casa e juntamente com a Wanessa deram o maior apoio para o meu pai, mas eu já tinha tomado a decisão, nada do que eles dissessem faria voltar atrás, mas se eu pensei que as coisas estavam ruins pro meu lado, no dia seguinte que piorou tudo.

William fez uma pausa sorrindo. Helena ficou intrigada em saber por que ele estava sorrindo de um assunto tão sério e deu-lhe um empurrão de leve.

— Fala, por que você está sorrindo? Conta-me, por que piorou? — William olhou para cima e outra vez para ela e continuou.

— No outro dia os pais da Fernanda chegaram lá em casa exigindo que eu me casasse com ela, meu pai adorou a ideia, minha mãe também, depois eu fui

conversar com a minha mãe porque não poderia me casar com a Fernanda, eu não a amava e nunca daria certo. Ela entendeu, e com ajuda do meu tio Júlio, vim pra cá e minha mãe convenceu todos que o casamento não seria a melhor solução. — William suspirou.

— E a Fernanda aceitou o fim assim numa boa? — Helena fez uma cara de desconfiada.

— Não. A cada 30 segundos ela me ligava e eu proibi minha mãe de dar o meu endereço pra ela, depois fui falando repetidas vezes que não dava mais certo, troquei o número do meu telefone e pronto acabou.

— Nossa, que história — disse Helena abraçando-o.

— E como!

— Meu amor, posso te fazer outra pergunta? — E olhou cismada.

— O que você ainda quer saber da Fernanda? — E deu-lhe um beijo na testa.

Helena sorriu pegando na ponta do seu nariz.

— Como você sabe que eu vou te perguntar alguma coisa sobre ela de novo?

— Porque estou vendo nos seus olhos. — E passou a mão no seu rosto.

Pois bem — disse ela endireitando-se no banco, colocou os cabelos por detrás da orelha, olhando fixamente para ele. —, você ainda pensa nela? Porque vocês namoraram por bastante tempo e também ela é muito linda, isso eu tenho de admitir. — E olhou-o apreensiva.

William passou a mão no seu rosto novamente.

— Há muito tempo eu deixei de pensar na Fernanda, faz um ano que perdi totalmente o contato com ela e em nenhum momento senti sua falta. É

verdade ela é bonita, mas não mais que você, se eu não pensava nela antes, imagina agora que eu te tenho ao meu lado. Te amo tanto, você preenche todos os meus pensamentos, é impossível pensar em outra pessoa que não seja você. Quando você ficou com raiva de mim eu não conseguia nem pensar direito, me senti tão mal. — E beijou a ponta do seu nariz, fazendo-a ficar emocionada com aquelas palavras.

— Eu também William, quando você saiu que disse que eu nunca mais o veria fiquei desesperada. Não consigo imaginar ficar longe de você, imagina viver sem ter que te ver, tive tanto medo de você querer voltar pra ela. — Ela abraçou-o fortemente.

— Eu jamais faria isso, Helena. — E beijou seu pescoço sentindo seu cheiro.

— Agora eu sei. — E deu-lhe um beijo apaixonado.

Helena olhou para ele.

— Se os meus pais não tivessem ido a tua casa, você nunca mais vinha me ver? — E pôs o rosto a poucos centímetros do dele.

William segurou em seu rosto dando um leve beijo nos lábios dela.

— Você acha mesmo que eu estava falando sério? Eu não suportaria ficar longe de você, mesmo se teus pais não tivessem ido me procurar, teria vindo aqui, e mesmo se não quisesse abrir a porta para eu entrar, subiria essa janela igual o Romeu fez para falar com Julieta.

Helena deu uma gargalhada inclinando o pescoço para trás, William continuou:

Não posso jamais pensar em te perder.

Ele beijou-a. Depois de alguns minutos, Helena pediu que ele a esperasse um

pouco e entrou em casa, logo em seguida saiu com um álbum de fotografias nas mãos, sentando outra vez ao seu lado.

Agora eu vou te mostrar um pouco da minha família. — Abriu o álbum mostrando-lhe as fotografias.

— Aqui é o meu pai Elvis, minha mãe, eu e o Heitor. O Héltón ainda não havia nascido. — William olhou atentamente as fotos

— O Héltón é a cara do teu pai — disse William segurando a fotografia.

— É mesmo, todo mundo acha, mas ele não gosta quando a gente fala isso.

— E franziu a testa.

— Entendo. — E virou a página.

— Quase não temos fotos de quando fomos morar no interior, olha essa foto, eu tinha oito anos — disse Helena apontando.

Ele se encantou ao vê-la ainda criança.

— Você sempre foi linda. — Helena sorriu com o seu comentário.

— O que foi isso aqui? — Olhou surpreso para a próxima foto.

— Aqui foi no aniversário da cidade onde eu morava, eu estudava em um projeto social, adorava cantar, e como o prefeito ajudava esse projeto financeiramente, minha professora pediu que eu o homenageasse. Nunca esqueci esse dia, sempre que vejo essa foto me recordo. Quando a apresentação terminou, eu ganhei uma boneca do prefeito, fiquei eufórica, porque nunca tive uma boneca tão bonita igual àquela, mas meu pai estava de longe só observando a gente, quando chegamos a nossa casa ele estava tão zangando, puxou a boneca da minha mão e a quebrou, eu chorava desesperada. — Ela olhou para William forçando um sorriso.

Ele olhou-a com brandura e Helena continuou explicando cada uma das fotos.

— Essa foi minha primeira peça na escola, e aqui foi a minha primeira aula de piano, aqui que tudo começou — disse apontando para as fotos.

Você estava tão bonitinha — zombou William sorrindo e Helena empurrou-o.

Aqui é na casa de dona Ana, minha vizinha que eu tanto amava, ela que ajudou a gente quando chegamos aqui, contava cada história, era muito bom, morou três anos aqui com a gente aí adoeceu vindo a falecer em seguida. Minha mãe ficou arrasada, gostava dela como se fosse sua mãe e cuidou dela até o último dia de sua vida. — E baixou a cabeça.

— Imagino, sua mãe é uma mulher especial, gosto do jeito simples e dedicado dela.

Obrigada por vê-la dessa forma. — E deu um beijo em seu rosto continuando a falar. — Aqui foi o casamento da minha mãe, acho até que estava mais feliz que ela, olha o meu sorriso.

William sorriu balançando a cabeça.

— Aqui era o meu quarto, o papai tirou essa foto porque eu nunca queria brincar aqui fora, ele entrava no quarto e dizia: “Querida, o dia está tão lindo lá fora, você não quer brincar um pouco ao ar livre?” E eu respondia: “Não. Vou ficar aqui mesmo, fazendo companhia para as minhas bonecas” e deitava na cama.

Helena colocou os cabelos por detrás da orelha balançando a cabeça, achando graça dela mesma, achando engraçada a sua atitude. William deu-lhe um beijo no rosto.

O papai achava divertido, porque eu ficava deitada na cama com um monte de bonecas em cima de mim, por isso tirou a foto para eu ver quando estivesse adulta. — William olhou para ela passando a mão em seu rosto.

— Onde estão todas essas bonecas? — Olhou-a com curiosidade.

— Todas guardadas e em perfeito estado — respondeu ela e sorriu.

— Quem é esse rapaz? — disse desconcertado.

— Esse foi o meu primeiro namorado. — Helena sorriu e fez um olhar malicioso para ele.

Era um rapaz moreno de cabelos lisos e olhos cor de mel, estava sentado ao piano com Helena ao seu lado sorrindo. William observou-a espantado.

— Namorado? — disse atônito.

— Sim, é pianista e há um ano ele mora fora, foi estudar — explicou Helena.

— Por que vocês terminaram? — William olhou-a fixamente.

— Não chegamos a terminar, ele teve que ir estudar, pois ganhou uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, nós sempre nos falávamos, depois não deu para conciliar mais o namoro. — E deu de ombros.

William ficou calado.

— O que foi? — Pronunciou Helena segurando sua mão.

— E quando ele voltar e perceber que você tem um novo namorado sem ter terminado com ele, você não acha que tá errado? — disse ele seriamente.

— Acho que ele não vai se importar, pois também tem uma namorada. — Helena abraçou William e beijou-o. — Eu te amo William.

— Eu também te amo e quero ficar pra sempre com você — disse ele baixinho ao seu ouvido.

Helena beijou-o mais uma vez, depois de alguns minutos William despediu-se com o rosto bem próximo ao dela.

— Gostei muito de saber um pouco da sua vida e foi bom não só saber como também fazer parte dela — disse William segurando sua mão.

— Eu também, meu amor e um dia nós vamos estar assim sentados, recordando cada momento que passamos juntos, cada momento feliz que vivemos um ao lado do outro. — Ela pegou a mão dele beijando-a.

— Não tenho a menor dúvida que vá ser assim pra sempre, eu te amo Helena e pode acreditar que nós dois vamos ser muito felizes. — E deu um beijo em seus lábios.

— Eu também te amo William. — Ele abraçou-a fazendo uma careta.

— Essa é a parte mais difícil, a hora que eu tenho que ir embora. — Ela abraçou-o sorrindo e deslizando as mãos em seu rosto.

William levantou-se e segurou as mãos dela para se levantar também, os dois foram caminhando abraçados até chegar ao carro dele. Ele passou o braço em volta da cintura dela e puxou Helena para perto, beijando-a de um jeito intenso. Ela sentiu seu coração acelerar e corria os dedos pelo seu braço, em seguida William entrou no carro saindo.

Capítulo XXI

Passadas algumas semanas Helena refletia sobre um assunto importante para sua vida: sua primeira vez. Sem querer, sua cabeça foi invadida por uma onda de sentimentos. Sentia-se pronta, na verdade ansiava que aquele momento chegasse, pois sabia que a primeira vez de uma mulher era algo ímpar, excepcional e inigualável, sendo assim um momento muito aguardado e especial em sua vida. Amava William e confiava nele, mas pensar em passar por aquilo de certa forma deixava-a com um frio na barriga e emocionada, não sabia como reagiria quando essa hora chegasse. O importante era que se sentia segura e confiante, tinha certeza que se amavam. Helena pensou em contar para William que tinha tomado uma decisão, queria falar para ele que queria ter sua primeira noite de amor, porque amava William e tinha certeza dos sentimentos dele por ela.

De noite, William foi até sua casa. Os dois sentaram na varanda e ela encontrava-se séria, começara a ficar tensa, ansiosa e com um pouco de medo, William olhou para ela achando-a estranha.

— O que foi, meu amor? Estou te achando muito calada, aconteceu alguma coisa? — E com as costas da mão alisou o rosto dela.

Helena fechou os olhos ao sentir o toque dela, tentou procurar as palavras certas para dizer-lhe, passou a mão pelo cabelo e olhou-o novamente.

— Eu tenho algo importante pra dizer-te.

— O que foi? — perguntou William e tocou no rosto dela.

— William, você sabe que eu te amo, não sabe? — E pôs a mão por cima da dele.

— Sim e eu também te amo. — Pegou a mão dela, levou à sua boca beijando,

sem desviar seus olhos dos dela.

— Eu sei, por isso que eu tomei uma decisão. — Ela segurou sua mão apertando-o.

— Que decisão? — Ficou sem entender o que ela estava dizendo.

Helena respirou fundo.

— Eu quero que a minha primeira noite de amor seja com você — disse de uma vez.

William ficou tenso ao ouvir as palavras dela, ele queria mais que tudo que esse momento chegasse, mas agora ouvindo assim tão rapidamente e sendo ela sugerindo, não sabia o que dizer.

— Você tem certeza? — Inclinou-se para frente para a ver melhor.

— Claro. Você não quer? — E balançou a cabeça negativamente.

— Claro que sim, nós nos amamos e temos plena confiança um no outro, fazer amor é partilhar emoções, sensações, e eu estou pronto para dividir esse momento com você e fico mais feliz por você confiar em mim e querer se unir a mim de corpo e alma. — E beijou em sua testa.

— Eu te amo William. — Helena fechou os olhos enquanto o abraçava.

— Eu também te amo. — Ele deu-lhe um beijo longo acariciando seu rosto.

Quando chegou o final de semana, mal o dia amanhecera William ainda se encontrava deitado na sua cama e resolveu ligar para Helena, ela que ainda estava dormindo acordou com o barulho do celular tocando, virou-se na cama meio sonolenta, esticou o braço pegando o aparelho em cima da mesinha, e

viu que era ele.

Bom dia, meu amor, acordei você? — disse William com a voz rouca.

Bom dia, meu amor, confesso que ainda estava dormindo, mas não tem nenhum problema, aconteceu alguma coisa? — disse preocupada.

Não. Liguei porque tenho um convite a fazer-lhe.

Pode dizer, meu amor.

— Você aceita sair hoje à noite comigo?

— Claro que sim e pra onde você quer me levar?

— Ah! Isso é uma surpresa.

— Não. Fala-me, você sabe que eu sou curiosa.

William sorriu.

— Mas não vou contar nada, você confia em mim?

— Sim.

— Então vai ter que esperar até à noite, eu passo aí às 20h00min, tudo bem?

— Sim. Eu estarei ansiosa te esperando.

— Tchau um beijo te amo — disse Helena sacudindo as pernas, satisfeita.

— Também te amo.

Depois daquela conversa, Helena não conseguiu mais dormir, levantou, tomou banho, vestiu uma roupa confortável e foi para um salão de beleza, queria ficar radiante para aquela noite que já começava recheada de mistério, adorava isso no William, era tão fascinante. Helena aproveitou o dia para

arrumar os cabelos e fazer as unhas, tudo para encontrar com William, precisava estar belíssima para essa grande surpresa. “O que será? Ai meu Deus como estou ansiosa”, pensava sentada no salão com uma revista na mão.

William por sua vez contratou uma empresa especializada em preparar jantares românticos, quando eles chegaram ao apartamento dele transformaram o local em um maravilhoso cenário romântico, a mesa estava coberta com uma toalha branca, puseram arranjos de flores sobre ela, pétalas de rosas espalhadas no chão da sala, colocaram uma cortina branca na janela e várias velas nos cantos da sala, para deixar o ambiente mais envolvente, escolheram umas músicas agradáveis para proporcionar um clima perfeito para os dois. Quando anoiteceu, William tomou banho, estava com a pele macia e perfumada, vestiu uma calça brim caqui com uma camisa escura de botão, quando terminou de se arrumar pegou a chave do carro e foi buscar Helena que estava sentada na sala da sua casa em companhia dos seus pais esperando ansiosamente por ele. Ela estava vestida com um vestido bege de renda e calçava uma sandália, quando a campainha tocou, levantou do sofá para abrir a porta.

— Você está linda. — E sorriu deslumbrado com tanta beleza.

— Você também está muito bonito. — Sorriu para ele.

William deu boa noite para Carlos e Leticia, e segurou a mão de Helena, em seguida saíram.

— Para onde estamos indo?

— Espera só mais um pouquinho — disse William piscando o olho para ela.

Helena nunca havia ido ao apartamento de William, por isso nem percebeu

que estavam indo para lá, alguns minutos depois chegaram ao prédio.

— Pronto, é aqui — disse parando o carro e olhando-a.

— Aqui? — Helena arregalou os olhos com admiração.

— Sim. Aqui é o meu apartamento, o que foi, não gostou?

— Gostei, só esperava que fosse outra coisa.

— Vem, quero te mostrar algo fascinante.

William segurou a mão de Helena e subiram as escadas, quando chegou em frente à porta, ele pediu que ela fechasse os olhos, abriu a porta e Helena colocou as duas mãos tapando os olhos, ele pegou um buquê de flores e pediu que ela abrisse os olhos lentamente.

Helena ficou pasma quando viu toda aquela decoração, olhou para todos os lados, estava tudo deslumbrante.

— Meu Deus! Que coisa linda, foi você que fez? — disse perplexa e colocando as mãos na boca.

— Não. Eu apenas tive a ideia e contratei umas pessoas para fazer tudo isso, você gostou? — E virou-se para olhá-la.

— Eu adorei, meu amor. Que surpresa linda, está tudo tão maravilhoso.

A luz baixa explorando o uso das velas deixava o ambiente com toque romântico e especial. Helena abraçou-o dando um leve beijo em seus lábios.

— Vem, senta aqui, vou te servir o prato principal — disse ele levando-a para a mesa e puxando uma cadeira para ela sentar.

William serviu-a de camarão com pera, acompanhado de arroz, ele pôs vinho branco na taça e deu-lhe, de sobremesa sorvete com farofa crocante. Os dois

jantaram, curtindo o clima entre eles, em seguida comeram a sobremesa, sempre com conversas divertidas e agradáveis. Depois que terminaram o jantar foram sentar-se ao sofá ouvindo umas músicas apazíveis, os dois abraçados, William não parava de acariciá-la e Helena virou-se para ele colocando a mão em seu rosto, beijando suavemente seus lábios.

— Às vezes eu penso que isso tudo que nós estamos vivendo é um sonho, você é tão fabuloso, me faz sentir especial. — E beijou-o outra vez.

— Você que me faz sentir especial. — William beijou a ponta do seu nariz.

William lentamente beijava-a acariciando suas costas, falava baixinho ao seu ouvido quase sussurrando, Helena sentia-se protegida naqueles braços, aquela respiração tocando seu rosto fazia seu coração bater acelerado. Sentiu um beijo tocar seu rosto e virou aos poucos para beijá-lo, sorriu fechando os olhos, lentamente William foi puxando-a para mais perto de si, Helena sabia que havia chegado a hora e não se via em outro lugar se não naqueles braços. Foi nesse momento que ouviu falar.

— Eu estou fazendo com que seja tudo perfeito pra você, eu estou te dando todo o meu amor. — E virou o rosto para beijá-la.

William levantou segurando sua mão e ergueu-a, trazendo para mais perto do seu corpo.

— Você está pronta? — falou dando cálidos beijos em seu pescoço.

— Sim — disse baixinho ao seu ouvido com olhos fechados.

William levou-a para o quarto, estava nervoso tanto quanto ela. Ele começou a desabotoar seu vestido beijando levemente sua pele, Helena sentiu a respiração dele em seu pescoço, os seus lábios foram subindo chegando ao seu queixo, quando tocaram os seus, era um beijo lento, doce, seu corpo

inteiro estremeceu, fazendo-a fechar os olhos sentindo seu coração bater mais forte. Quando seus corpos se encontraram, William olhou-a nos olhos, perdido no brilho daquele olhar. Seus corpos unidos queimavam de paixão, era uma mistura de desejo e querer. Ela ansiava há muito por aquele momento e nada poderia ser mais perfeito. Os dois permaneceram na cama deitados, Helena descansou a cabeça sobre o peito dele e com as mãos entrelaçadas, desejando que aquele momento não acabasse nunca, William olhou para ela sussurrando inúmeras vezes ao seu ouvido.

— Eu te amo Helena. — E beijou seu rosto com doçura.

— Eu também te amo William. — E sorriu do modo carinhoso dele.

Você está bem? — disse ele virando o rosto para olhá-la.

Sim. Sinto-me bastante feliz, realizada, como nunca estive na vida. Não queria ter que falar isso, mas tenho que ir embora, tá ficando tarde. — E abraçou-o deitando a cabeça em seu ombro.

Não sei por que a hora passa tão rápido quando estamos juntos. — Ele sorriu, acariciando seu braço e beijando o seu rosto, descendo para o pescoço e por fim seus lábios, suavemente deslizando as mãos no seu rosto.

William levou-a para casa mais tarde do que de costume, quando estacionou o carro virou o rosto para admirá-la, Helena despediu-se agradecendo pela noite surpreendente que teve ao seu lado. Descrever aquele momento de entrega era algo impossível de discorrer, eles sempre pertenceriam um ao outro. Aquela noite provou isso. Carlos estava à sua espera, sentado no sofá, quando Helena entrou.

— Chegou tarde hoje, mocinha. — Helena tomou um susto e virou rapidamente com a mão no peito fazendo uma cara de espanto, não esperava

vê-lo ali àquela hora.

— Eu sei pai, me desculpa. E se aproximou dando-lhe um beijo no rosto.

Em seguida subiu as escadas lentamente como se estivesse flutuando e foi para seu banheiro tomar um banho, não parava de pensar naquela noite, “Como William tinha sido paciente, com tanto cuidado e carinho. Me tratou tão bem, tudo aconteceu tão puramente, tudo é tão perfeito quando estamos juntos”, pensava ela enquanto deixava a água molhar seu corpo.

Na manhã seguinte Helena continuava deitada, absorta nos seus pensamentos. Leticia entrou em seu quarto e assim que Helena a viu começou a sorrir com as mãos no rosto. A mãe olhou para ela com canto de olho e aproximou-se sentando na cama ao seu lado, narrou tudo que tinha acontecido naquela noite, falou da decoração, do jantar, da música, como tinha sido tudo apaixonante e primoroso. Leticia abraçou-a sentindo-se feliz pela filha, agradeceu por ela compartilhar daquele momento tão importante na sua vida com ela, Helena confessou que ela era sua melhor amiga e por isso não poderia esconder um momento tão marcante e significativo, ela estava tão eufórica que sentia vontade de gritar para o mundo todo ouvir o quanto ela o amava. Leticia começou a sorrir do contentamento da filha e abraçou-a beijando em seu rosto.

Capítulo XXII

William estava em seu apartamento e resolveu ligar para sua mãe, pois tinha algo muito importante a dizer-lhe, não sabia como falar, mas era necessário já que havia tomado essa decisão. Como ela o amava e queria seu bem, então entenderia o motivo daquele pedido. Assim que Marcela atendeu ao telefone, William deu um longo suspiro, fazendo sua mãe sorrir.

— Oi mãe.

Oi meu filho, mas que inspiração foi essa?

William deu uma gargalhada.

Gostaria de sua ajuda.

— O que foi, meu amor? — disse ela interessada.

— Eu quero pedir a Helena em casamento.

— O quê? — falou perplexa. Vocês ainda são tão jovens.

— Eu sei, mas eu a amo e sei que ela também me ama.

Oh filho — disse com a voz tristonha. — Mas tudo bem, você deve saber o que está fazendo, fala em que eu posso te ajudar.

—Eu gostaria que a senhora comprasse uma joia pra eu dar pra ela, um anel de noivado, na verdade — falou animado.

— Pode contar comigo, vou comprar e mando o nosso motorista ir deixar pra você, tudo bem?

— Sim. Muito obrigado, eu te amo, sabia?

— Eu sei, mas estou com medo de te perder — disse com a voz apreensiva.

— A senhora não vai me perder, só vou me casar. — E sorriu.

— Eu sei, minha vida e sei que Helena é a pessoa certa pra você. Se não fosse, você não estaria querendo casar, sempre levou essa história de casamento muito a sério.

— É verdade eu a amo e não imagino a vida sem estar ao lado dela.

Marcela sorriu.

— Que bom, eu quero que você seja feliz, te amo, conte comigo para o que precisar — disse com a voz suave.

— Eu sei mãe, não sei o que seria da minha vida sem a senhora.

— Eu também não sei o que seria da minha vida sem você, agora vou desligar, daqui a três dias eu mando o anel.

— Certo! Vou estar aguardando.

— Beijo, te amo minha vida.

Três dias depois Marcela mandou entregar o anel de brilhantes, William queria fazer uma surpresa para Helena e resolveu escrever um bilhete pedindo-a em casamento, pegou um papel e uma caneta e pôs-se a escrever. *“Helena Alves, você aceita se casar comigo e ser pra sempre feliz ao meu lado? Eu te amo e quero passar o resto da minha vida com você”*. William enrolou o bilhete e colocou dentro de uma caixa grande, em seguida embrulhou com papel de presente, e escreveu uma carta. *“Meu amor, sabe por que eu me apaixonei por você? Porque não resisti aos teus olhos assim que eles se cruzaram com os meus, porque você é linda, divertida, inteligente, esforçada, otimista, forte, acima de tudo forte, porque você sabe superar tudo e da melhor forma possível. Eu passaria o dia inteiro*

escrevendo suas características, e quando te disse que não posso mais viver sem você ao meu lado, estava falando a verdade, por isso quero te pedir uma coisa muito importante, abra essa caixa e você saberá. Te amo”.

Depois de escrever a carta, William colocou dentro de um envelope lacrando-a, pôs em cima da caixa onde estava a aliança, dentro de um saco de presente guardando-a para entregá-la na noite de natal. “Será uma surpresa incrível”, pensou ele.

Quando o natal se aproximava, Helena estava em casa com sua mãe decorando a árvore. Enquanto colocava as bolinhas na árvore virou o rosto para conversar com Leticia, pois não aguentava mais a frieza e a falta de sensibilidade do pai de William.

— Mãe eu fico tão aflita em não poder ajudar o William a se reconciliar com o pai dele, ele está tão magoado, ainda mais agora nesse período de festa, porque ele sempre passou o natal com a família e esse vai ser o primeiro que vai estar longe deles — disse Helena colocando bolinhas na árvore e fez uma cara descontente.

— É bastante triste, o pai do William tem o coração muito duro, e mais chocante nisso tudo é que também sente falta do filho, só não quer admitir, não quer perdoá-lo. Tenho pena desse tipo de pessoas, acabam ficando sozinhos, porque um dia, filha, o William vai se cansar de correr atrás dele, aí sim ele vai se arrepender de ter tratado o próprio filho tão mal, desprezou-o por uma bobagem. — Leticia encontrava-se sentada ao sofá tirando o pisca-pisca da caixa e virou a cabeça para olhar para a filha.

— É verdade, ele nem imagina o quanto o William o ama e gostaria de estar ao seu lado, não precisava disso. — Balançou a cabeça negativamente.

Quando faltavam três dias para o natal, Marcela ligou para William exigindo que ele fosse para casa passar o natal com a família dado que não aguentava mais aquela situação, Tomás estava agindo igualmente uma criança mimada e já estava passando da hora de acabar com aquela birra. Marcela estava sentada no seu consultório pensando, sentia-se chorosa, os cotovelos apoiados à mesa cobrindo o rosto com as duas mãos, enxugou as lágrimas que teimavam em rolar em seu rosto, limpou a garganta e finalmente pegou o telefone, não queria que William percebesse que havia chorado e que estava deprimida.

— Alô, oi meu filho, eu gostaria muito que você viesse passar o natal aqui com a gente, porque não vou suportar ficar longe de você. — E pousou a mão no queixo.

— Mamãe, acho melhor eu não ir, minha presença só causa raiva para o papai, vai ser melhor se eu não for, e sei que a casa vai estar com toda família, é preferível eu ficar aqui, não se preocupe comigo, pois vou estar com a família da Helena, quero pedi-la em casamento nessa noite.

— Não meu filho — disse com a voz abafada. — Você nunca passou o natal longe de mim e não vai ser por causa da criança do teu pai que isso vai acontecer. Depois você a pede em casamento, vocês têm todo o tempo do mundo e eu não estou pedindo estou mandando, você vem e ponto final.

William permaneceu em silêncio por uns segundo, respirou fundo e coçou a nuca baixando a cabeça.

— Tudo bem, mas se o papai começar a me tratar mal vou embora na mesma hora, não sou mais criança pra ser tratado dessa maneira, apenas vou aceitar a decisão dele.

— Não se preocupe eu vou estar aqui para te proteger, eu te amo tanto meu filho, você é a minha vida.

— Eu também te amo, mãe.

William despediu-se de sua mãe, pegou as chaves do carro e saiu para casa de Helena. Antes de descer do carro ficou sentado olhando para a casa dela, precisava contar-lhe a novidade e a mudança de planos. De certo modo queria ficar com ela e não via a hora de pedi-la em casamento, mas tudo bem, sabia que sua mãe estava sofrendo tanto quanto ele com aquela situação. Desceu do carro e aproximou-se da porta tocando a campainha, Helena apareceu e jogou-se em seus braços beijando delicadamente seus lábios, pediu que entrasse e sentaram os dois ao sofá, logo ela percebeu algo estranho nos olhos dele.

Está tudo bem, meu amor? — Olhou para ele como se estivesse averiguando-o.

— Sim, ainda há pouco falei com a minha mãe e ela quer que eu vá passar o natal com ela. — Pegou sua mão e acariciou-a.

— Isso é ótimo, meu amor, assim quem sabe você faz as pazes com seu pai, porque o natal é isso, é perdão, é recomeço e a esperança de um amanhã bem melhor. — E sorriu dando um beijo em seu rosto. — Vai William, eu vou torcer muito para você fazer as pazes com o seu pai, ou melhor, ele fazer as pazes com você. — E abraçou-o.

— Não sei, sinto medo de ir. É muito dolorido ouvir as duras palavras que ele diz pra mim. — E olhou para ela com tristeza no olhar.

— Não se preocupe, vai dar tudo certo, olha eu tenho uma ideia, você deveria comprar um presente para o teu pai, uma coisa que ele goste muito — sugeriu

ela animada.

— É verdade e eu até sei o quê! Vou comprar um livro amanhã, você pode ir comigo?

— Claro meu amor, eu tenho certeza que ele vai adorar.

William e Helena passaram horas sentados ao sofá conversando, William contou que nunca viu seu pai agir daquela maneira com ninguém, ele não era uma pessoa ruim, só estava tentando protegê-lo. Sabia que estava sendo rude e um pouco hipócrita, não era fácil ouvir seus irmãos comentar que seu único filho homem não queria nada com a vida, mas o que o deixava triste era porque em nenhum momento sentou com ele para conversar. William queria que ele parasse por um minuto, só para ouvi-lo, tinha certeza que o entenderia. Helena apoiou a cabeça em seu peito massageando seus cabelos.

Na manhã seguinte, William e Helena foram a uma livraria comprar o livro preferido de seu pai. Não foi difícil encontrá-lo, pois ele adorava livros de ficção científica. Quando William chegou ao seu apartamento lembrou-se do que Helena havia falado uma vez para ele, que quando sentíamos algo por alguém não importava o sentimento, ficava mais fácil de expressar quando se escrevia, então foi até o quarto, pegou um bloquinho e uma caneta e escreveu o que estava sentindo. *“Pai, eu te amo muito, não gosto de vê-lo assim com raiva de mim, me desculpa por eu ter te decepcionado e não ter me transformado em um conceituado cirurgião como o senhor gostaria que eu fosse. Eu só queria que respeitasse a minha decisão, em nenhum momento eu quis lhe desrespeitar, porque o senhor é o meu pai, eu o amo e devo todo respeito do mundo, lhe admiro por ser um excelente chefe de família e um notável médico, para mim é sem dúvida o melhor pai do mundo e só pensa no*

meu bem. Eu só queria que o senhor soubesse que lhe amo e que um dia pudesse me perdoar e que nós voltássemos a ser como antes, pai e filho que sempre se amaram. De seu filho William Porfilio”. Ele colocou-o dentro do livro e o embrulhou.

Capítulo XXIII

Na manhã de quinta feira, William foi até à casa de Helena e levava o presente dela, ele bateu na porta e Leticia abriu, entrou e sentou-se no sofá, Helena apareceu na sala surpresa com a visita dele, não esperava vê-lo por ali tão cedo. Ele chamou-a e pediu que se sentasse ao seu lado, ele estava segurando o presente na mão. Helena olhou-o desejosa e esperou que ele falasse.

— Aqui dentro. — E ergueu a caixa. Aqui dentro tem algo muito importante pra nós dois, eu quero que você me prometa que só vai abrir esse pacote na noite do natal, certo? — E entregou-lhe.

— Certo. — Helena consentiu com a cabeça, olhando-o com brandura.

— Quando eu voltar de viagem gostaria que você me dissesse o que achou do presente, tudo bem? — E tocou em seu queixo.

— Sim. Como você quiser meu amor. — E deu-lhe um beijo nos lábios.

William virou a cabeça para falar em seu ouvido.

— Quero passar o dia com você, aceita?

Ela colocou as mãos em volta do seu pescoço e também virou a cabeça para falar-lhe ao ouvido.

— Hum! Pedido tentador esse, mas é claro que eu quero passar não só o dia, mas a vida inteira com você. Espera que eu vou só falar com a minha mãe pra não me esperar para o almoço. — Ela levantou e foi até à cozinha ter com Leticia, em seguida saiu com a bolsa e os óculos de sol.

William e Helena saíram para passear, foram assistir um filme no cinema do shopping, depois almoçaram na praça de alimentação, quando saíram do

shopping, caminhavam de mãos dadas e pararam em uma barraca para tomar água de coco, em seguida William pegou o carro e foram para o apartamento dele. Passaram a tarde conversando, rindo, fizeram amor desejando que aquele momento durasse para sempre. William beijava-a de forma doce e suave. Helena deliciava-se a cada toque, a cada afago. William percorria as mãos em suas costas fazendo-a sentir-se maravilhada com aquele amor puro e intenso que ele lhe proporcionava. Por um momento, William ficou calado, Helena perguntou-se o que poderia estar acontecendo para deixá-lo tão distante. Abraçou-o, ele segurou sua mão e beijou-a olhando com paixão e desejo, mas ela não ousou perguntar o que o afligia, apenas ficou ali deitada ao seu lado. No final do dia ele levou-a para casa.

À noite William não compareceu na casa de Helena, pois ficou no seu apartamento preparando as coisas para a viagem que era no dia seguinte, antes de ir dormir ligou para ela para dar boa noite e dizer que a amava.

Na manhã seguinte, dia 24 de dezembro, William foi até à casa de Helena, Leticia havia preparado um almoço para ele, visto que não passariam o natal juntos. À tarde, William voltou para o apartamento para preparar-se para a viagem, mas antes de ir foi até à casa de Helena novamente para despedir-se dela, parou o carro e ela correu ao seu encontro. Os dois ficaram abraçados embaixo da árvore que ficava em frente à sua casa.

— Ainda nem fui e já estou com saudades — disse beijando seu rosto.

— Eu te amo tanto William, vou ficar contando os segundos pra você voltar, meu amor. Presta atenção no que eu vou te falar porque é muito sério.

— Nossa. O que você tem de tão importante pra me contar? — Ele beijou a ponta do nariz de Helena.

— Olha William, não vai ficar de conversinha com a Fernanda, imagino que

ela vai estar na sua casa e vai fazer de tudo pra se aproximar de você — disse sorrindo encabulada.

William deu uma gargalhada e abraçou-a forte.

— Nem um pouquinho? — Puxou-a para mais perto de si.

— William, eu estou falando sério. — E olhou com expressão brava para ele.

— Meu amor, os meus olhos e o meu coração só estão fixos em você, eu te amo tanto Helena e não se preocupa vou ficar bem longe da Fernanda, tchau meu amor, agora tenho que ir. — Abraçou-a outra vez.

— Tchau tenha cuidado.

— Terei. — Ela abraçou-o com toda sua força e deu-lhe um beijo no rosto.

William retribuiu-lhe o abraço, entrou no carro e pôs-se a caminho da casa de seus pais. Estava nervoso, não se sentia preparado para ver o pai.

Capítulo XXIV

Foi uma viagem tensa e longa, ao chegar a casa, dona Marcela estava de braços abertos esperando ansiosamente por ele, que correu até ela, abraçou-a e recebeu beijos em troca, o que o fez sorrir. Wanessa correu jogando-se nos braços dele, e saíram para conversar, William sentia-se estranho e ansioso naquela casa, sentou em uma das cadeiras na área da piscina, próximo a Wanessa e olhou-a dando a mão para ela.

— Estou nervoso por estar aqui. — Passou a mão no cabelo.

— O que é isso? Aqui é sua casa, que conversa é essa, maninho? — E deu um leve empurrão nele.

— Não sei, me sinto estranho, é tão chato ficar sem falar com o papai, ele nunca tinha ficado assim comigo, tem hora que eu não o entendo. — E baixou a cabeça.

— Ele está lá no escritório, aproveita e vai lá conversar com ele. — Wanessa segurou sua mão encorajando-o.

Você acha?

Totalmente. — E ficou em pé puxando-o.

— Está bem, vou lá domar a fera. — Wanessa começou a sorrir dando-lhe um beijo no rosto.

William entrou em casa e foi caminhando lentamente até chegar ao escritório onde seu pai estava, o lugar era espaçoso, confortável e muito elegante, tinha uma cortina na cor vinho, as paredes na cor bege, tinha uma estante com vários livros no canto da sala, um suporte na parede para guardar documentos, um computador em cima da mesa juntamente com o porta-

retratos dos seus filhos, uma cadeira com rodas e uma poltrona. William entrou no escritório e olhou para o seu pai, que continuou de cabeça baixa.

— Oi pai — disse com a voz baixa. Seu Tomás ficou calado e ele continuou — Olha pai, não quero brigar com o senhor, sinto sua falta. Eu comprei um presente, é o seu livro preferido — Seu Tomás pegou o livro colocando em cima da mesa sem abrir, de repente dona Marcela entrou e chamou o filho olhando para o marido bem séria, mostrando que reprovava aquela atitude infantil dele.

— Vem meu filho, suas tias querem te ver. — William saiu sem ouvir a voz de seu pai.

— E aí, como foi? — Passou a mão no rosto dele.

— Ele não falou nada, nem olhou pra mim. — William balançou a cabeça.

William saiu para falar com suas tias e foi muito elogiado por elas, na casa encontrava-se toda a família reunida, tanto de dona Marcela, quanto a de Tomás. Enquanto William era lisonjeado pelas suas tias, dois de seus tios, irmãos do seu pai estavam cochichando, falando mal dele e com piadas muito desagradáveis. Sem eles perceberem, o pai de William chegou por trás deles e ouviu o que seus irmãos estavam falando, enfurecendo-se com aquelas piadinhas.

Nesse momento, dona Marcela foi até à cozinha para ver os preparativos do jantar, enquanto ela saiu, William aproximou-se dos seus tios para cumprimentá-los, quando ficou próximo deles, seu pai virou-se para olhá-lo, e fez uma cara de raiva. Com fúria apontava o dedo no seu rosto.

— Está vendo o que você está fazendo? Eu sou motivo de piadas por sua causa, quando eu disse para você ir embora eu falei sério, então por que você

não sai daqui? Porque eu não quero mais te ver aqui, está me entendendo? — Ele gritava mexendo os braços, todo alterado.

William baixou a cabeça decepcionado consigo mesmo.

— Peço que o senhor me desculpe e não se preocupe porque isso não vai mais acontecer, nem queria estar aqui mesmo, só vim por insistência da minha mãe.

William saiu às pressas e Wanessa correu atrás dele.

— Espere não vai, vamos falar com a mamãe — disse ela puxando o seu braço.

— Não Wanessa, eu já vou embora. Sabia que isso iria acontecer, eu não quero que a mamãe brigue com o papai por minha causa, tchau, feliz natal, eu te amo muito, dá um beijo na mamãe por mim e diz que eu a amo, mas não posso ficar aqui. — E saiu pegando seu carro.

Quando William se despediu de Wanessa ligou para Helena. Na casa dela estavam todos animados, a casa estava toda decorada e arrumada, Leticia havia preparado uma ceia e a árvore estava cheia de presentes. Carlos estava sentado ao piano e Helena cantava sentindo-se feliz. Quando se aproximava das 23h00min seu celular tocou, era William. Ela imediatamente saiu da sala e foi atender lá fora na varanda, pois dentro de casa fazia barulho. Minutos depois, ela entrou com o semblante triste, Carlos percebeu logo. Helena sentou-se no sofá com a cabeça inclinada para trás e as pernas estiradas.

— O que foi, filha? — E parou de tocar o piano.

— O William não se entendeu com o pai dele e já está voltando. Nossa, papai eu pensei que dessa vez eles iam se entender, mas vejo que o pai dele é um insensível, que pena, eu achei a voz do William estranha acho que ele estava

chorando. — E ergueu as sobrancelhas.

— Não é pra menos, minha filha, ele sabe que não fez nada de errado e não entende o motivo do pai tratá-lo tão mal, isso é bastante difícil pra ele.

— Mas se o pai não o quer lá, eu o quero aqui, então vamos cantar porque William já está de volta, chega de falar em tristeza, estou satisfeita, pois vou passar o natal ao lado do meu grande e inesquecível amor. — E começou a dançar.

Carlos sorriu do modo como Helena dançava, Carlos tocava o piano e ela cantava. Quando foi atender a chamada de William, ele contou-lhe tudo que tinha acontecido, falou das palavras duras e horríveis que seu pai havia lhe falado e prometeu que já ia voltar para ela, pediu que o esperasse e que a amava, disse-lhe ainda que era o homem mais feliz do mundo porque a tinha ao seu lado. Helena confessou que estava feliz por ele voltar.

Assim que William pegou o carro, dona Marcela apareceu, viu-o a ir embora, e aproximou-se de Wanessa, aborrecida.

— Para onde o William está indo? — Olhou para Wanessa sentindo-se decepcionada.

— Foi embora, o papai disse coisas horríveis para ele — disse ela com os olhos cheios de lágrimas.

Dona Marcela saiu indignada, aproximou-se do marido com as duas mãos na cintura e olhou para ele furiosa.

— O que você está fazendo? Ficou louco? Por que está tratando o seu filho dessa maneira? Olha Tomás eu não vou me afastar do meu filho por causa do seu orgulho idiota, eu quero que você ligue agora para o William se desculpando e pedindo pra ele voltar. Somos uma família, não destrói aquilo

que temos de mais bonito, você acha que o William não está sofrendo? Por favor, liga pra ele, por favor. — E começou a chorar. Tomás abraçou-a no mesmo instante.

William pegou o carro e sem se despedir de sua mãe foi embora, sentia-se tão nervoso e com raiva que começou a chorar e nem se lembrou de colocar o cinto de segurança, quando estava alguns metros de distância da casa veio um carro desgovernado batendo no carro dele, o que fez com que este capotasse três vezes, nesse momento seu pai estava ligando para ele e só dava na caixa de mensagem. Não demorou muito para que Tomás recebesse um telefonema de um policial dizendo que William havia sofrido um grave acidente, dona Marcela percebeu a reação atônita dele e preocupou-se.

— O que foi? Fala o que está acontecendo?

— O Will.

— O que tem meu filho? — E segurou o braço dele com força.

— Ele sofreu um acidente — disse paralisado.

Marcela deu um grito repetindo as palavras do marido.

William sofreu um acidente de carro — berrou ela.

Todos que estavam na casa ficaram sabendo, dona Marcela ficou desesperada. William havia sido levado para o Hospital de sua família.

Quando estava se aproximando das 23h30min, o celular de Helena tocou e Heitor atendeu, pois nesse momento ela havia ido à cozinha ajudar sua mãe.

Ele ficou atordado com a notícia.

— O quê? — disse sentando-se no sofá.

Ele falou tão assustado que Carlos parou de tocar o piano, Helena ouviu a voz do irmão e aproximou-se dele.

— O que foi? Quem está ligando, é o William? Por que você está com essa cara? Fala Heitor — disse espantada.

Heitor olhou para a irmã suspirando, segurou a mão dela e puxou-a para se sentar no sofá perto dele.

— O William sofreu um acidente de carro. — Helena puxou a mão da dele com rapidez.

As palavras ficaram ecoando na sua cabeça e começou a chorar e a gritar com as mãos na cabeça, estava desesperada e Heitor tentando acalmá-la.

— Vai ficar tudo bem, ele já está no hospital para fazer a cirurgia. — Tentava abraçá-la sem sucesso, pois ela não parava quieta.

Ela virou-se para o pai, apavorada.

— Vamos papai? Vamos pra lá agora, por favor — falava com a voz trêmula. Carlos pegou a chave do carro e Leticia sua bolsa, trancou a casa e foram todos para Belo Horizonte. Quando estava amanhecendo o dia, eles chegaram ao hospital.

Capítulo XXV

Seu Tomás e seus irmãos foram às pressas para o hospital, fazer a cirurgia de William, mas o estado de saúde dele era muito grave, seu Tomás fez tudo que pôde para salvar a vida do filho, mas ele não resistiu aos ferimentos e acabou morrendo. Seu Tomás começou a chorar em cima do corpo de William pedindo-lhe perdão, mas era tarde demais e ele não sabia como iria dizer a verdade para sua esposa, que o filho não resistira.

Dona Marcela estava como louca dentro do hospital, andava de um lado para o outro, até que seu irmão Júlio apareceu na recepção, ele ficou parado olhando-a. Ela percebeu que alguma coisa estava errada e correu para cima dele.

— Cadê meu filho? Está tudo bem? Eu quero vê-lo, como ele está? — gritava trêmula batendo no peito dele.

Júlio não pôde falar nada, apenas lágrimas escorreram de seus olhos e ela sentou-se no chão do hospital em prantos. Júlio sentou-se ao seu lado beijando sua cabeça, sem dizer uma palavra. Dona Marcela encostou a cabeça no ombro dele chorando, não podia acreditar que havia perdido seu filho amado, aquilo não estava acontecendo, não com ela. O que ela tinha feito de errado para ter recebido um castigo daqueles? Como poderia viver sem seu filho ao seu lado? Seu coração estava sangrando, sentiu uma dor que não podia explicar. E Júlio abraçou-a fortemente. Já estava amanhecendo o dia quando Helena chegou ao hospital com seus pais e seus irmãos. Quando entrou no hospital e viu Wanessa chorando, sentiu seu corpo paralisar, congelou, parecia que ela havia saído do seu corpo, sentia que alguma coisa muito grave tinha acontecido, só não imaginava o tamanho da gravidade, quando Wanessa viu Helena, correu para abraçá-la.

— Ele está morto, meu irmão está morto — gritava Wanessa, abraçada a Helena.

Helena não aceitava o que acabara de ouvir e começou a gritar, seu pai tentou abraçá-la, mas sem sucesso, pois ela correu pelo corredor do hospital, era tão grande que ela sentia que não conseguia chegar onde William estava. No meio daquele imenso corredor não conseguia ver ninguém, era como se estivesse sozinha ali dentro e perdida, olhava em cada quarto e não o via até que finalmente o encontrou. Ficou parada na porta do quarto, atônita ao vê-lo deitado na cama, correu, abraçou-o e beijou-o. Colocou a cabeça no seu peito, queria sentir seu coração bater, e falava em voz alta:

Meu amor, pare com essa brincadeira! Você não pode morrer, você prometeu que nunca ia me deixar, por favor, você é forte, não pode. Levanta, por favor.

Helena passava as mãos no rosto dele, estava tão frio e pálido, e seus olhos fechados. Pensar que nunca mais veria aqueles olhos azuis, aquele sorriso tímido, nem ouviria a sua voz chamando seu nome tão carinhosamente. Não poderia ser verdade, aquilo não estava acontecendo, só poderia ser um pesadelo e ela queria acordar, precisava acordar. Helena fechou os olhos apertando-os com tanta força querendo que tudo voltasse ao normal.

Eu só queria ficar com você — falava baixinho ao seu ouvido —, eu te amo e vou te amar pra sempre, não posso te perder, o que vou fazer da minha vida? Abre os olhos William, por favor. — E beijou nos seus lábios frios. De repente foi surpreendida por dona Marcela que entrou e abraçou-a.

— Ele te amava tanto, te amou como nunca amou alguém na vida e você fazia bem pra ele. Eu nunca o vi tão apaixonado, ele estava tão feliz, como isso pôde acontecer com o meu filho? Deus, por quê? — E as duas choravam abraçadas. Nesse momento seu Tomás entrou no quarto e Helena correu para

cima dele esbravejando.

— A culpa é sua, seu monstro! Ele só queria teu amor só isso, viu só o que você fez? Eu dei tanta força pra ele vir te ver e olha só, perdi por tua causa. Se eu soubesse não teria deixado ele vir até aqui, você o matou. — E apontava com o dedo na cara dele.

Em um instante o quarto estava cheio de pessoas, seu pai segurou-a e ela desmaiou. Quando acordou já estava deitada em uma cama do hospital, sua mãe junto com seus irmãos estavam ao seu lado, Helena sentou-se na cama e abraçou Leticia começando a chorar.

— Por quê ele, mamãe? Como viverei sem ele?

Leticia não conseguia falar, apenas abraçou a filha bem forte.

— A senhora nem imagina como estou por dentro, dói tudo, me sinto sufocada, esse momento sem dúvida tá sendo um dos piores momentos da minha vida — disse ela chorando.

Capítulo XXVI

À tarde levaram o corpo do William para uma igreja onde seria velado. Logo na entrada havia cartazes de despedida dos familiares dele. O salão da igreja estava lotado, havia várias coroas em sua homenagem. Helena não conseguiu entrar, queria fugir dali e tentar acordar daquele pesadelo, seus pais a abraçaram e ela finalmente decidiu entrar com eles. Sentou-se no banco bem na frente só observando aquelas pessoas indo ao caixão de William, havia umas mulheres paradas ao lado dele e ela pôde perceber que eram suas tias, e um homem que logo entrou com óculos escuros percebeu que era seu tio Júlio, ele estava desolado, dona Marcela não saiu do lado do filho. Helena levantou e caminhou em direção a ela.

— Ele lhe amava muito e eu sinto tanto, não pensei que isso poderia acontecer com ele — disse Helena abraçando-a.

Helena aproximou-se do caixão e olhava fixamente para William, não conseguia piscar os olhos, sentiu seu corpo tremer, uma falta de ar e bastante medo, dona Marcela segurou sua mão apertando fortemente, foi quando respirou profundamente fechando os olhos e deixando uma lágrima rolar pelo seu rosto. “Imaginar que estou aqui para dar- lhe o último adeus, como isso pôde acontecer? Como viverei sem olhar você todos os dias? Como está sendo difícil ter que me despedir de você, meu amor e agora para sempre. Chegou a hora de me despedir para sempre de você, mas saiba que você jamais sairá do meu coração, meu amor, meu lindo e eterno amor, para sempre vou ter você no meu pensamento e no meu coração, nunca esquecerei tudo que vivemos juntos, pois agora só viverei das lembranças que vivi ao seu lado, que é tudo que me resta, isso a vida não me pode tirar. Todo o amor, carinho, amizade, ternura, tudo isso eu vivi ao seu lado, e vai estar pra sempre guardado no meu coração, não queria sentir o que estou sentindo

agora, mas é mais forte que eu, esse medo que assola meu coração está me deixando assustada e todas essas lembranças estão acabando comigo, porque não queria e não quero viver apenas de lembranças suas, William. Quero você ao meu lado como sempre foi, sinto sua falta, sinto saudades de você, do seu sorriso, do seu abraço apertado, dos seus beijos e carícias, da sua voz cantando pra mim, de tudo que vivemos juntos e que a vida tirou impiedosamente de mim”. Enquanto pensava, Helena passava a mão delicadamente no rosto de William e tentava entender tudo aquilo, nada parecia real. Ela apertou os olhos balançando a cabeça e dona Marcela abraçou-a bem forte, deixando-a chorar em seu ombro, mas não conseguia dizer-lhe uma palavra, parecia que para elas, o mundo havia parado naquele momento.

Seu Tomás passou mal e foi internado, estava em estado de choque, não parava de chorar e de lamentar-se, deitado em uma cama do hospital, tomando soro e sozinho.

— Foi minha culpa, perdi meu filho, meu Deus não vou suportar essa dor que estou sentindo, me ajude, o que eu vou fazer? — queixava-se chorando.

Na manhã seguinte seu Tomás foi para casa e pegou o livro que William havia lhe dado. Quando o abriu, viu o papel que ele havia escrito e começou a ler e a chorar ao mesmo tempo, no mesmo instante ele sentiu uma forte dor no peito e precisou ser internado novamente, sem poder comparecer ao velório do filho. “Como fui covarde, quis dar uma lição e assustar meu filho, tudo isso para ver se ele voltava para casa, olha só, quem teve uma lição fui eu e da pior forma possível, tratei-o tão mal, abusei do meu poder de pai e só o afastei para longe de mim, agora para sempre. Não sei se um dia vou me recuperar dessa dor que sinto aqui no meu peito, não sei se vou conseguir

olhar nos olhos de Marcela novamente, sei que vai me culpar, mas estou preso na minha própria consciência, pois estou ciente que sou o único culpado por essa tragédia, nunca vou conseguir viver em paz por ter provocado a morte do meu filho, sinto-me como se tivessem arrancado um pedaço de mim, como eu o amo e não pude dizer quando estive ao meu lado implorando meu perdão, meu filho amado, minha vida, nunca vai poder me perdoar, fui um completo idiota, vou viver pra sempre nessa culpa”, pensava ele, chorando com os olhos fechados.

Carlos ligou para Mauro e deu-lhe a triste notícia, pediu que se fosse possível ele comparecesse ao velório de William junto com os amigos dele do teatro. Carlos queria que Helena homenageasse William cantando a música que ela havia escrito para ele. Quando seu pai fez esse pedido ela ficou sem reação, pensando que não poderia cantar, sabia que não teria força para cantar, sentia-se fraca, mas seu pai disse que seria importante para dona Marcela saber que o amor dela era tão grande quanto o dele. Para a surpresa de Helena, Mauro compareceu ao velório juntamente com alguns amigos de William e foi aí que ela juntamente com eles prestaram uma homenagem. Todos os presentes emocionaram-se ao ver Helena declarando seu amor para William.

Capítulo XXVII

Quando Helena retornou para casa com seus pais foi direto para seu quarto. Leticia queria acompanhá-la, mas ela pediu que a mãe saísse do seu quarto, pois desejava ficar sozinha. Helena não parava de chorar, não acreditava no que tinha acontecido, “como poderia alguém tão jovem, tão forte morrer assim? Como ele pôde deixar-me? O que iria fazer, não conseguiria suportar a ausência dele, pois sentia-se frágil, sempre que fechava os olhos se assombrava com ele deitado naquele caixão, não queria vê-lo daquela maneira, e também não conseguia pensar no que ia fazer da sua vida, por quê meu Deus? Por que ele? Será que um dia essa dor vai passar? Como vou viver sem ele ao meu lado?”, pensava ela abraçada ao travesseiro.

Cada momento que passaram juntos foi precioso para Helena e agora ia ter que aprender a viver sem William. Depois de algum tempo deitada, levantou da cama e foi tomar banho, a água caía juntamente com as lágrimas, quando terminou vestiu um pijama e deitou-se. Chorou tanto que acabou adormecendo em meio às lágrimas, estava fraca e não conseguia comer nada. Na manhã seguinte não tinha forças para levantar e continuou deitada na cama, sua mãe entrou em seu quarto, havia preparado um café da manhã, mas ela nem olhou para a comida, não conseguia nem falar, parecia que sua garganta tinha dado um nó, sua mãe respeitou sua atitude e saiu do quarto. Depois de alguns minutos Helena lembrou-se do presente que William havia lhe dado, levantou da cama e foi pegá-lo, quando retornou ao seu quarto sentou-se na cama e abriu lentamente, primeiramente leu a carta, pois estava em cima do pacote. Suas mãos tremiam, seus olhos estavam embaçados de tanto chorar, ela fez uma pausa respirando fundo e continuou a ler. Assim que acabou, abriu a caixa e pegando em uma caixinha, tirou o bilhete. Ao ler, sentiu seu corpo despencar e por um impulso gritou pela mãe, tão alto que

Leticia e Carlos entraram correndo em seu quarto e viram Helena deitada sobre os papéis aos prantos. Eles não sabiam o que estava acontecendo, Leticia aproximou-se da filha e abraçou-a pedindo que Carlos a deixasse a sós com ela.

— Está tudo bem! Estou aqui minha filha, vai ficar tudo bem. — E passava a mão em sua cabeça.

— Não vai mamãe, eu o amo. — E aconchegou-se nos braços da mãe.

— Eu sei querida, mas você tem que ser forte.

— Eu não consigo.

— Claro que consegue, um dia essa dor vai passar e só vão ficar as lembranças boas.

Helena virou-se para a mãe e mostrou a carta e o bilhete, Leticia leu e segurou-se para não chorar na frente da filha, uma lágrima caiu de seus olhos e ela enxugou antes que Helena notasse. Leticia ficou abraçada com a filha e dando carinho até que Helena adormeceu em seus braços. Depois saiu do quarto. Quando Carlos perguntou para ela o que tinha acontecido, sua voz ficou rouca, quase não saía.

— Ele ia pedi-la em casamento. — Leticia começou a chorar e Carlos abraçou-a.

Mais tarde, quando Helena acordou, pegou a caixinha, abriu e beijou o anel antes de colocá-lo no dedo, virou de lado e colocou a mão sobre o travesseiro olhando para ele. Por uns minutos perdeu-se em seus pensamentos. “Ainda não sei como vou fazer pra continuar levando a vida como antes, mas tenho que tentar. Apesar dessa dor que estou sentindo tenho que permanecer forte”. E não parava de chorar. Ela permaneceu no seu quarto, não queria ver

ninguém. Todos os dias seus amigos ligavam, mas ela nunca atendia, já sabia o que eles iam falar, que tinha que sair para se distrair um pouco, sabia que eles iriam comentar sobre William, que ele não gostaria de vê-la daquela maneira, mas ela não queria falar sobre aquilo, estava arrasada, sentia seu coração despedaçado. A morte não leva só a pessoa que você ama, mas uma parte de você morre junto, porque a dor é tão forte no peito como se o seu coração estivesse sendo cortado em mil pedacinhos. Por mais que você queira ser forte não consegue, porque você sabe que nunca mais viverá aquela linda história de amor, talvez nunca mais encontre uma pessoa tão especial como aquela, então você duramente perceberá que nunca mais sua vida será a mesma, tudo que você sonhou, planejou, idealizou, você sabe que nada disso se concretizará, seu coração ficará sofrido, padecido e cheio de dor, quando se lembrar de que a pessoa que você tanto amou partiu para sempre. É tão estranho, você fica sem chão, é tão angustiante, a vida muitas das vezes parece ser cruel e injusta. Você sente por um instante o mundo parar de girar e um momento de grande susto acontece em sua vida e tudo muda de forma, de cor, de lugar, não sei explicar, e como um passe de mágica você vê sua vida mudar para sempre e uma nuvem negra paira sobre sua cabeça, e seu coração dispara quase perdendo o controle, e então você finalmente sente uma mistura de medo, pavor, ansiedade, tudo isso é algo impossível de explicar. Helena virou-se para o outro lado da cama cobrindo o rosto com o travesseiro tentando não se atormentar tanto, não queria pensar daquela maneira, pois sabia que não estava fazendo bem para si mesma e a cada dia sentia-se mais deprimida, desanimada, abatida.

Nas semanas seguintes ao funeral de William, Helena estava tão paralisada pela dor, que não tinha mais forças para chorar. A única certeza que tinha na

vida, era que todos nós partiríamos um dia, isso de fato era uma certeza, mas quando a partida era cedo demais e ainda por cima tragicamente interrompida, fazendo cessar toda e qualquer possibilidade de ter uma vida longa e feliz ao lado da pessoa amada, era difícil de ser superado. A morte é algo que não cede perante súplicas ou pedidos de alguém, ela pode até levar fisicamente a pessoa, mas jamais pode roubar ou apagar da memória tudo que foi vivido ao lado dela, e principalmente as recordações e as emoções vividas, essas serão guardadas pra sempre no coração. “Hoje enfrento um dos momentos mais complicados da minha vida, o de seguir em frente, pois não está sendo nada fácil, porque planejamos e sonhamos seguir em frente juntos, quando revivo os últimos momentos que estive ao seu lado, eles passam como um filme em minha mente. A sua ida em minha casa logo de manhã cedo, a entrega do seu presente, que fora o mais lindo de todos, como desejou que aquele pedido de casamento tivesse se concretizado, o passeio que tiveram, o filme que assistiram, a última vez que fizeram amor, a despedida dele quando foi viajar para nunca mais voltar. Aquele beijo, o abraço apertado era algo que agora ficaria para sempre guardado em sua memória”, pensava ela.

Depois de ficarem juntos de uma forma tão intensa, era difícil aceitar o fato de que ele havia partido tão de repente. A falta que William fazia deixava-a muitas vezes amargurada, com lágrimas nos olhos, sentia-se melancólica e com um aperto no coração, com uma saudade dilacerando em seu peito.

Deu um sorriso triste, tentando tirar aqueles pensamentos de sua mente, lembrou que estava na hora de olhar para frente e decidiu voltar para a universidade. O mundo para ela não fazia mais sentido, nada fazia mais sentido, estava perdida e sozinha, um dia acordou cheia de planos e feliz, outro dia acordou sem ter nada, sem o William para abraçá-la, beijá-la,

encorajá-la. Tudo mudou ao seu redor, nada a emocionava mais como antes, não podia torturar-se mais, pois sabia que era o William que fazia sentindo na sua vida, como podia viver cercada por pessoas e sentir-se sozinha?

Alguns meses depois Helena estava no seu quarto lembrando que naquele dia fazia um ano que ela havia visto William pela primeira vez, foi um dia muito especial, pois realizaria um sonho de participar de um musical como atriz principal. Sempre sonhou em viver uma história de amor, dessas que só se vê em filmes, nunca imaginou que de uma só vez realizaria seu sonho, conheceria seu grande amor e juntos viveriam como nos filmes, realmente ela viveu, Deus havia lhe proporcionado que vivesse uma linda história de amor, até porque nunca imaginou que contos de fadas existissem, mas conhecer o William e viver tudo que viveu ao lado dele passou acreditar que contos de fadas podem até existir, mas o “felizes para sempre” não. Ela viveu tudo que uma garota romântica e sonhadora poderia, que pena que durou tão pouco.

Helena olhou para o céu da janela do seu quarto, a lua estava cheia e havia nuvens cinzentas, e poucas estrelas. Aquele cenário deixou-a ainda mais triste e melancólica, ela sentia um vazio dentro de si e não conseguia explicar. Foi aí que resolveu sair do quarto e sentar-se na varanda de sua casa. Estar ali sentada e sozinha, fazia com que todas as lembranças de William voltassem como um flash na sua cabeça. Olhar para o céu dava uma sensação de angústia e que só passaria se pudesse sentir o abraço dele, queria ouvi-lo, sentir seu cheiro, seu toque. “Meu amor por que você me deixou? Não consigo, acho que não sou tão forte como você pensava”. Ela enxugou as lágrimas que rolavam em seu rosto, puxou as pernas para cima abraçando os joelhos e olhou novamente para o céu, a lua agora estava saindo dentre as nuvens e mostrava um brilho tímido. Helena permaneceu ali horas perdida

nos seus pensamentos até que resolveu entrar e ficou em pé na janela do quarto. “Dizem que o tempo cura tudo, mas será que um dia ele irá sanar a dor e a saudade que carrego no meu peito? Por que esse mesmo tempo ainda não aliviou o meu sofrimento? Por que ainda lágrimas insistem em molhar meu rosto? Esse vazio que sinto só faz aumentar minha amargura, talvez esse tempo não apague minha aflição, mas indubitavelmente acalmará minha angústia”. Helena deitou-se na cama com a cabeça no travesseiro, beijou a mão onde se encontrava o anel e pouco a pouco sentiu seus olhos pesarem e adormeceu.

Quando se aproximava a primavera, Helena sentiu vontade de sair de casa e andar um pouco, não podia render-se à amargura, ela precisava seguir em frente. “O meu caminho ainda está por fazer e vou viver cada dia como se fosse o último. Vou ter sempre na memória seu amor e carinho, William, mas tenho que ser forte como você acreditou que eu fosse. Eu sei que preciso superar tudo isso, mas não é fácil, pois sinto saudades, muitas saudades! Até hoje essa tragédia me deixa inconformada, talvez seja por isso que essa saudade dói tanto. Às vezes sinto vontade de gritar, de colocar pra fora toda essa angústia”, este era o pensamento de Helena naquele momento. Ela balançou a cabeça dando um sorriso melancólico, olhou para o céu suspirando, as árvores floridas já coloriam as ruas e avenidas, as diversas árvores de flores amarelas e violetas davam vida às ruas. Ela decidiu ir ao Parque Ibirapuera sentar-se embaixo da árvore preferida de William, e começou a chorar e a lembrar de quando o viu pela primeira vez naquele teatro, ela continuava sem acreditar que ele não estaria mais ao seu lado. As árvores próximas à lagoa contrastavam o tom verde das demais, abrangendo uma paisagem lindíssima, o céu estava azul e os pássaros voavam sobre

aquela imensidão. Helena deitou-se sobre a grama verde e começou a pensar. “Meu amor, quando penso no que nós vivemos e agora não existe mais. Sei que minha mãe diz que eu tenho que superar tudo isso, vai ser uma batalha árdua, mas tenho que ser forte por você, você sempre dizia que eu era forte e sempre sabia resolver os problemas da melhor forma possível, só por isso vou continuar tentando, te amo William e sempre vou te amar. Sei que um dia esse sofrimento vai ser amenizado e apenas os bons momentos e os dias felizes serão lembrados, assim a saudade será menos sofrida e mais suave”.

Helena foi intensamente feliz ao lado de William. E assim o tempo passou. Ela formou-se em música, transformou-se em em uma grande pianista e também atriz e passou a acreditar que a superação, o amor, e acima de tudo o perdão, eram essenciais para uma vida feliz.

Fim

Primeiro, quero agradecer a Deus, por essa conquista em minha vida.

“A menina da saia rosa”, é um romance apaixonante, envolvente, não poderia ter sido escrito sem o apoio da minha família, que tanto me ajudou nessa caminhada. Minha mãe Maria que tanto se preocupava por eu não dormir à noite para escrever, mas que no final valeu a pena passar aquelas noites em claro, e minhas inigualáveis irmãs: Eleuda, Eolete (Helena ao qual leva o nome da minha personagem). Meus irmãos: Pedro, Evanildo que tanto se orgulham de mim. E aos meus sobrinhos, em especial Simone que vivia na expectativa de ver esse livro sendo publicado.

Também quero agradecer ao Josué Matos, meu editor ao qual tenho minha eterna gratidão, uma pessoa incrível e que me ajudou muito. À editora pendragon que pôde fazer desse sonho possível. Susana Silva que fez um excelente trabalho ao revisar meu livro, só tenho que agradecer, essa pessoa maravilhosa e muito competente.

Às minhas lindas amigas Laysa Karoline, Raquel e Thaynan, que tanto torceram por mim, e sonharam junto comigo. E ao meu eterno amigo Wilton que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

